



Universidade de Brasília

Instituto de Letras - IL

Departamento de Linguas Estrangeiras e Tradução -LET

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - Postrad

CAROLINA DIAS PINHEIRO

“Feita Especialmente para Você”: Considerações sobre
a Tradução de Bíblias Temáticas no Brasil

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Brasília

10 de Março de 2017

CAROLINA DIAS PINHEIRO

**“Feita Especialmente para Você”: Considerações sobre
a Tradução de Bíblias Temáticas no Brasil**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Postrad, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução

Orientadora: Alessandra Ramos de Oliveira Harden

Brasília

10 de Março de 2017

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E CATALOGAÇÃO

PINHEIRO, Carolina Dias. **“Feita Especialmente para Você”**: Considerações sobre a Tradução de Bíblias Temáticas no Brasil. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2017, 143f.

Dissertação de mestrado em Estudos da Tradução. Documento formal, autorizando reprodução desta dissertação de mestrado para empréstimo, exclusivamente para fins acadêmicos, foi passado pelo autor à Universidade de Brasília e acha-se arquivado na Secretaria do Programa. O autor reserva para si os outros direitos autorais, de publicação. Nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor. Citações são estimuladas, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

PINHEIRO, Carolina Dias

“Feita Especialmente para Você”: Considerações sobre a Tradução de Bíblias Temáticas no Brasil / CAROLINA DIAS PINHEIRO;

Orientadora: Alessandra Ramos de Oliveira Harden

Brasília, 2017

143 p.

il. (algumas color.)

Dissertação (Mestrado – Mestrado em Estudos da Tradução)
Universidade de Brasília, 2017

1. Bíblia Temática 2. Comentário bíblico 3. Estudos
Descritivos em Tradução (DTS) 4. Literatura evangélica
I. Harden, Alessandra Ramos de Oliveira, orient. II. Título

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

**“FEITA ESPECIALMENTE PARA VOCÊ”: CONSIDERAÇÕES SOBRE A
TRADUÇÃO DE BÍBLIAS TEMÁTICAS NO BRASIL**

CAROLINA DIAS PINHEIRO

Dissertação de mestrado submetida ao programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução- Postrad, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Alessandra Ramos de Oliveira Harden (POSTRAD/UnB)
(Orientadora)

Professor Doutor Julio Cesar Monteiro (POSTRAD/UnB)
(Examinador interno)

Professora Doutora Marie-Hélène Catherine Torres (PGET/UFSC)
(Examinadora Externa)

Professora Doutora Germana Henriques Pereira de Sousa (POSTRAD/UnB)
(Suplente)

Brasília - DF, 10 de março de 2017

*Ao Criador de tudo, infinito, sobrenatural, incompreensível e piedoso.
“Porque d’ Ele e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele
eternamente. Amém.” (Romanos 11:36, ARC)*

Agradecimentos

O meu interesse pela Bíblia já dura vários anos. Comecei a lê-la ainda na infância, em busca de respostas sobre Jesus Cristo, sobre anjos, sobre a alma e sobre todo o sobrenatural que não podemos ver. Por fim eu também desenvolveria um interesse por tudo aquilo que é escrito nos limiares do texto bíblico. E esse tema acabou por se tornar meu foco de estudo acadêmico. Minha trajetória até aqui é bem mais longa do que dois anos. Tenho muitos a quem agradecer.

Dentro da Universidade, meus agradecimentos ao Prograd, professores e funcionários, por toda paciência e atenção. À Capes, pelo financiamento da pesquisa. E aos colegas, pelo apoio (simplesmente ouvir um “seu trabalho é muito legal” já fazia toda a diferença). Muito obrigada.

Aos membros do Projeto OTRAPO, Oficina de Tradução Potencial, conduzido pelo professor Eclair Almeida Filho e pelo professor Augusto Rodrigues. Trabalhar com vocês é um privilégio.

À professora Germana Henriques, pelos “cascudos” e debates em sala de aula. Ao professor Júlio Cesar Monteiro, pelos conselhos na qualificação e nas disciplinas. À professora Marie-Helene Torres, por aceitar participar da banca e por todos os conselhos dados em sala, quando a pesquisa ainda estava tomando forma. Muito obrigada.

À minha orientadora, Alessandra Ramos de Oliveira Harden, simplesmente por tudo. Obrigada por preservar minha autonomia, pela paciência e por estar sempre por perto, mesmo que fosse do outro lado do oceano.

Aos meus familiares, obrigada por torcerem por mim. À minha prima-irmã Adriana, em especial, não só por ter carinhosamente lido partes do trabalho, mas também por ter me presneteadado com vários títulos do meu “acervo” pessoal de Bíblias, incluindo minha primeira Bíblia Temática.

Ao meu pai, Mauricio, por toda dedicação com meus estudos, pelo orgulho que sentia de mim e pelo respeito que me ensinou a ter pela leitura da Bíblia, embora, dissesse, não fosse religioso. Sinto sua falta, pai.

Os agradecimentos à minha mãe, Eglantine, são menores apenas que os agradecimentos à Deus. É impossível expressar em palavras.

Minha suprema devoção, por fim, ao Criador de tudo e Senhor da minha vida, que me conhece profundamente.

*E, correndo Filipe, ouviu que lia o profeta
Isaías, e disse: Entendes tu o que lês?*

*E ele disse: Como poderei entender, se
alguém não me ensinar?*

Atos 8:30,31 (ARC)

Resumo

Bíblias Temáticas (BT) são formadas pela combinação do texto bíblico com paratextos (ou comentários) cuja finalidade é influenciar o leitor na interpretação e compreensão de determinadas passagens. Esses comentários temáticos são organizados de forma a delimitar o público-alvo consumidor do produto final, o que cria nichos específicos para comercialização e recepção do texto bíblico. No que diz respeito aos Estudos da Tradução, existem BTs compostas por comentários temáticos traduzidos e anexados a um texto bíblico já existente na cultura receptora. É preciso desenvolver um pensamento analítico específico para examinar as consequências desse relacionamento entre discursos. Da mesma forma, é possível inferir algumas características sobre a cultura do sistema receptor (que traduz o comentário) a partir da forma com que os discursos paratextuais à Bíblias foram reapresentados. A construção que essa análise requer encontra base teórica nas metodologias descritivas em Estudos da Tradução, e por isso ocorre também uma investigação histórica e cultural dos sistemas fonte e receptor.

Palavras-chave: Tradução de textos religiosos; Bíblia temática; comentário temático; paratextos; Estudos Descritivos em Tradução (DTS)

Abstract

Thematic Bibles (TB) are composed by the biblical text and by paratexts (or commentaries) in which the ultimate purpose is to influence the reader in interpreting and understanding certain passages. These thematic reviews are organized in a way that delimits the consumer audience of the final product, which creates specific groups for the commercialization and reception of the biblical text. Regarding Translation Studies, there are TBs composed of thematic commentaries translated from a foreign language and attached to an already existing biblical text in the target culture. A specific analytical method needs to be developed to examine the relationship between these discourses and its consequences. In the same way, it is possible to infer some characteristics about the culture of the target system from the way in which the paratexts were re-presented. The construction of this analysis requires an adequate analysis of the descriptive methodologies in Translation Studies and also a historical and cultural research.

Key-words: Translation of religious texts; thematic Bible; thematic commentary; paratexts; Descriptive Translation Studies

Lista de ilustrações

Figura 1 – Capa e Miolo da Bíblia da Garota de Fé	26
Figura 2 – Exemplo de comentário temático acima do texto bíblico	35
Figura 3 – Introdução ao livro de Provérbios	39
Figura 4 – Exemplo de Quadro	41
Figura 5 – Segundo Exemplo de Quadro	42
Figura 6 – Exemplo de nota de rodapé	44
Figura 7 – Exemplo de tabela	45
Figura 8 – Exemplo de ilustração explicativa	46
Figura 9 – Exemplo de ilustração decorativa	47
Figura 10 – Exemplo de Mapa	49
Figura 11 – Capas de BT original e traduzida	61
Figura 12 – Coleção The Power of a Praying...	62
Figura 13 – Outros livros de Stormie Omartian publicados no Brasil sobre a temática “oração”	63
Figura 14 – Comparação do interior entre uma BT original e a tradução	64
Figura 15 – Foto de livro devocional evangélico do fim do século XIX (1887)	71
Figura 16 – Capa da Hands-On Bible	86
Figura 17 – Pagina de Dedicatória	87
Figura 18 – Página da Hands-On Bible	88
Figura 19 – Páginas anteriores aos testamentos	95
Figura 20 – Introdução ao Livros de Gênesis	96
Figura 21 – Legenda	97
Figura 22 – Exemplo de quadro com experiências	98
Figura 23 – Inserção dos Bible Bios em relação ao texto bíblico	100
Figura 24 – Colocação do quadro Key Verse na página	101
Figura 25 – Colocação do texto God’s Mater Plan dentro da publicação	104
Figura 26 – The Jesus Connection	104
Figura 27 – Tabela The beginning and the end	107
Figura 28 – Mapa “Paul’s Journey’s”	110
Figura 29 – Contracapas	114
Figura 30 – Capas em rosa e azul	115
Figura 31 – Ilustrações do original e da tradução	116
Figura 32 – Modificações no texto da página A-12	120

Lista de tabelas

Tabela 1 – Esquematização dos Paratextos na Hands-On Bible	90
Tabela 2 – Recolocação do Comentário Temático na Tradução	117

Lista de abreviaturas e siglas

ARA	Almeida Revista de Atualizada
ARC	Almeida Revista e Corrigida
BT	Bíblia Temática
NLT	New Living Translation
NTLH	Nova Tradução na Linguagem de Hoje
SBA	Sociedade Bíblica Americana
SBB	Sociedade Bíblica do Brasil
SBBE	Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira
SBU	Sociedades Bíblicas Unidas

Sumário

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	Bíblia, texto bíblico, versão e tradução	17
1.2	Evangélico, protestante e denominação	18
1.3	Organização da Pesquisa	19
1.4	Uma declaração necessária	21
2	DEFINIÇÕES INICIAIS SOBRE AS BÍBLIAS TEMÁTICAS	22
2.1	Variadas formas de escrever sobre a Bíblia	22
2.2	Características específicas das Bíblias Temáticas	24
2.2.1	O Tema	24
2.2.2	Bíblias Temáticas quanto ao conteúdo: características de literatura devocional	27
2.2.2.1	A união entre tema e devocional na construção do comentário temático	30
2.3	A organização das Bíblias Temáticas: o formato de paratexto	33
2.3.1	Prefácios	36
2.3.2	Artigos	37
2.3.3	Introduções aos livros	38
2.3.4	Quadros	39
2.3.5	Notas	43
2.3.6	Tabelas	44
2.3.7	Ilustrações	45
2.3.8	Glossário	47
2.3.9	Concordância/Chave bíblica	48
2.3.10	Mapas	49
2.3.11	Outros auxílios de Leitura	50
2.4	A Bíblia Temática e a Leitura da Bíblia	50
3	O CONTEXTO DAS BÍBLIAS TEMÁTICAS TRADUZIDAS	52
3.1	Textos evangélicos dentro de uma visão polissistêmica	54
3.2	Analisando BTs traduzidas por uma abordagem descritiva	57
3.3	Proposta para a análise de BTs traduzidas	59
4	CULTURA PROTESTANTE E LITERATURA RELIGIOSA EVANGÉLICA NO BRASIL	66
4.1	Como a Bíblia se tornou um produto	66
4.1.1	O mercado de Bíblias: dos leitores da Reforma às editoras americanas	67

4.2	Protestantismo e mercado da Bíblia evangélica no Brasil	72
4.3	Influência do protestantismo estadunidense e consumismo evangélico contemporâneo no Brasil	75
4.4	A ideologia protestante norte-americana no Brasil: bases religiosas da cultura evangélica	77
4.5	O livro evangélico no Brasil: temas e práticas editoriais	79
5	ANÁLISE DE BT TRADUZIDA: HANDS-ON BIBLE E BÍBLIA DAS DESCOBERTAS	82
5.1	Hands-On Bible: aprendizado bíblico por meio de experiências .	82
5.2	Análise da Hands-On Bible	84
5.2.1	Detalhes do comentário temático da Hands-On Bible	90
5.2.1.1	Prefácio	92
5.2.1.2	What's the 1 Thing™	92
5.2.1.3	New Living Translation preface	93
5.2.1.4	About the Old Testament/New Testament Books (Introdução aos livros bíblicos) . .	94
5.2.1.5	Introductions (Introduções aos livros)	95
5.2.1.6	Timeline	97
5.2.1.7	Hands-On Bible Experiences	97
5.2.1.8	Bible Bios: Hear from your Heroes	99
5.2.1.9	Key Verse Activities	100
5.2.1.10	Fun-fact	102
5.2.1.11	God's Master Plan	103
5.2.1.12	The Jesus connection	104
5.2.1.13	Os auxílios devocionais de leitura	105
5.2.1.14	<i>Historical charts</i>	106
5.2.1.15	Kids' dictionary/concordance	108
5.2.1.16	Maps	108
5.3	Transformação da Hands-On Bible em Bíblia das Descobertas .	111
5.3.1	Reapresentação da BT: índices morfológicos e ilustrações	113
5.3.2	Recolocação dos paratextos, variações de posicionamento e suas implicações	117
5.3.3	Outras diferenças de apresentação	124
5.4	A Bíblia das Descobertas dentro do contexto sistêmico	125
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
6.1	Perspectivas para estudos futuros	128
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	130

APÊNDICES

135

**APÊNDICE A – QUARENTA LIVROS QUE FIZERAM A CABEÇA
DOS EVANGÉLICOS BRASILEIROS NOS
ÚLTIMOS QUARENTA ANOS 136**

1 Introdução

Quem me dera agora, que as minhas palavras fossem escritas!

Quem me dera, fossem gravadas num livro!

(Jó 19:23, ARC)

Em 2017 comemoram-se 300 anos da Reforma Protestante.

Uma boa parcela dos discursos produzidos com relação à data diz respeito às revoluções provocadas na Bíblia, especialmente com relação às novas traduções e formas de interpretação que foram motivadas pela Reforma. É da produção desses discursos, na forma de tratados, teses e manifestos, que as denominações protestantes vieram a se estabelecer. Como parte da reflexão sobre os textos escritos gerados pelo protestantismo, é preciso analisar os discursos nascidos da interpretação da Bíblia, cuja escrita e tradução estabeleceram as bases para difusão do novo pensamento religioso. Esses discursos são baseados na Bíblia, e é a partir do texto bíblico que visões religiosas protestantes antigas e atuais baseiam suas justificativas.

Essa produção discursiva não é estagnada. Manifestações textuais relacionadas às práticas protestantes ocorrem a todo o momento, e são a motriz para fortalecer ou enfraquecer práticas correntes; com o advento da era digital, sua circulação alcança cada vez mais leitores. Os formatos desses materiais são os mais variados: desde longos livros até postagens em *blogs*, passando por Bíblias com recursos especiais, que são o objeto de investigação dessa pesquisa.

Os materiais denominados aqui como *Bíblias com recursos especiais* são as publicações do texto bíblico acompanhadas por alguma forma de discurso paratextual. Boa parte dos textos escritos dentro da esfera protestante servem a um único propósito: explicar a Bíblia, texto central da doutrina protestante. Seus autores se valem de diferentes estratégias para fazê-lo, visando diferentes públicos-alvo. Dentre as variadas formas de adicionar recursos especiais a uma Bíblia publicada (mesmo algumas ilustrações já devem ser entendidas como paratexto acrescentado), essa dissertação se dedica a definir, de forma descritiva e crítica, uma variedade classificada aqui como *Bíblia Temática*.

Quase onipresentes em lojas virtuais e físicas de Bíblias, esse produtos chamam a atenção não pelo texto bíblico, mas pelo conjunto de auxílios que oferecem em torno

dele. Desde suas capas e títulos destinados a conquistar um público específico, até os quadros e ilustrações preparados para tornarem aquele produto singular para o leitor, essas Bíblias são apresentadas como tendo sido “feitas especialmente para o leitor”. O conjunto de materiais que cercam o texto bíblico e que falam ao leitor de uma forma “especial” receberam, durante a construção dessa pesquisa, o nome de *comentários temáticos*.

O interesse pela investigação surgiu, especificamente, das Bíblias Temáticas formadas por comentários temáticos traduzidos. A forma com que os quadros, notas e ilustrações, criados por outra cultura, eram reorganizados para atender leitores brasileiros, despertaram o interesse pela análise, que gerou o seguinte questionamento: “o que a tradução de uma Bíblia Temática revela sobre o leitorado evangélico e sobre a cultura em torno dele?”.

Para responder a essa pergunta foi escolhida uma Bíblia Temática presente no sistema brasileiro, a *Bíblia das Descobertas*, publicada em 2008 pela Sociedade Bíblia do Brasil (SBB). O objetivo dessa pesquisa é, assim, através da descrição geral do que são Bíblias Temáticas, da investigação histórica dos fatores que favoreceram seu surgimento e, por fim, através da análise de um caso concreto, gerar conclusões que revelem sobre a forma como o sistema brasileiro de textos evangélicos produz e lê textos, e se relaciona com traduções. Na tentativa de contribuir para a pesquisa na área das BTs traduzidas, será apresentada uma proposição para a análise desses materiais. As reflexões propostas não pretendem ser uma prescrição absoluta sobre o procedimento correto para analisar BTs traduzidas. Antes, trata-se de uma forma de lançar luz sobre aspectos que não podem ser ignorados na análise desses materiais, isto é, uma identificação de elementos modificados, mantidos e adaptados na tradução do comentário temático, o que requer a análise da composição dos paratextos do comentário temático original, bem como dos discursos excluídos e inserido no texto publicado no Brasil. Trata-se de uma análise comparativa entre original e tradução.

Para percorrer com tranquilidade esse estudo, é preciso apresentar ao leitor alguns termos que serão abordados com frequência ao longo da dissertação, principalmente para esclarecer qual significado se infere de cada palavra para fins desse estudo. Dois esclarecimentos quanto à nomenclatura utilizada devem ser realizados.

1.1 Bíblia, texto bíblico, versão e tradução

O primeiro esclarecimento diz respeito ao uso das palavras *Bíblia*, *texto bíblico*, *versão* e *tradução*. Embora esta não seja uma pesquisa de tradução bíblica, os materiais que analisamos chegam ao leitor com o título de “Bíblia”, graças à relação que estabelecem com o texto bíblico (participando da mesma publicação). Devido a

isso, referências ao texto sagrado para o cristianismo serão feitas com frequência ao longo da pesquisa.

A Bíblia aqui é tratada, primeiramente, como um livro publicado. Dessa forma o substantivo “bíblia” é sempre referido com inicial maiúscula. A Bíblia está sujeita às variações de composição causadas pelas diferenças entre as religiões que a adotam como texto central. Essas variações, entretanto, não atingem essa pesquisa num primeiro momento. Uma vez que a publicação escolhida para análise é uma Bíblia Temática evangélica, e que o objetivo dessa pesquisa está na compreensão de características da cultura evangélica, as referências à Bíblia feitas ao longo dessa pesquisa referem-se à Bíblia protestante, formada por 66 livros menores, 39 no Antigo Testamento e 27 no Novo Testamento. Já títulos de publicações que envolvam a palavra Bíblia na sua composição são referidos em itálico, como em *Bíblia das Descobertas*, ou *Bíblia da Mulher*.

Apara evitar possíveis ambiguidades, com frequência é utilizada expressão *texto bíblico* para se referir ao texto da Bíblia. Isso ocorre principalmente nos momentos em que é descrita a organização de elementos na página. Por fim, é importante lembrar que, mesmo dentro de uma única religião, podem ser aceitos diferentes textos bíblicos, não quanto à composição, mas quanto à tradução. Sendo assim, quando é preciso fazer uma referência a uma determinada tradução da Bíblia, as palavras *tradução* e *versão* são utilizadas de forma intercalada e sinônima.

1.2 Evangélico, protestante e denominação

O segundo esclarecimento diz respeito ao termos protestante, evangélico e denominação. Evangélico é o substantivo pelo qual são conhecidos os brasileiros adeptos de igrejas protestantes. Entratanto, essa alcunha raramente é utilizada para se referir a estes cristão não-católicos.

Essa diferença surgiu dos primeiros anos do estabelecimento da religião protestante no Brasil. Vivendo em um país oficialmente católico, os adeptos da nova religião trazida por missionários ingleses e americanos sentiam necessidade de construir uma nova identidade, especialmente porque a ideologia protestante que se formava então era marcada pelo sectarismo. Nesse processo de formação de uma identidade protestante brasileira, os fiéis adotavam o termos “evangélicos” (da palavra inglesa *evangelical*, como se identificavam os missionário “portadores do evangelho”); outra alcunha comum adotada foi a palavra “crente” (da posição religiosa “crente em Jesus Cristo”). Assim, “evangélico” tornou-se a forma comum tanto para os adeptos se autoidentificarem, como para o restante da sociedade nomeá-los (CUNHA, 2007). Nessa pesquisa, os termos “evangélico” e “protestante” são usados de forma intercalada, sendo que a palavra “protestante” é a preferida para se referir aos

movimentos internacionais e anteriores ao estabelecimento da religião reformada no Brasil. Já a palavra “evangélico” é usada nos momentos em que o assunto tratado é o protestantismo brasileiro, e ao termo será usado para se referir às igrejas, comportamentos e manifestações culturais-religiosas surgidas no Brasil

A cultura e a organização protestante podem ser vistas como “nebulosas” por alguns. A própria doutrina protestante se estabelece sobre a possibilidade de diferentes reuniões cristã (ao contrário do Catolicismo que contestou durante a Reforma). Essa ideologia foi a responsável pelo surgimento de vertentes dentro do protestantismo, cujas práticas, em alguns momentos, divergem umas das outras: as formas de organização dos cultos, as normas de vestuários e a forma como determinados rituais são normalizados não são uniformes quando o assunto são “igrejas evangélicas”. Sendo assim, quando é preciso se referir a esse fenômeno de variação dentro da religião, a palavra utilizada é “denominação evangélica\protestante”, ou simplesmente “denominação”. A palavra “igreja” é escrita com letra minúscula, para fazer contraposição à Igreja Católica.

1.3 Organização da Pesquisa

Para cumprir com o objetivo estabelecido um caminho teórico e metodológico foi traçado. Conceitos históricos, metodológicos, culturais e descritivos são trabalhados ao longo da dissertação. A divisão em capítulos adotada é a seguinte:

No **Capítulo 2** é feita a abordagem conceitual de elementos necessários à compreensão de Bíblias Temáticas. Serão definidas as características gerais dessas publicações, relativas tanto ao seu conteúdo quanto à sua apresentação visual. Diversas conceituações originais são construídas, em especial com relação ao tema, e ao comentário temático. Também é feita a descrição e definição dos paratextos que são o principal suporte para os discursos das Bíblias temáticas.

Por ser um capítulo dedicado a conceitos, as definições estabelecidas nesse capítulo se apoiam em um corpus de exemplos. São textos e imagens retirados de outras Bíblias Temáticas, sobre os quais serão desenvolvidas reflexões que auxiliem na compreensão dos conceitos apresentados. São elas: Bíblia da Garota de fé (2007), Bíblia da Mulher (2007), Bíblia da Mulher que Ora (2008), Bíblia do Pregador Pentecostal (2010), Bíblia das Descobertas para Adolescentes (2010), Bíblia da Família (2011), Bíblia da Galera Radical (2012), e Bíblia Desafios de Todo Homem (2012). As reflexões estabelecidas com o apoio destes exemplos serão retomadas no momento da análise, como parte de um quadro maior.

Também nesse primeiro capítulo são abordados conceitos definidos por estudiosos da literatura religiosa, da linguística e da crítica, com o apoio dos quais são

elucidados os conceitos de comentário bíblico, devocional e similares. O objetivo final desse capítulo é situar as Bíblias Temáticas dentro do seu sistema cultural, o ambiente formado por leitores e produtores de textos evangélicos que ditam o tipo de conteúdo esperado dos livros publicados.

O **Capítulo 3** é dedicado à apresentação de conceitos teóricos em Estudos da Tradução. A abordagem de pesquisa em tradução utilizada para analisar os dados em torno de Bíblias Temáticas são os Estudos Descritivos. Parte-se primeiro da teoria dos polissistemas (EVEN-ZOHAR, 1990), com base na qual o conjunto de textos para evangélicos é visto como um sistema textual existente tanto na língua receptora quanto na língua de partida. Já a metodologia para análise parte da premissa descritiva estabelecida principalmente por Gideon Toury (1995). Um estudo voltado para a cultura receptora, a compreensão do espaço que uma tradução ocupa na cultura receptora e os processos aplicados à ela para desempenhar efetivamente esse papel são reflexo de comportamentos dessa cultura.

No **Capítulo 4** é feita a contextualização histórica e cultural das Bíblias Temáticas. Nesse momento serão trabalhados os fatores geradores das normas, segundo a teoria abordada no capítulo das definições. Parte-se das características do sistema de textos evangélicos, suas principais características e desenvolvimento nos últimos anos, bem como as práticas de editoração e venda desses textos (LEWGOY, 2004; ENDO, 2008), para então explorar o desenvolvimento da cultura evangélica no Brasil, e sua relação com os Estados Unidos – que, segundo a hipótese estabelecida, é a principal razão para a tradução de textos como a *Bíblia das Descobertas*. O desenvolvimento da cultura evangélica no Brasil, e mesmo suas relações com os Estados Unidos – no que diz respeito a uma apropriação e adaptação de costumes – já têm sido objeto de estudo para outras disciplinas, notadamente as Ciências Sociais, a Comunicação Social e os Estudos da Religião (CUNHA, 2009; CAMPOS, 2010).

O **Capítulo 5** é dedicado à análise da *Bíblia das Descobertas*, face a seu original americano a *Hands-On Bible* (2004). Trata-se de uma análise orientada para o produto (*product-oriented*, cf. TOURY, 1995), e para a comparação de propósito entre o original e a tradução. No capítulo são apresentados os procedimentos de análise crítica que serão utilizados no exame da **Bíblia das Descobertas**, além de uma proposta de análise específica para Bíblias Temáticas. A metodologia parte primeiramente dos discursos de acompanhamento e índices morfológicos (RISTERUCCI-ROUDNICK, 2008; TORRES, 2012), momentos em que a ideologia aplicada na tradução se faz mais clara.

A análise parte, inicialmente, da observação das características da *Hands-On Bible*, para definir seu propósito e as estratégias que utiliza para atingi-los. A seguir é feita a avaliação dos discursos de acompanhamento e índice morfológicos

da tradução (paratextos em torno da obra, responsáveis por sua apresentação), no quais as ideologias aplicadas à tradução se fazem visíveis (TORRES, 2012). O último estágio da análise é intratextual, com a análise discursiva de original e tradução. Nesse capítulo as análises desenvolvidas nos capítulos anteriores de trechos de outras Bíblias Temáticas são retomadas. O objetivo final desse capítulo é perceber quais elementos foram mantidos e alterados, especialmente com relação ao propósito e o tema da Bíblias Temáticas, e por fim relacionar essas alterações aos processos culturais e sistêmicos abordados nos capítulos anteriores.

1.4 Uma declaração necessária

Talvez a maior dificuldade de um pesquisador que tenha algum elemento da religião como objeto de estudo seja estabelecer a distância necessária para o posicionamento científico – distância necessária independentemente de sua posição em relação à religião e aos textos religiosos, seja ela positiva ou negativa. Com relação aos valores espirituais atribuídos à Bíblia e, por extensão, às movimentações culturais geradas a partir de sua interpretação, toma-se a afirmação de Gabler e Wheeler (2003, p. 13): “não negamos estes valores, mas não os tomaremos em análise” .

Essa dissertação não se dedica a defender a função das Bíblias Temáticas na formação interpretativa de igrejas ou do cristão; tampouco o objetivo é “atacar” o gênero, tentando demonstrar que sua interferência possa ser nociva a estes mesmos cristãos e suas igrejas. Estes julgamentos cabem à religião, e a cada denominação cabe decidir sobre quais discursos de interpretação são ou não adequados. Realizar um julgamento desse tipo significaria, aqui, defender um ponto de vista religioso e ideológico e, novamente, este julgamento pertence às instituições religiosas e à fé particular, não cabendo ao pesquisador da tradução, nem ao historiador.

Para este trabalho basta a importância da Bíblia como documento humano, e a importância dos discursos de interpretação, como é o caso das Bíblias Temáticas, como objeto de tradução e ressignificação cultural.

2 Definições Iniciais sobre as Bíblias Temáticas

Nesse primeiro capítulo é feita a abordagem de conceitos teóricos necessários para a compreensão das características gerais das Bíblias Temáticas (doravante BTs). O principal objetivo dessas conceituações é apresentar a forma com que diferentes formatos e conceitos textuais se combinam para compor uma BT. Esses conceitos são necessários para a compreensão das abordagens de pesquisa em tradução que serão aplicadas na análise histórica e cultural e na análise crítica da *Bíblia das Descobertas*, propósitos dos próximos capítulos.

2.1 Variadas formas de escrever sobre a Bíblia

O uso e interpretação da Bíblia dentro da religião extraíram do texto diversos elementos que devem ser observados pelos fiéis. Da Bíblia são extraídos a história sagrada, doutrinas teológicas e espirituais, variados preceitos morais para diversas situações, diretrizes para a organização eclesiástica, conceitos de escatologia (fim do mundo atual e preparação para as mudanças) e orientação pessoal (GABLER; WHEELER, 2003).

A religião evangélica também tem a Bíblia como material escrito central. Embora não seja a única religião a utilizar a Bíblia, a religião evangélica estabelece com ela uma relação dependente e justificadora, na qual as práticas aprovadas ou reprovadas pela vivência evangélica são justificadas e explicadas a partir do texto bíblico (CUNHA, 2007). Ainda, o evangélico encontra na fidelidade à Bíblia em si uma característica justificadora, que garante uma vivência religiosa correta face a outras religiões cristãs (*ibidem*).

É importante remarcar que, entre as diversas possibilidades de pesquisa e reflexão teóricas possíveis a partir da Bíblia (isto é, suas dimensões literárias e históricas, e pesquisas sobre seu papel e valor social), é a dimensão religiosa, e a forma de abordá-la, a elemento de interpretação bíblica que mais irá interessar para o tipo de texto analisado aqui. O leitor interessado na dimensão religiosa da Bíblia (seja este seu único interesse ou o principal) busca em sua leitura insumos para a vida religiosa, particular e pública. É esse o tipo de leitura que o leitor evangélico (e por conseguinte o leitor da BT) pretende extrair de seus livros:

O uso religioso que lhe é dado [à Bíblia] desde que ela veio a existir; ele se acha fora do âmbito literário-histórico, mas é a única coisa que interessa à maioria dos leitores da Bíblia. [...] Para essas pessoas,

basta saber que a Bíblia é revelação de Deus (pouco importa como Deus inspirou os autores humanos e empregou meios humanos para exprimir sua palavra); e elas recorrem à Bíblia acriticamente para dela tirar o que Deus deseja dizer ao seu povo (GABEL, WHEELER, 2003, pp. 223).

Entretanto, mesmo que o interesse do leitor pela Bíblia não resida em características estilísticas ou históricas do texto, essas mesmas características podem tornar-se um impasse à sua compreensão. Tanto o leitor religioso quanto o pesquisador encontram dificuldades na compreensão do texto bíblico graças ao afastamento histórico e cultural que se estabelece entre o leitor e o texto. Surge daí uma necessidade de produzir discursos sobre a Bíblia, textos destinados a explicar e elucidar os textos bíblicos, tornando claros os aspectos que para o leitor atual da Bíblia já não são óbvios.

Para o evangélico, dada a posição que a Bíblia ocupa no centro de sua fé, produzir discursos explicativos se torna uma atividade característica: “os protestantes produzem discursos *sobre* a leitura da Bíblia e a escolarização como inseridos no núcleo central de sua tradição” (LEWGOY, 2004, p. 58, grifo meu). Esses discursos estarão presentes tanto para atividades comunitárias, aqueles momentos em que os fiéis se reúnem para discutir a “Palavra” (como por exemplo, nos encartes usados para discussão em escolas dominicais, ou em reuniões para “estudo bíblico”), como para atividades individuais, em livros e textos que podem ser consumidos pelo fiel individualmente. Esses materiais são *discursos dependentes da Bíblia* (doravante DDB), pois existem ou com o propósito de explicá-la (interpretá-la) para o leitor, ou para justificar as ideias que desenvolvem com base no texto bíblico, como demonstram os dois exemplos abaixo.

Os exemplos a seguir demonstram um discurso de autores modernos, confessores da fé evangélica, em que desenvolvem ideias baseadas no texto bíblico, com propósito religioso. Os DDB podem ser publicados separadamente da Bíblia, em livros, encartes ou panfletos cuja leitura exige a consulta ao texto bíblico, como é possível perceber nos exemplos, que citam o trecho bíblico como referência ou transcrevem os versículos no corpo do texto na forma de citação.

Seja demonstrando impaciência com as promessas de Deus para nós, ou dando ouvidos a comentários destituídos de valor ou verdade, dificultamos os propósitos de Deus, e trazemos sobre nós decepções e tristezas! Ao chegarmos em Gênesis 17, encontramos Deus reafirmando o concerto com Abrão, repetindo suas promessas [...] (MALAFAIA, 2013, p. 15).

Moisés tinha o alvo correto porque seu coração estava correto. Ele era servo de Deus, então ele pensou Nele primeiramente, antes de

pensar nos filhos de Israel. Aqui está a resposta de Deus “Então se arrependeu o Senhor do mal que dissera havia de fazer ao povo” (Êx. 32:14) (BEVERE, 2002, p. 198).

Em outro formato possível, o DDB é publicado juntamente com a Bíblia. Nesses casos, materiais de diferentes formatos participam da composição de um produto, em que ilustrações, quadros, mapas e uma grande variedade de textos fazem parte do mesmo volume que o texto bíblico, por vezes ocupando não apenas o espaço no começo e no fim das Bíblias, mas participando da mesma página. É dentro desse formato editorial que Bíblias Temáticas evangélicas são publicadas. O nome de *Bíblia Temática* corresponde a uma variedade de produtos compostos pelo texto bíblico acompanhado por uma série de outros discursos que o orbitam em sua duração. Esse conjunto de textos organiza-se em torno de um propósito (tema) predefinido: seu conteúdo, linguagem e forma de apresentação são definidos a partir de um tema específico. Esse aspecto compõe sua principal diferenciação com relação a outras Bíblias publicadas com algum tipo de comentário ou recurso especial. O nome Bíblia Temática foi escolhido para esta pesquisa especialmente por abranger as atipicidades do gênero em questão. O nome já foi utilizado por Campos (2012) para se referir às Bíblias voltadas para nichos de mercado.

2.2 Características específicas das Bíblias Temáticas

A seguir serão apresentadas as características específicas das BTs. Essas publicações são compostas, *grosso modo*, de uma tradução da Bíblia (não raro uma tradução já estabilizada e bem aceita entre os leitores) acompanhada de um *comentário temático*, que divide com o texto bíblico o espaço na página, além de ocupar a área anterior e posterior do referido texto. Para compreender o tipo de conteúdo escrito de uma BT e sua apresentação visual alguns conceitos devem ser explicitados, acerca dos conceitos de tema, comentário bíblico, literatura devocional e paratexto.

2.2.1 O Tema

A principal característica das BTs, e seu maior diferencial com relação a outras Bíblias com discursos adicionais, é a presença de um *tema*. Para a linguística o tema funciona como um orientador da mensagem, guiando o ouvinte ou leitor com relação ao conteúdo que será transmitido na mensagem, dando uma estrutura para sua interpretação (FRIES, 1997, p. 318). Na BT o tema pode ser entendido como um tópico que limite o discurso e selecione seu leitor alvo.

A forma mais comum de tema são os grupos da sociedade, em que a BT é direcionada especificamente para uma parcela de leitores. Os grupos de leitores podem ser limitados por gênero (homem, mulher); idade (crianças, adolescentes), ocupação social, profissional, eclesiástica ou familiar (pastores, mães, pais, executivos). Além dos grupos, outros temas relativos à religiosidade são possíveis (como oração ou evangelismo) além de outras temáticas fora da religião, relativas a preferências pessoais, costumes, e até mesmo tribos urbanas. É comum a fusão desses outros temas ao conceito baseado em grupos. No caso de temáticas seculares que não são comumente relacionadas à religião (como, por exemplo, a prática de esportes), a associação com o texto bíblico é feita de formas criativas, utilizando diferentes recursos visuais e linguísticos para construir ligações entre a religião e a temática escolhida (prática mais comum em BTs para crianças e adolescentes).

Assim, é possível produzir uma Bíblia com a temática “oração”, por exemplo. Também é possível produzir uma Bíblia com a temática da oração especificamente para mulheres (*Bíblia da Mulher que Ora*, 2007). Ainda para mulheres, existem Bíblias cobrindo uma série de subtemas especialmente selecionados (*Bíblia da Mulher*, 2007; *Bíblia da Mulher Virtuosa*, 2009; *Bíblia Desafios de Toda Mulher*, 2012). Existem Bíblias para adolescentes (*Bíblia Sagrada Extreme Teen*, 2009); para meninas adolescentes (*Bíblia da Garota de Fé*, 2009); para meninos adolescentes que apreciam esportes radicais (*Bíblia do Garoto Radical*, 2012) ou, ainda para adolescentes, BTs em que é possível descobrir tesouros secretos nas páginas da Bíblia (*Bíblia das Descobertas para Adolescentes*, 2011). Pregadores e ocupantes de outros cargos dentro da estrutura eclesiástica também podem encontrar Bíblias especialmente pensadas para sua função (*Bíblia do Pregador*, 2009; *Bíblia da Pregadora*, 2009; *Bíblia do Obreiro*, 2010), ou para uma denominação evangélica específica (*Bíblia do Pregador Pentecostal*, 2010).

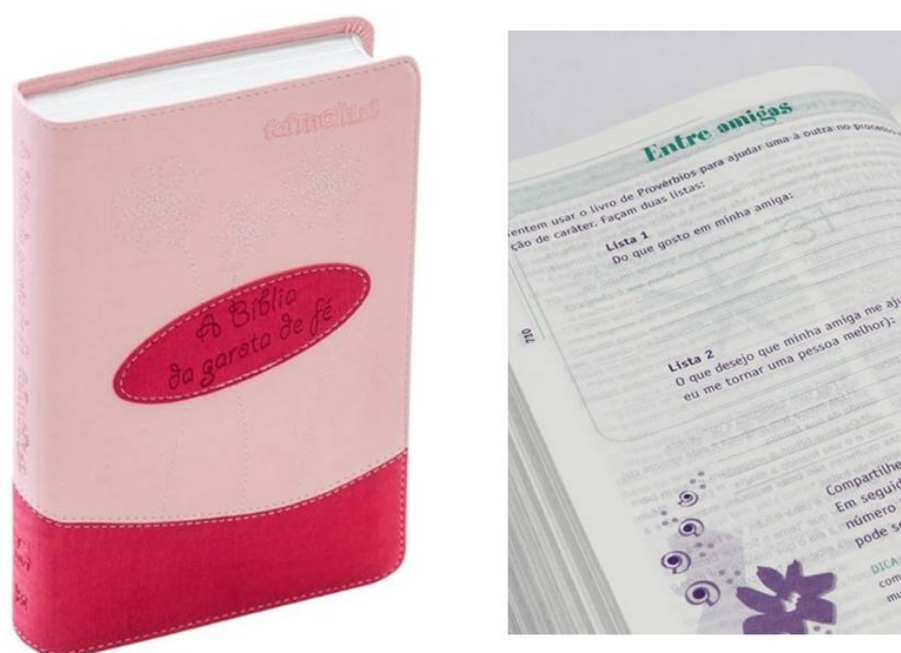
É possível corresponder o tema nas BTs ao conceito de progressão temática presente na análise do discurso. Progressão temática, é a forma com que uma sentença retoma ou repete o tema ou rema da oração precedente, fazendo com que a informação flua através do texto (PALTRIDGE, 2012, p. 131). O tema em BTs pode ser relacionado a uma das propostas de interpretação da progressão temática feita por Danes (1974), chamada de progressão com temas derivados. Segundo essa abordagem, a passagem do texto como um todo está conectada a um conceito, uma noção geral; os temas das várias sentenças constituintes do texto serão assim derivados dessa concepção geral, sem serem, entretanto, idênticos (DANES, *apud* FRIES, 1995).

Tendo-se como base a progressão temática com temas derivados, o tema atua como definidor amplo na BT. Trata-se de um conceito-chave que agrupa abaixo de si subtemas relacionados que surgirão no decorrer do comentário temático. Por exemplo, uma BT para meninas adolescentes (como é o caso da *Bíblia da Garota de Fé*, por

exemplo), tem como tema principal “feminilidade adolescente e pré-adolescente”, e traz ao longo do seu comentário temático variados subtemas relativos a esse tópico maior, como “puberdade”, “amigas”, “relacionamento com os pais”, e outras abordagens pertinentes ao universo de meninas adolescentes e pré-adolescentes. Esse exemplo, bem como os outros citados, são apenas alguns dentre a variedade disponível de BTs.

Além de um definidor dos subtemas abordados ao longo da BT, o tema também é aplicado como um unificador visual, em que cores, ilustrações e padrões de imagens são utilizados para que o tema geral esteja sempre presente. Ainda tomando como exemplo a Bíblia da Garota de Fé (Figura 1), vemos como, na capa e no miolo, o tema é presença visual constante:

Figura 1 – Capa e Miolo da Bíblia da Garota de Fé



RUE, 2009

A seguir será apresentada a forma com que esses discursos são construídos e articulados na formação de uma BT. Proponho i) uma análise desses materiais quanto ao seu *conteúdo*, ou seja, a linguagem e os assuntos constantes do comentário temático e a linguagem desse texto; ii) uma análise da apresentação visual, isto é, a aparência da BT como um todo e como os recursos visuais são utilizados para organizar o texto bíblico e o comentário temático, para que os dois estabeleçam um diálogo entre si e o leitor, transformando os dois em um produto fechado e singular.

2.2.2 Bíblias Temáticas quanto ao conteúdo: características de literatura devocional

O comentário temático é um conjunto de discursos que, guiados pelo tema e subtemas, dialogam com o texto bíblico com a intenção de explicá-lo para o seu leitor. Assim, o comentário temático se mostra uma variação do comentário bíblico, gênero que surge da necessidade de elucidar para os fiéis aspectos do texto que, sem a interferência do comentário, permaneceriam ocultos (YARCHIN, 2015).

A necessidade de elucidar o texto ocorre porque “os pontos de referência cultural pelos quais o texto tinha originalmente feito sentido imediato se tornaram obscuros para leitores posteriores” (YARCHIN, 2015). Esses pontos culturais (referências presentes na realidade do autor compartilhadas pelos seus leitores presumidos) aos quais Yarchin se refere desaparecem com a distância temporal e cultural dos seus leitores posteriores, e seriam cruciais para compreensão correta do texto. Daí a necessidade de demonstrar ao leitor contemporâneo que referências culturais são essas, sob o risco de uma não compreensão total do texto ou de uma compreensão equivocada. Esse ponto de vista também é compartilhado por Ellingworth (2006), no que diz respeito à necessidade que os tradutores de um texto originário de um tempo e/ou cultura diferente da sua própria sentem de incluir ajudas ao leitor (“reader’s help”) no texto.

Informações culturais, aspectos da situação política ou econômica, conotações de certos termos, ou outros dados, podem ter sido pressupostas ou assumidas pelo autor original como compartilhadas ou conhecidas por seus leitores diretamente intencionados (“autorais”); mas não estão, em nenhum sentido linguístico definido, implicados no texto fonte. [...] Em tais casos, e há muitos deles na Bíblia, a melhor solução é transmitir, o quanto for possível, todo o conteúdo semântico na tradução, e fornecer o quanto for necessário na *ajuda ao leitor* (uma expressão genérica se referindo não apenas a notas de rodapé, mas também incluindo introduções, glossários, mapas, diagramas, etc.) informação suplementar sobre a situação fonte que está ausente, ou vai de encontro, à situação do receptor e consequentes pressuposições (ELLINGWORTH, 2006, pp. 201-02, grifo do autor)¹

¹ Cultural information, aspects of the political or economic situation, connotations of certain terms, or other data, may be presupposed or assumed by the original writer as shared or known by his directly intended (“authorial”) readers; but they are not, in any readily definable linguistic sense, implied in the source text. [...] In such cases, and there are many of them in the Bible, the best solution is probably to convey, as far as possible, the entire semantic content in the translation, and to provide as fully as necessary in reader’s helps (a generic expression referring not only to footnotes, but also including introductions, glossaries, maps, diagrams, etc.) supplementary information about the source situation which is absent from, or runs counter to, the receptors’ situation and consequent presuppositions (ELLINGWORTH, 2006, pp. 201-02, grifo do autor, tradução minha).

Não é difícil relacionar as concepções de Ellingworth (2006), sobre as ajudas ao leitor, com as definições de Yarchin (2015) sobre a natureza do gênero comentário, notadamente na Bíblia. Ellingworth, ainda falando sobre tradução, afirma ainda que há um princípio geral tomado por editores e tradutores sobre onde incluir informações dessa natureza: informações contidas no texto, explícitas ou implícitas, pertencem à tradução; informações suplementares, bem como pressuposições compartilhadas pelos autores originais e seus leitores, mas não compreensíveis pelos leitores atuais, devem constar nas ajudas; essas ajudas surgiriam em comentários e outros discursos (como glossário e concordâncias), e estariam fora do texto bíblico, em outras partes da publicação, mas de forma a serem identificadas pelo leitor com o trecho a que se referem (ELLINGWORTH, 2006, p. 202). Entretanto, Yarchin, de sua parte, considera a tradução em si já como uma forma de comentário ao texto; pois a tradução, enquanto tenta transmitir para uma língua alvo aquilo que está explícito na língua fonte, acaba por transmitir explicitamente também os elementos implícitos (“o sentido”), sendo assim uma atividade “duplamente reveladora” (YARCHIN, 2015, p. 4). Como argumento, o autor afirma que antigas traduções do Velho Testamento hebreu (como a Septuaginta ou a Vulgata Latina), dizem aos seus estudiosos não apenas como o texto era traduzido, mas também como era interpretado na antiguidade, demonstrando a existência de uma produção exegética intimamente ligada à formação da cultura religiosa.

Tal pensamento revela a cultura de apreciação da Bíblia como uma cultura de comentário, provocada pela necessidade maior de compreender bem o texto que, segundo a crença de muitos, continha as diretrizes da divindade para um procedimento adequado (GABEL; WHEELER, 2006). Essa cultura se manifestou (e se manifesta ainda) não só na produção de traduções, mas também nas trocas entre fiéis de conhecimento escrito sobre o texto sagrado, seja em correspondências (como o são, na verdade, alguns trechos no Novo Testamento), seja em livros (ou rolos) para leitura atenta de aprendizes, seja em anotações nas margens em torno do próprio texto bíblico.

Dessa forma, a existência do comentário, por si só, já indica dois aspectos que merecem menção, a saber: a pressuposta competência de seu autor para esclarecer o texto e informar o leitor, identificando os elementos que podem causar dificuldades, e a condição de canonicidade do texto a que o comentário está vinculado:

O fenômeno do comentário pressupõe uma comunidade de leitores para quem expressões explícitas e significados implícitos do texto em algum sentido tem autoridade para determinar práticas profissionais, tais como a medicina, ou normas jurídicas, ou para estabelecer padrões de hermenêutica cultural como ensinamentos filosóficos ou arte literária (YARCHIN, 2015, p. 3).

Essa cultura de comentário bíblico resulta em uma variedade de publicações com diferentes ênfases de análise. Martens (2015, p. 55), no que diz respeito ao foco e ao formato dos comentários, apresenta uma visão geral da publicação do comentário com relação ao foco na qual podem ser diferenciados: ênfase filológica (vocabulário e linguagem); análise da fonte (interpretação baseada na cultura e história do contexto em que o texto foi escrito); abordagem literária (os diferentes gêneros e estilos literários identificados no texto bíblico); abordagens literárias e teológicas (além do valor literário, análise do sentido religioso do texto); foco apenas no significado teológico) do texto bíblico; aplicação prática e relevância atual do texto bíblico (em geral, aplicando valores e ensinamentos extraídos do texto bíblico no cotidiano contemporâneo); e por fim foco em pontos de vista denominacionais (extraindo do texto bíblico justificativas e diretrizes para diferentes práticas denominacionais).

Vemos assim uma clara separação entre os consumidores de comentários. Yarchin (2015, p. 8), afirma que, apesar do grande crescimento ocorrido na indústria do comentário bíblico no século XXI, e do sucesso na publicação de comentários bíblicos focados nas dimensões histórica e literária da Bíblia, leitores que buscam apenas conhecer seu valor religioso não são atendidos pela oferta de produtos publicados: “Inversamente, tais comentários irão falhar em alcançar outras comunidades de leitores, diga-se, aqueles para quem a importância implicada da Bíblia não é sua dimensão histórica ou literária, mas seu valor religioso ou devocional” (YARCHIN, 2015, p. 08).

Esse comentário voltado para a dimensão espiritual nasce do uso íntimo que o fiel faz da leitura da Bíblia, de forma a buscar no texto orientação pessoal e crescimento espiritual. Configura-se em um uso da Bíblia fora do serviço religioso comunitário:

Num contexto bem apartado do seu uso na religião organizada e em ocasiões públicas, a Bíblia é usada com propósitos particulares. Alguns a lêem inteira, capítulo por capítulo (talvez um por dia), como uma espécie de exercício religioso; outros seguem um plano elaborado por uma organização religiosa ou por um professor de Bíblia. Em termos gerais, esse exercício serve para reforçar o sistema de crença religiosa do leitor; em termos particulares, pode servir para fornecer elementos que o leitor possa interpretar como orientação divina para a conduta da vida diária ou para tomar decisões difíceis. (GABEL; WHEELER, 2003, p. 225)

Para Martens (2015), isso configura também uma mudança na apresentação e na linguagem de comentários bíblicos, que para alcançar esse público precisam ter linguagem acessível e apresentação visual agradável, que tenda menos para o texto acadêmico e mais para o *texto devocional*. A leitura devocional é uma forma de ritualização do texto (WATTS, 2015, p. 48), que estabelece uma forma de edificação, meditação e/ou crescimento espiritual através do texto. A *literatura devocional*, por

sua vez, é qualquer texto destinado para este propósito. Apesar de não estar restrita ao cristianismo, muito menos ao protestantismo, na vivência evangélica o devocional bíblico é uma atividade central. Nesse contexto, materiais que auxiliam o leitor nessa interpretação são produzidos:

Depois da Bíblia, a literatura devocional cristã tem fornecido o mais popular e instrutivo tipo de leitura e guia para os crentes. Considerada mais amplamente, a literatura devocional cristã pode ser pensada para abarcar qualquer artefato verbal inscrito empregado para estimular a produção, sustento, e direção da singular identidade cristã interna, seja apenas em relação com o divino ou incluindo também serviço a companheiro de crença, vizinhos, e/ou mundo. [...] Considerada de forma mais restrita, a literatura devocional cristã seria limitada a um grande corpo flexível de clássicos enraizados diretamente na Bíblia, geralmente com indivíduos identificáveis como autores² [...] (DITMORE, 2010, p. 58, tradução minha).

2.2.2.1 A união entre tema e devocional na construção do comentário temático

Compreender aspectos devocionais é um estágio importante para abordar a forma como o comentário temático estabelece seu discurso, elemento essencial para compreender o tipo de texto analisado nessa pesquisa. Entre os materiais publicados na forma de comentário temático, o devocional muitas vezes ocupa a maior parte dos discursos, sendo acompanhado por detalhes históricos e literários que, não raro, são apresentados com a função principal de reforçar o valor devocional daquele texto. Em especial o comentário temático servirá ao propósito de devoção pessoal.

Nas BTs, o autor do comentário temático constrói esse discurso devocional em breves textos, a partir de trechos (um ou mais versículos) do texto bíblico. Nessas construções são comuns introduções, ou títulos, indicando qual trecho deve ser lido (por exemplo, “Leia: Juízes 1:1 e reflita”), seguido de uma breve reflexão do autor. Tal texto estará na mesma página do trecho em questão, ou próximo a ela (quando uma reflexão envolve vários trechos próximos), normalmente dentro de um quadro com fundo de cor diferente. Diversas BTs dão títulos a esses quadros, de acordo com o propósito. Também é comum que exista um destaque dentro do próprio texto bíblico, mudando a fonte e o tamanho da letra do trecho, ou modificando a cor de fundo.

O tema, em uma progressão temática por temas derivados, é o definidor de quais pontos o comentarista “destaca”, não somente com um comentário temático, mas

² After the Bible, Christian devotional literature has provided the most popular and instructive kind of reading and guidance to believers. Mostly broaded considered, Christian devotional literature may be thought to encompass any inscribed verbal artifact employed to stimulate the production, sustenance and direction of the unique interior Christian self, wether solely in relation to the divine or including also service to fellow believers, neighbors, and/or world. [...] Considered most narrowly, devotional literature would be limited to a large flexible body of classics rooted directly in the Bible, mostly commonly authored by identifiable individuals [...]

também com outras sinalizações (como dito, mudar a fonte o tamanho da letra de um versículo). O comentário temático não comenta todos os versos, mas antes realiza uma seleção de quais trechos dará preferência, de acordo com o tema e com o público-alvo. O comentário, dessa forma, sinaliza o que o comentarista julgou importante chamar a atenção do leitor dentro do texto bíblico (YARCHIN, 2015). Para o crítico da BT tal aspecto é um importante indicador da forma como determinado grupo ou assunto é tratado dentro da religião do comentarista, e de como a Bíblia é utilizada como justificativa para essa visão de mundo. Sendo assim, uma BT no tema “devoção familiar”, por exemplo, trará comentários temáticos que assinalem trechos da Bíblia que possam ser relacionados à vida familiar do evangélico. Da mesma forma, uma BT dirigida a mulheres adultas irá destacar versículos que sejam importantes para a vida pessoal feminina, ou sobre mulheres atuantes dentro da Bíblia, para a partir deles dialogar com o leitor sobre o papel da mulher segundo a religião e Bíblia. Os exemplos a seguir podem deixar essa afirmação mais evidente:

“Ah, Tô Ligada!” Lamentações 1. Que aconteceu de tão horrível com essa pessoa? Jeremias poderia ter sido o autor de Lamentações. Leva todo o jeito. Ele era bom nesse negócio de se lamentar, que significa “expressar profunda tristeza”. Ele tinha boas razões para isso. [...] Tudo porque os israelitas se recusaram a dar ouvidos a Deus, o pior tipo de sofrimento é a dor que causamos a nós mesmos. (RUE, 2013, p. 875)

Nesse trecho, retirado da *Bíblia da Garota de Fé*, podemos ver o tema articulando a linguagem e a explicação do texto bíblico. Destinado a meninas adolescentes e pré-adolescentes, esse comentário temático realiza uma interpretação espiritual do primeiro capítulo do livro de Lamentações. A comentarista explica o assunto do trecho bíblico (desobediência a Deus gera sofrimento), ao mesmo tempo em que aproxima a leitora do discurso (utilizando o pronome *nós*), tudo enquanto utiliza uma linguagem e um registro que se assemelhe à fala coloquial de meninas jovens, utilizando a gíria “tô ligada”, e construções coloquiais (“leva todo o jeito” e “nesse negócio de se lamentar”). A comentarista ainda oferece à leitora uma breve teoria, falando sobre o possível autor do texto.

Já no trecho a seguir, extraído da *Bíblia da Família* (2014), vemos um discurso diferente, orientado para adultos (homens e mulheres), e dirigido para o tema da vivência familiar, casamento e filhos:

O sofrimento Infantil. Salmo 46. O sofrimento atinge todas as pessoas, não importa a idade. Estamos sujeitos a receber notícias ruins a qualquer momento. Mas é doloroso ver crianças sofrendo por negligência dos pais. [...] Se você é pai ou mãe, dedique tempo a seus filhos. Ame-os e transmita segurança a eles. Eles precisam muito de você. O salmo 46 é um grande consolo para aqueles que sofrem. Se

você sofre com a ausência de seus pais, apoie-se em Deus. Ele é o pai amoroso que nunca falta. [...] (KEMP, 2014, p. 599)

É possível perceber as formas devocionais presentes, embora seja delimitada pelo tema “família”. Aqui o comentarista (um missionário americano atuante no Brasil) aborda primeiro o abandono infantil, e estabelece com o leitor, ou leitora, um conselho para cuidado dos filhos. Em seguida, se dirige ao leitor que se sente distante dos próprios pais, aconselhando-o a buscar consolação em Deus (“apoie-se em Deus”), apresentando o texto bíblico como base para seu argumento.

Em ambos os casos vemos a fórmula de desenvolver um texto que explique o texto bíblico, com base em interpretações aceitas pela religião evangélica para então apresentar ao leitor um aconselhamento para a vida cotidiana (espiritual e prática). Também não é incomum o uso de uma linguagem aproximativa, utilizando a segunda pessoa do singular (*tu, você*), ou a primeira pessoa do plural (*nós*). Isso porque estes textos em muitos momentos assumem caráter de aconselhamento.

Assim, a BT oferece ao leitor, através do comentário temático, as respostas do ponto de vista bíblico acerca de um determinado assunto. O comentarista é a pessoa competente que aprendeu esse conteúdo, e se dispõem a transmiti-lo. Entretanto, leitor e comentarista participam da mesma fé, o que dispensa o uso de uma linguagem impessoal. Isso porque o texto bíblico funciona ao mesmo tempo como ponto de partida e base justificadora; é a Bíblia, e não o comentarista, a autoridade. O papel ideológico do comentarista devocional é apenas tornar claro, para o leitor, que aquele conteúdo está de fato no texto, e pode ser aplicado em sua vida moderna. Podemos ver um exemplo desse posicionamento no prefácio da *Bíblia da Mulher*:

Ainda hoje vibro ao ouvir Deus falar por meio deste se antigo Livro, a Santa Palavra. Ela transforma vidas. Para alguns, no entanto, a Bíblia pode ser como uma porta fechada. [...] Muitas pessoas que lêem a palavra de Deus creem nela; o que não acreditam é que ela seja aplicável ainda hoje. E é! Você vai encontrar informações efetivas no material introdutório, notas, tópicos, esboços, quadros e mapas na Bíblia da Mulher que serão úteis para mostrar-lhe como fazer essa aplicação (LOTZ, 2008, p. 8)

Uma vez que para seus realizadores o princípio ideológico é de que o texto bíblico é superior ao texto do comentário, é natural que o comentário temático orbite o texto bíblico e dependa dele. Até aqui foram abordadas as características das BTs com relação ao seu conteúdo, ao seu discurso e ao seu gênero. A seção seguinte apresentará a forma como esse material é organizado visualmente para o leitor, ocupando o espaço em redor do texto bíblico.

2.3 A organização das Bíblias Temáticas: o formato de paratexto

O comentário bíblico não ocorre em um único formato, podendo ser publicado sozinho, em um livro próprio, ou em simbiose com o texto bíblico, ocupando a página do trecho que comenta. O comentário temático corresponde à segunda situação, e ocupa a mesma publicação que o texto bíblico organizado em torno dele para formar a BT. Assim, a estrutura das BTs é de apresentar o texto bíblico como texto principal, acompanhado do comentário temático utilizando formas de paratextos.

Um *paratexto*, segundo a concepção de Genette (2009), é o conjunto de discursos produzidos em redor do texto. Esses discursos, facilmente identificáveis como prefácios, posfácios, notas, capas, ilustrações e tantos outros materiais que “cercam e prolongam (esses textos) [...] para garantir sua presença no mundo, sua recepção e seu consumo” (GENETTE, 2009, p. 09). Discursos limiares, ocupantes da zona de diálogo entre o texto do livro e o mundo, os paratextos são ao mesmo tempo as ferramentas que dão forma final ao livro, visível nas capas, nas ilustrações e prefácios, como também são um recurso que afeta diretamente sua recepção (GENETTE, 2009, p. 10).

Essa função do paratexto é particularmente notável ao falarmos do papel do comentário temático na BT. Yarchin (2015, p.8) em análise ao levantamento de Martens, ressalta que, embora o texto bíblico seja o foco do trabalho do comentarista, sua atividade tem se voltado com frequência para o formato paratextual tão chamativo quanto o texto bíblico. Tal paradoxo carrega uma ideologia marcante, pois, depois que o comentário se torna um paratexto em torno do texto bíblico, em especial aqueles que dividem com ele a página (como quadros e notas de rodapé), ele passa a afetar diretamente a recepção do leitor. O comentário ocupante da página chama a atenção para si mesmo, para depois levar o leitor a retornar ao texto bíblico com outra visão (YARCHIN; MARTENS, 2015, p. 8-9). Percebe-se assim o potencial de interferência ideológica de um comentário temático.

Paratextos são ainda reflexos das ideologias que afetam o texto traduzido. Torres (2011, p. 17), apresenta uma análise de obras da literatura brasileira traduzida em francês, através da observação de índices morfológicos (indicações nas capas internas e externas) e discursos de acompanhamento (qualquer marca paratextual) dessas traduções, locais onde a ideologia do sistema receptor pode ser percebida com clareza (TORRES, 2011, p. 17). Para pesquisas como esta, em que será feita a análise de uma BT traduzida e uma reflexão das ideologias perceptíveis, a análise de discursos de acompanhamento é necessária e complexa. Isso porque, embora seja parte integrante da BT como produto final, o comentário temático pode sofrer, na tradução, mudanças em alguns pontos de seu formato paratextual (alterações na capa, no título e na posição de paratextos, por exemplo). Essa questão será abordada em

detalhes nos capítulos 2 e 4.

Dentre as variedades maiores que o paratexto pode assumir, Genette especifica o *peritexto* e o *epitexto*, sendo o paratexto a soma dos dois. Por epitexto entende-se o conjunto de discursos produzido no exterior da publicação (entrevistas, propagandas, diários e correspondências do autor, entre outros). O peritexto, por sua vez, ocupa o espaço dentro da própria publicação:

Um elemento de paratexto, se pelo menos consiste em uma mensagem materializada tem necessariamente um *lugar*, que se pode situar em relação àquela do próprio texto: em torno do texto, no espaço do mesmo volume, como o título ou o prefácio, e, às vezes, inseridos nos interstícios do texto, como os títulos de capítulo ou certas notas; chamarei de *peritexto* essa primeira categoria espacial [. . .]. (GENETTE, 2009, p. 12, grifo do autor)

O comentário temático é um peritexto, que ocupa não apenas os espaços em torno do texto bíblico, como a capa, o título e os espaços antes dos livros, mas também entrando nos espaços *entre* o texto, figurando nas próprias páginas, dividindo o olhar do leitor com o texto bíblico. A Figura 2, extraída *Bíblia da Família* (2014), demonstra como o texto bíblico divide o espaço com o comentário temático (colocado em um quadro com outra fonte e tamanho de letra, e um fundo colorido).

Figura 2 – Exemplo de comentário temático acima do texto bíblico



KEMP, 2014

Apesar da variedade, BTs seguem certo padrão de tipos de paratextos que servem como veículos para os comentários temáticos. A sequência utilizada aqui para catalogar esses tipos veio da forma como Genette (2009) elencou os paratextos mais comuns em livros:

De maneira mais concreta: definir um elemento de paratexto consiste em determinar seu lugar (pergunta *onde?*), sua data de aparecimento e às vezes de desaparecimento (*quando?*), seu modo de existência, verbal ou outro (*como?*), as características de sua instância de comunicação, destinador e destinatário (*de quem? A quem?*) e as funções que animam

sua mensagem: *para fazer o quê?* (GENETTE, 2009, p. 12, grifos do autor)

Definem-se a seguir os paratextos mais comuns, contextualizando-os com relação ao local, ao modo, à origem e destinação, e ao propósito. Os nomes dados aos paratextos nas obras em que se inserem variam muito. Em alguma BTs, por exemplo, os quadros são chamados de “materiais de estudo”, e outras em que esses mesmos quadros recebem simplesmente o nome “comentários”. Aqui procuro definir os elementos principalmente quanto ao seu conteúdo, sua localização e sua apresentação visual (isto é: um quadro, uma tabela, uma nota no rodapé etc.). Chega-se a um total de onze tipos de paratextos, a saber: prefácios, artigos, introduções aos livros, quadros, notas de rodapé, tabelas, ilustrações, glossários, concordância (ou chave bíblica), mapas e uma categoria heterogênea chamada “outros auxílios ao leitor”. Nas próximas páginas, cada uma dessas espécies de paratexto é definida com exemplos e, se necessário, com imagens.

2.3.1 Prefácios

O primeiro elemento do comentário temático, o prefácio (muitas vezes denominado introdução), dedica-se a apresentar os objetivos e as intenções daquele comentário temático. Nele seus autores apresentam ao leitor a natureza do comentário temático, os participantes de sua produção e, em alguns casos, explicam ao leitor o que cada material diferente se dispõe a apresentar, para que o leitor melhor utilize os recursos especiais disponibilizados. Como a preocupação de BTs costuma estar na aplicação prática dos textos bíblicos, na explicação teológica (mística e espiritual) e na literatura devocional, não é incomum uma declaração de fé dos editores e em vários casos votos de bênçãos para o leitor. A linguagem habitual é ligada ao público-alvo, e será uma representação do tipo de linguagem utilizado ao longo de todo o comentário temático, podendo, assim, ser mais coloquial ou mais formal de acordo com esse público e com o tema definido para a Bíblia. Constrói-se um discurso de comunicação direta com o leitor, com o uso de formas verbais referentes a *tu* e *você*. O exemplo a seguir é retirado da “palavra dos editores” da (2007):

Agora que você tem em mãos a *Bíblia da Mulher que Ora* desejamos que explore todos os recursos que ela lhe oferece. [...] Esperamos que a *Bíblia da Mulher que Ora* seja um instrumento do Senhor em sua vida para ajudá-la a viver de acordo com o coração de Deus. Orar é um ato de dimensões eternas. Que o Senhor esteja contigo em todos os dias de sua vida. (HARVEST HOUSE, 2007)

Uma BT pode apresentar, ainda, mais de um prefácio. Bíblias com vários autores, ou que contem com um autor principal e vários coautores e editores, podem trazer mais de um prefácio assinado por pessoas diferentes. Além disso, BTs traduzidas apresentam um prefácio à edição na língua de origem além dos prefácios originais (no caso brasileiro, é comum encontrar publicações com “Prefácio à Edição Original” e “Prefácio à edição brasileira”). Também é comum que a editora responsável inclua o prefácio ao texto bíblico. Esse texto, entretanto, não é de responsabilidade do autor do comentário temático, e sim da editora que detém os direitos da tradução.

2.3.2 Artigos

Segundo elemento dos comentários temáticos, os “artigos” são textos que não dividem espaço com o texto bíblico na mesma páginas. Podem ser colocados no começo da Bíblia, antes do livro de “Gênesis” e após o prefácio, no final, após o livro de “Apocalipse” e juntamente com os materiais finais, ou dentro do andamento da Bíblia, em páginas extras. Seu objetivo é trazer ao leitor algum texto que não poderia ser encaixado dentro dos quadros inseridos no corpo da Bíblia. São textos que não necessariamente comentam um trecho do texto bíblico, ou que são longos demais para serem inseridos nas notas e quadros que ocuparam o espaço do intertexto. Seu conteúdo varia, podendo alternar entre testemunhos (relato de uma experiência espiritual pessoal) dos autores, algum estudo bíblico introdutório (para neoleitores, pessoas tendo o primeiro contato com a leitura bíblica), uma explicação mais detalhada sobre algum assunto bíblico ou mesmo curiosidades. Novamente, a natureza deste tipo de texto está diretamente ligada ao público alvo e ao tema da Bíblia Temática. O trecho a seguir, por exemplo, foi retirado de um artigo da *Bíblia da Mulher*, e é intitulado *Mulheres e crianças na narrativa bíblica*:

Na história da tradição cristã, é mais comum encontrar homens entre os comentaristas bíblicos. Frequentemente interessam-se por descobrir, o mais diretamente possível, as lições teológicas dos textos bíblicos. De modo geral, esse interesse teológico traz uma interpretação sensível e profunda dos textos, mas, algumas vezes, pouca atenção é dada aos detalhes das histórias bíblicas. [...] Em particular, comentaristas de histórias bíblicas que falam de mulheres e crianças, às vezes, parecem sem interesse nos assuntos relativos a elas. Se não prestarmos atenção a todos os detalhes das histórias bíblicas, poderemos perder partes importantes daquilo que a Bíblia tem a nos ensinar. (STUMP, 2008)

Esse trecho foi retirado da introdução de um artigo de três páginas localizado no começo dessa BT feminina (a Bíblia da Mulher, em especial, conta com várias páginas de artigos no começo da BT). Nesse exemplo, a autora desenvolve uma crítica das interpretações comuns feitas à história do sacrifício de Isaac (Gênesis 22). Nele a autora propõe nova interpretação dentro do subtema “mulheres e crianças na narrativa

bíblica” (um subtema de “espiritualidade feminina”, tema geral da BT). Esse material, além de bastante longo, faz referência a vários momentos da narrativa bíblica, o que o tornaria difícil de alocar dentro do texto bíblico. Entretanto, sua importância para compor o comentário temático era suficiente para que fosse incluído antes do texto bíblico.

Artigos, por fim, podem ser razoavelmente longos e abordar vários temas de forma encadeada; por não estarem na mesma página que o texto bíblico, podem citar referência de vários versículos. Sua função na BT é reforçar a unidade do tema geral proposto e oferecer ao leitor informações a mais que podem ser consultadas a qualquer tempo, independentemente de um versículo ou capítulo específico.

2.3.3 Introduções aos livros

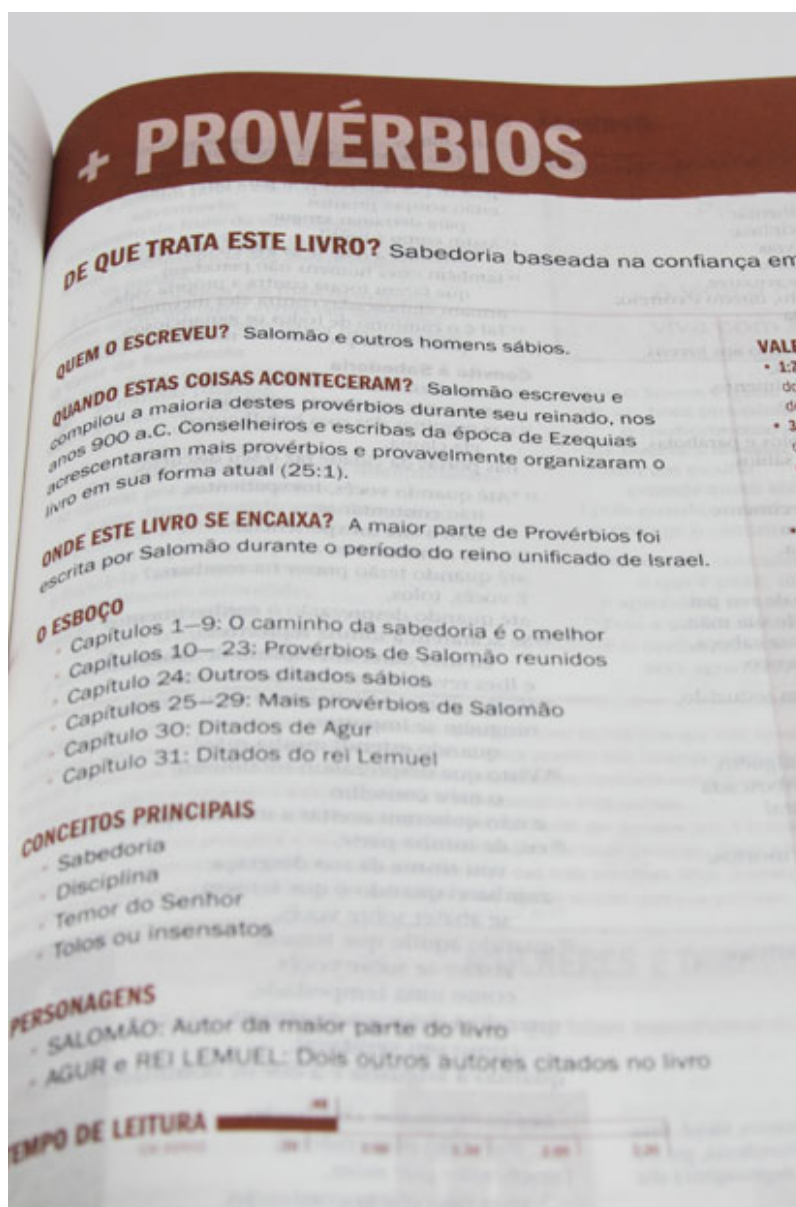
O terceiro elemento dos comentários temáticos, introduções aos livros são, provavelmente, os paratextos que estão presentes em todas as BTs (e na maior parte das Bíblias com materiais especiais). A introdução ao livro é colocada, antes de cada livro da Bíblia, e costuma misturar elementos mais técnicos, relativos à história, arqueologia ou teologia, juntamente com algum material devocional geral sobre o livro. Uma vez que a Bíblia é uma coletânea de diversos livros, com propósitos, estilos e períodos diferentes, a introdução se encarrega de apresentar elementos básicos sobre as especificidades de cada livro.

Introduções apresentam ao leitor o período estimado para escritura do texto, seu provável autor, seus temas espirituais principais (perdão, reconciliação com Deus, adoração, etc.), um esboço (esquematização do desenvolvimento da narrativa em cada capítulo do livro) e um breve material histórico que contextualiza o livro em questão com relação à contagem de tempo moderna, e com relação aos outros livros que compõem a Bíblia (já que nem sempre existe linearidade cronológica entre os livros). A importância ideológica dessa contextualização se deve à doutrina, forte especialmente entre as religiões protestantes, de que, apesar de ser formada por diferentes livros, a Bíblia é “apenas um livro”. Assim, acaba sendo responsabilidade da introdução não apenas contextualizar o livro para o leitor, mas também, de certa forma, justificar sua presença no *Canon* bíblico (com apoio também da apresentação de seus temas espirituais principais).

Novamente, a linguagem definida pelo público alvo e pelo tema da BT será influenciadora da forma como a introdução apresenta todas estas informações, inclusive de forma visual. Um recurso muito utilizado, especialmente para públicos mais jovens, é realizar a introdução ao livro não como texto corrido, mas em tópicos que respondem a perguntas (e.g. Quem escreveu este livro?). Por fim, introduções recebem cores, fontes

e tamanho de letra diferentes das utilizadas no corpo do texto bíblico, sempre seguindo o tema definido. A figura 3 a seguir apresenta uma introdução ao livro de *Provérbios*, da *Bíblia Desafios de Todo Homem* (2012), na qual os elementos estão apresentados em tópicos.

Figura 3 – Introdução ao livro de Provérbios



Arterburn, 2012

2.3.4 Quadros

Quarto componente dos comentários temáticos, o quadro é o paratexto mais definidor da BT. Trata-se de um comentário que ocupa espaço na própria página do texto bíblico, mas que é destacado do mesmo por uma “caixa”— daí no nome “quadro”. É nesse material que o autor do comentário temático faz maiores interferências na leitura

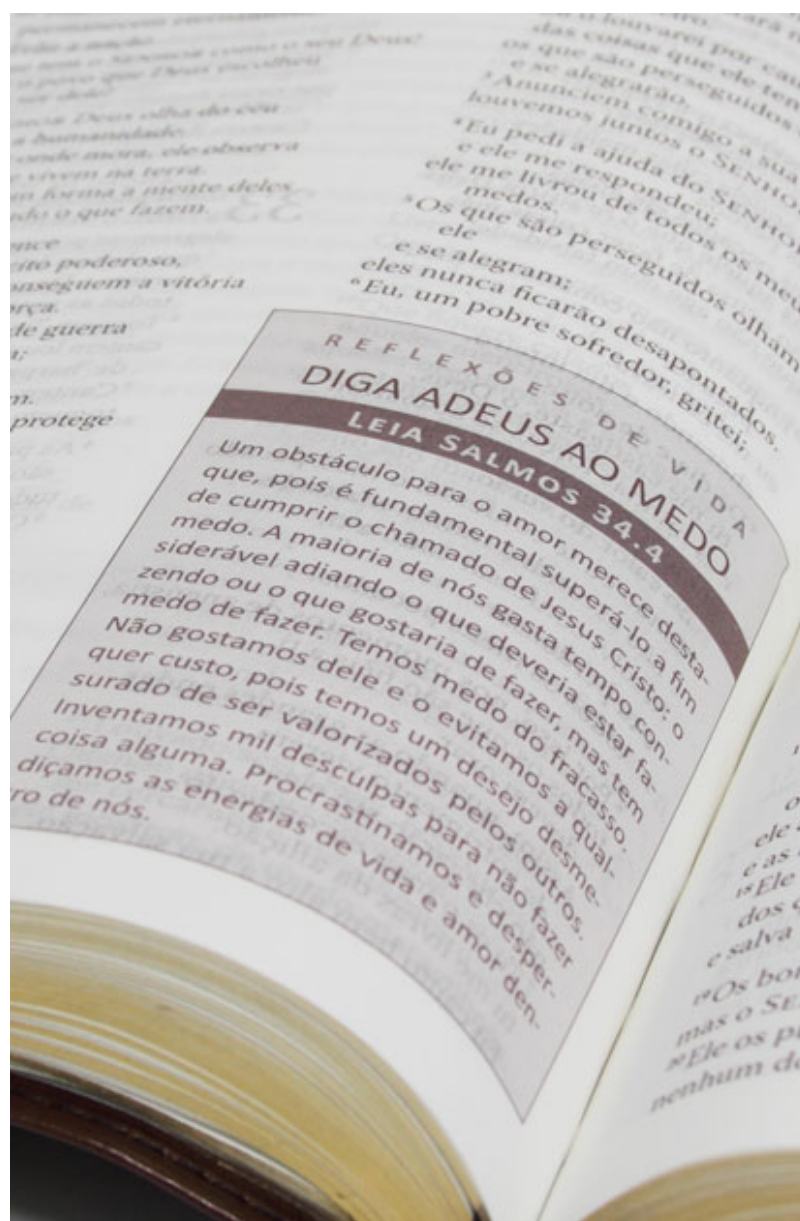
bíblica, juntamente com as notas de rodapé. Os quadros são os maiores definidores das BTs por serem, quase sempre, o elemento de vendagem do diferencial de uma BT. Os quadros comentam diretamente o texto bíblico, e são os principais responsáveis por estabelecer o diálogo entre o leitor e o texto, muitas vezes explicando a aplicabilidade espiritual do texto antigo para o contexto contemporâneo.

Nos quadros os autores colocam os devocionais, os materiais de estudo, perfis dos personagens, orações, sugestões de sermões, reflexões para o leitor e outros tipos de textos. Seu destaque costuma ser feito por um fundo colorido dentro dos limites do quadro (cores que seguem a paleta definida pelo tema), e algumas vezes recebem fonte e tamanho de letra diferentes do restante do texto bíblico.

Quadros costumam ter títulos, e em vários momentos fazem referência direta ao detalhe do texto que comentam (pois são o elemento do comentário que mais demonstram quais partes do texto são consideradas importantes pelos comentaristas), e em geral trazem, nas primeiras linhas, a indicação da leitura a ser feita. Também não é incomum que BTs tenham um conjunto de quadros com funções diferentes, dedicados a diferentes propósitos (personagens, orações, reflexões, etc.), e existem muitas publicações em que os comentaristas dão nomes específicos para cada tipo de quadro.

Exemplos de quadros podem ser vistos nas imagens 4 e 5, extraídos da *Bíblia Transformação Pessoal*. Essa BT em particular conta com quatro tipos de quadros: *devocionais*, *perguntas para transformação pessoal*, *reflexões de vida e verdade transformadora*. Na Figura 4, o quadro é colocado na lateral inferior da página, em que é possível visualizar o título do tipo de quadro, ("reflexão de vida"), o título particular do quadro ("diga adeus ao medo"), e o trecho da Bíblia que deve ser lido para realizar a reflexão proposta pelo comentarista (Salmo 34.4).

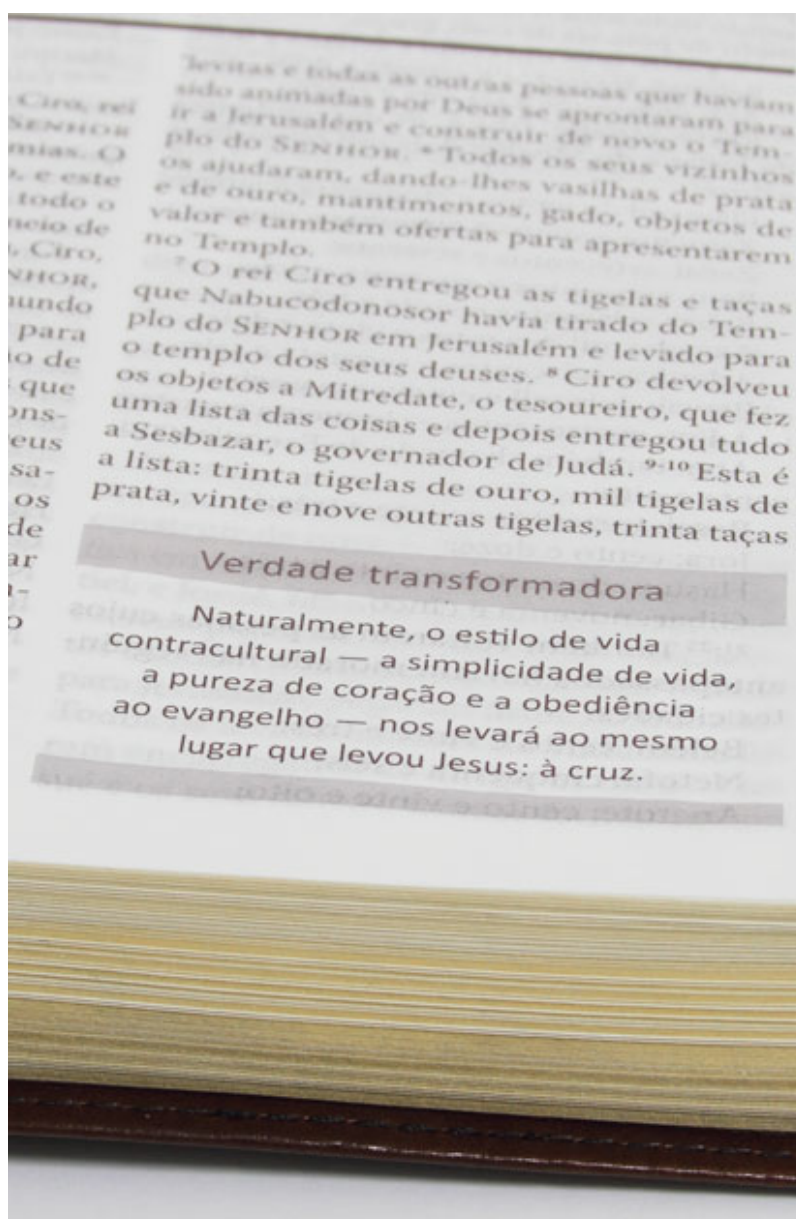
Figura 4 – Exemplo de Quadro



MANNING, 2013

Já na Figura 5, a seguir, é mostrado um quadro menor (“verdade transformadora”), com uma afirmação mais direta. Esse quadro, diferente do anterior, não tem título específico e não faz referência a um versículo específico.

Figura 5 – Segundo Exemplo de Quadro



MANNING, 2013

A carga ideológica desse tipo de paratexto em BTs é considerável, uma vez que é neles, principalmente, que o comentarista pode comentar diretamente o texto bíblico e dialogar com o leitor, apresentando sua interpretação pessoal. Esse diálogo pode ocorrer em segurança, uma vez que o paratexto está separado do texto bíblico pelo próprio limiar da borda do quadro (embora ainda esteja na mesma página), e não se confunde nunca com o texto bíblico.

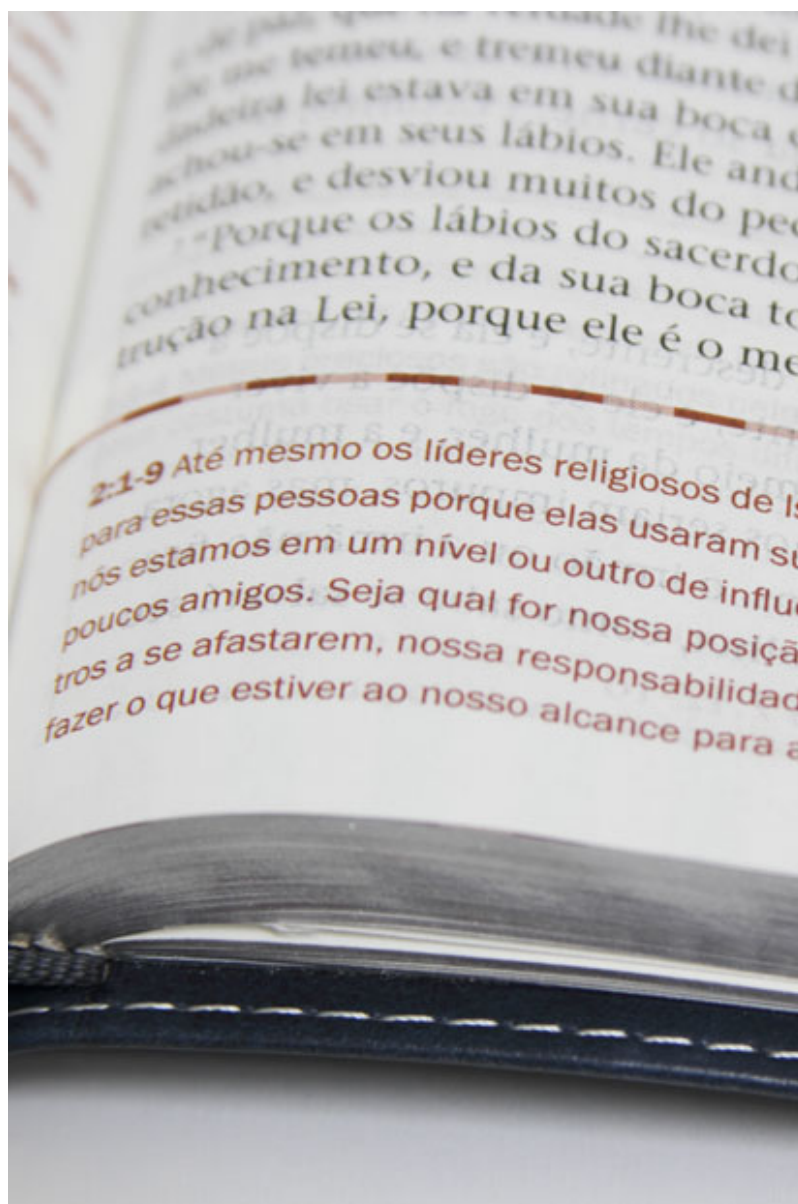
2.3.5 Notas

Colocadas ao pé das páginas, ou, em algumas edições, nas margens das páginas ou entre colunas do texto bíblico, as notas realizam um comentário, de tamanho variável, relativo a um segmento determinado de texto, com uma referência identificável pelo leitor acerca do trecho anotado (GENETTE, 2009, p. 281). Em BTs as notas de rodapé fazem referência ao segmento mais curto na divisão padrão do texto bíblico, isto é, a um versículo ou parte de versículo. A “chamada” da nota de rodapé é feita com a indicação do capítulo seguido pelo número do versículo, separados por um ponto.

Considerando que os comentários acerca de questões devocionais e espirituais dos textos costumam ser colocados dentro dos quadros, às notas de rodapé fica reservado normalmente um comentário acerca de aspectos culturais, teológicos ou históricos sobre o texto a que fazem referência^[1]. Trata-se de um comentário mais específico e mais breve que o dos quadros, que por sua vez podem cobrir um texto muito maior.

Ao lado das notas de rodapé estão outras notas, chamadas aqui de “notas de referência”, que assinalam dentro do texto bíblico outros trechos em que o mesmo assunto pode ser lido. São notas sem explicações, em que ocorre apenas a listagem de outros versículos relacionados ao texto, separados por ponto e vírgula. Esse segundo tipo de nota é assinalado por letras minúsculas, ou por números, na formatação comum dada a notas de rodapé. A posição dessa nota varia de publicação para publicação: existem exemplos de notas de referências colocadas nos rodapés, nas linhas inferiores abaixo do próprio versículo ou mesmo nas margens e entre as colunas internas do texto bíblico.

Figura 6 – Exemplo de nota de rodapé



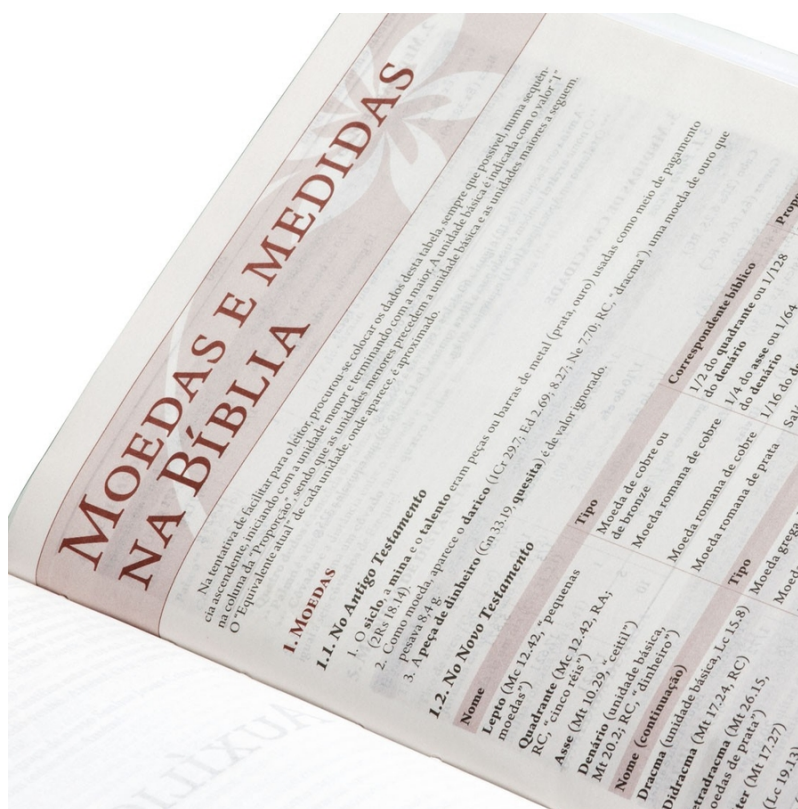
ARTERBURN, 2012

2.3.6 Tabelas

Normalmente colocadas no fim da Bíblia, tabelas trazem medidas, moedas e distâncias, e em alguns casos também informações não numéricas, citadas no texto bíblico com correspondências contemporâneas. Tabelas surgem da falta de identificação surgida do afastamento cultural entre o leitor contemporâneo e o texto original, destinadas a explicar valores numéricos para moedas que desaparecem e formas de medida e contagem, para que o leitor da Bíblia faça relação com sua realidade dos valores citados (se a tradução da Bíblia já realiza, dentro de sua estrutura, essa adaptação, a tabela de conversão pode ser dispensada).

As informações não numéricas que também podem ser colocadas em tabelas dizem respeito aos auxílios de interpretação panorâmica, isto é, textos que fornecem uma interpretação sucinta de um assunto ao longo de toda a Bíblia. Essas tabelas destinam-se a fazer correspondência entre temas e personagens e os versículos bíblicos onde são citados (e.g. “Pessoas que viram Jesus depois da ressurreição”, ou “Lições de obediência”), ou para fazer contraposição de situações em diferentes livros (e.g. “O Mundo em Gênesis vs. O Mundo em Apocalipse”).

Figura 7 – Exemplo de tabela



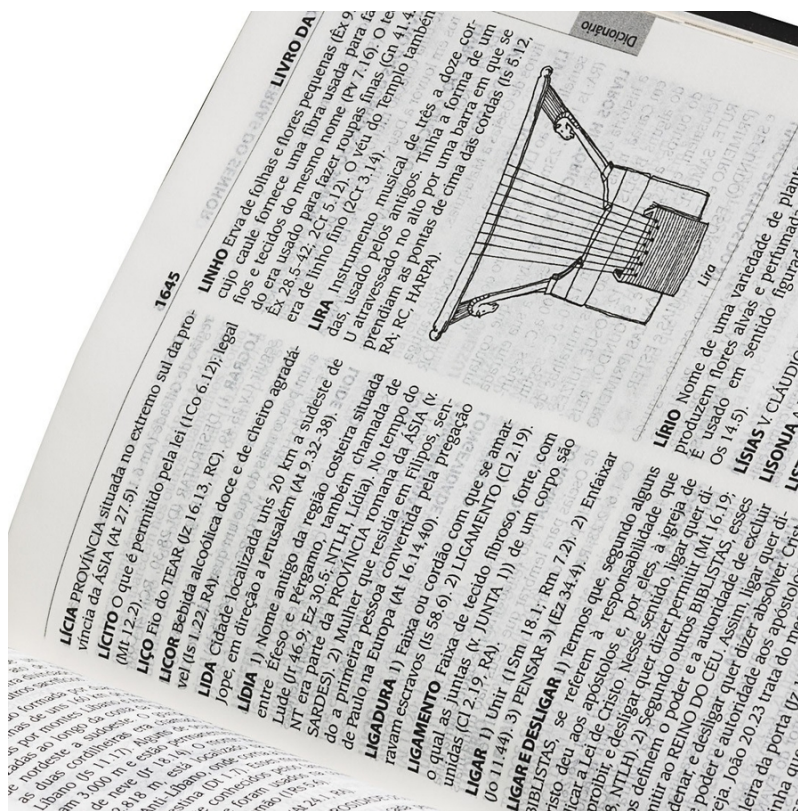
LOTZ, 2012

2.3.7 Ilustrações

Ilustrações em BTs podem ser de duas variedades. A primeira é a “ilustração explicativa”, a representação gráfica de elementos citados no texto bíblico, para os quais uma ilustração se faz necessária para melhor compreensão do leitor. São ilustrações de vestimentas da época, representações de templos (na forma de plantas arquitetônicas), desenhos de utensílios religiosos, entre outros. A segunda forma de ilustração é a “ilustração decorativa”, que são as ilustrações destinadas a adornar a página. A ilustração decorativa é influenciada pelo tema, e é comum que seu uso esteja concentrado ao lado de outros paratextos (como nas páginas de introdução aos

livros, ou dentro dos quadros), ou espalhado ao longo de toda a Bíblia, ocupando margens e títulos em geral com desenhos pequenos, com função puramente decorativa.

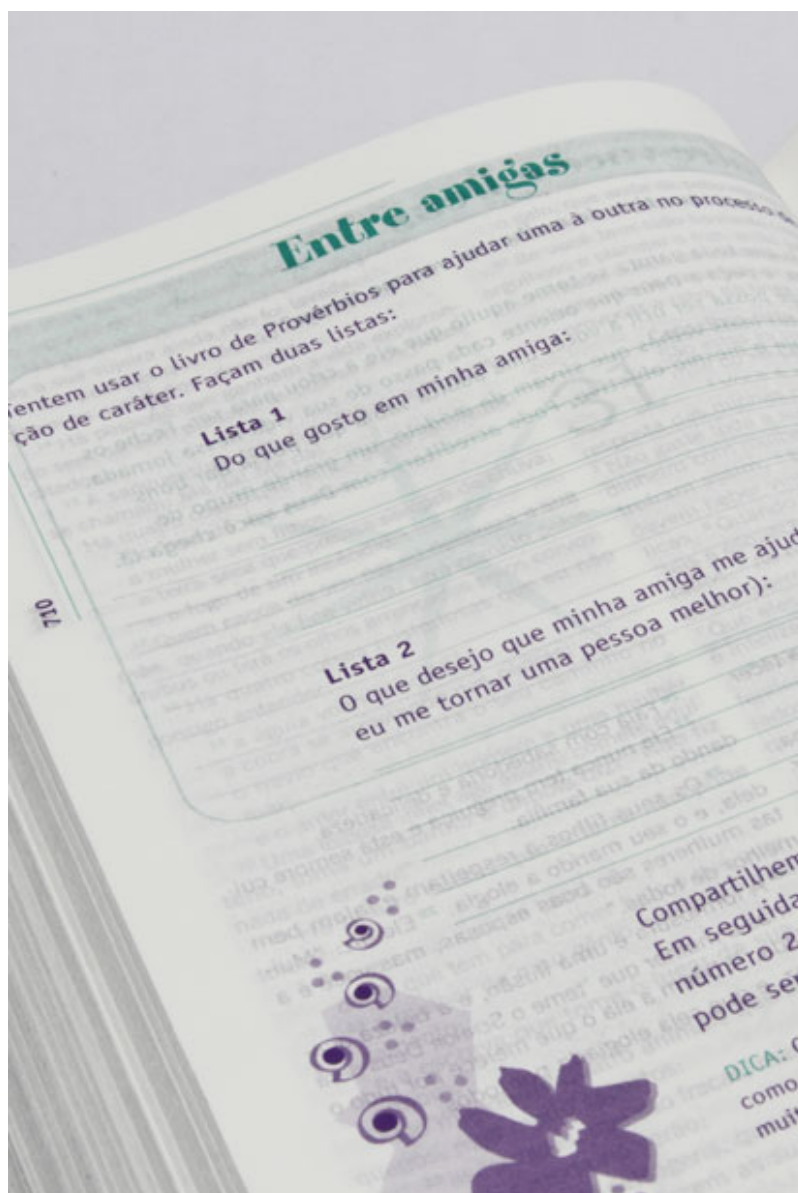
Figura 8 – Exemplo de ilustração explicativa



SBB, 2014

Na Figura 9, é visível uma ilustração logo abaixo de um verbete de glossário (cf. Item.1.3.6). Nesse exemplo, o desenho ilustra a definição do verbete, um instrumento musical antigo.

Figura 9 – Exemplo de ilustração decorativa



Rue, 2009

A figura 10, por sua vez, traz uma série de ilustrações pequenas com propósito puramente decorativo, ligadas ao tema. Nesse caso, a BT é novamente a *Bíblia da Garota de Fé*.

2.3.8 Glossário

Localizados no fim da Bíblia, glossários cobrem palavras e expressões bíblicas. São comuns em glossários a explicação, similar a uma entrada de dicionário ou

enciclopédia, de nomes próprios, dias do mês e festividades, expressões, flora e fauna, e termos que possam ter importância teológica^[1]. Sua principal função é servir como um pequeno dicionário bíblico, para tornar claros conceitos ligados a palavras desconhecidas do leitor contemporâneo ou que são empregadas de forma diferentes nos dias atuais.

O trecho a seguir foi retirado do glossário da SBB, colocado no fim de diversas Bíblias (temáticas e não temáticas) publicadas pela editora com a versão Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH):

Astarote: Deusa da fertilidade e da guerra, adorada e culto imoral por vários povos do mundo bíblico (1 Samuel 7.3). Também era conhecida pelos nomes de Astearte e Astorete (1 Reis 11.5). Não confundir Astarote com Aserá. **Astro:** Qualquer corpo natural que é visto no céu. O sol, a lua, as estrelas e os planetas são astros (Cântico dos Cânticos 6.10). **Até hoje:** expressão que, quando aparece com asterisco, se refere à época em que o texto bíblico foi escrito e não aos tempos atuais (Gênesis 22.14; Josué 5.9) (SBB, 2008).

Nesse exemplo estão entradas de glossário para elementos culturais e teológicos (Astarote), elementos do mundo natural (Astro) e expressões usadas pelo texto em português (Até hoje). Muitas BTs, entretanto, não possuem glossário, e em muitos casos ele é substituído ou fundido com a concordância (cf. 1.3.7).

2.3.9 Concordância/Chave bíblica

Em algumas publicações também chamado de “concordância temática”. É um auxílio comum, composto por uma listagem de palavras e expressões bíblicas, seguidas das referências bíblicas (livro, capítulo e versículo) em que aquela palavra pode ser lida em contexto. Pode substituir ou ser fundida ao glossário (nesse caso, a concordância traz uma breve definição da palavra). As entradas da concordância são variadas, podendo abranger desde nomes de lugares até expressões. O trecho a seguir é uma entrada de verbete de concordância:

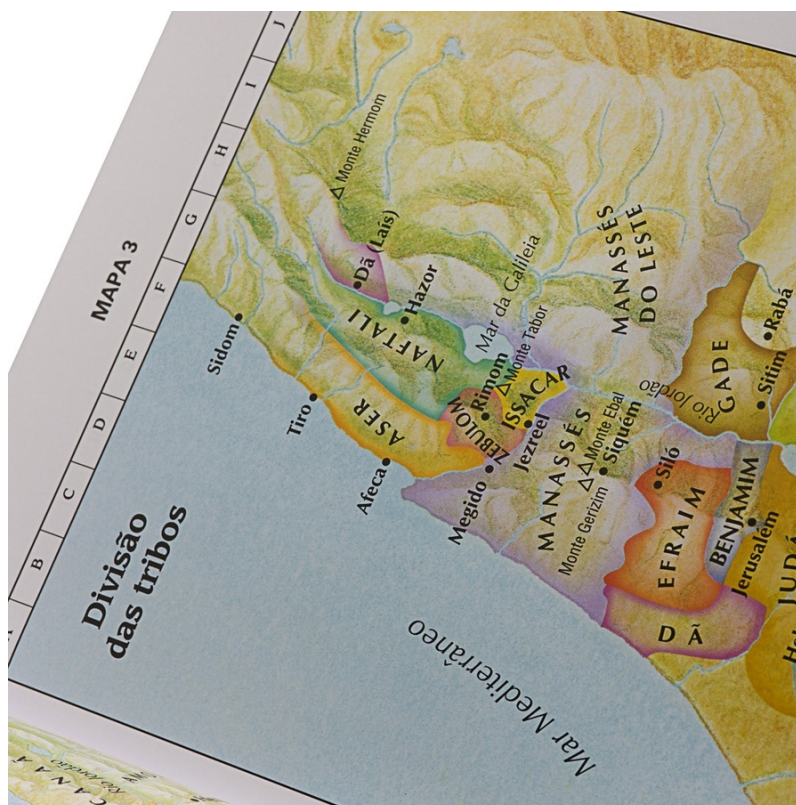
Lei [AT] (a) conjunto de prescrições morais e rituais do povo de Israel, contidas principalmente em Ex, Lv, Nm e Dt. Cf. Também Sl. 19. 7-11; 119. (b) Outras prescrições e ordenações Gn 26.5; Jó 28.26; Jr 33.25. [NT] (a) Uma das partes principais do Antigo Testamento. Às vezes, essa palavra designa todo o Antigo Testamento Mt 5.17; 11.13; Jo 10.34; At 13.15. (b) Especialmente, os mandamentos Mt 22.36-40; Lc 2.22-24, 27, 39; Jo 7.19, 23; 19.7; Rm 2.20-23; Fp 3.5-6; Tg 2.10-11. (c) Incapaz de dar salvação At 13. 38-39; Rm 3.21-31; 4.13-15; 7.1-13; 10.4; Gl 2.16-4.7; Ef 2.15. (d) A lei de Cristo ou do Espírito Mt 5.17-48; Rm 8.2; 1Co 9.21; Gl 6.2; Tg 1.25; 2.12. (LOTZ, 2008)

Embora esteja presente em boa parte das BTs, a concordância possui carga ideológica pequena, e é pouco influenciada pelo tema, ao menos no que diz respeito à seleção das entradas.

2.3.10 Mapas

Paratexto muito comum. São mapas temáticos relevantes para a compreensão do contexto bíblico. São exemplos de mapas: a representação de Jerusalém nos tempos de Jesus, a divisão das tribos de Israel, e dos reinos posteriores de Israel e Judá, mapas com rotas traçadas demonstrando as viagens de Paulo. Normalmente, os mapas possuem apenas legendas típicas desse tipo de representação, sem maiores explicações da parte dos comentaristas. Podem ser coloridos ou impressos em escala de cinza, algumas vezes em papel diferente do papel tradicional para Bíblias (mais fino e transparente).

Figura 10 – Exemplo de Mapa



2.3.11 Outros auxílios de Leitura

Essa última categoria se refere aos paratextos que, embora frequentes, são difíceis de classificar individualmente. Identifico neste último grupo textos de auxílio espiritual ao leitor que não comentam diretamente o texto bíblico, mas que sugerem uma forma de leitura. São tabelas, quadros e artigos que, colocados normalmente no fim da Bíblia, sugerem textos para leitura em diferentes situações e emoções (um título comum é “Onde encontrar a ajuda na Bíblia”) e planos de leitura pessoal da Bíblia (e.g. “Lendo a Bíblia em um ano”).

2.4 A Bíblia Temática e a Leitura da Bíblia

A análise feita até aqui apresentou algumas questões fundamentais ligadas ao contexto das Bíblias Temáticas. Os exemplos foram utilizados para demonstrar como o tema e discursos devocionais se articulam em paratextos e outros detalhes para compor uma BT.

Em uma Bíblia Temática, graças às diferenciações criadas pelo comentário temático, o texto bíblico, embora antigo e já central em várias formas religiosas, ganha uma nova forma e uma nova recepção. O comentário constitui uma nova forma de interpretação, e no caso do comentário temático, uma interpretação “feita especialmente para o leitor”. Esse novo formato leva a uma produção inédita de sentidos em que “as formas produzem sentido e que um texto, estável por extensão, passa a investir-se de uma significação e de um status inéditos, tão logo se modifiquem os dispositivos que convidam à sua interpretação” (CHARTIER, 1998, p. 13).

Soma-se a essa nova produção de sentidos e de consumo do texto bíblico o aspecto sensível que o texto religioso costuma receber por parte daqueles que o tem como sagrado. O que traz sacralidade ao texto, e este é o caso específico da Bíblia, é a crença de que o escritor não trabalhou o texto de si mesmo, mas inspirado pela divindade (SIMMS, 2006, p. 19). Essa crença não só eleva o texto para a posição de palavra que deve ser ouvida (seguida, respeitada, e mesmo obedecida, no caso de mandamentos). É da Bíblia que são extraídas doutrinas religiosas, não apenas de aplicação pessoal e vida prática, mas também de vivência comunitária e prescrições da forma correta de realizar o serviço religioso^[1]. É também dessa sacralidade que surgem costumes de que outros materiais escritos (ou, melhor dizendo, outras doutrinas) não devem dividir espaço com a leitura do texto bíblico, ou se lidos, não devem sobrepujá-lo:

Nesse ponto reavivam-se velhas polêmicas sobre o valor relativo ou exclusivo de textos sagrados em detrimento ou a favor de livros complementares. Alguns, especialmente em denominações menores e

mais sectárias, reprovam qualquer leitura fora da Bíblia. Mas cresce a tendência dos que sem deixar de afirmar a absoluta primazia da Bíblia, enquanto norte e instância última de consulta admitem complementá-la com escritos de irmãos de fé sobre os mais variados assuntos, especialmente entre os protestantes históricos e os neopentecostais (LEWGOY, 2004, p. 59).

Essa compreensão nos leva a questionar que fatores estão envolvidos na aceitação de comentários temáticos. Uma vez que a Bíblia pode ser vista como texto sensível – podendo extrair reações emocionais de vários leitores que tem com valor na religião – é esperado que não seja qualquer texto autorizado a dividir, com o texto bíblico, o espaço aos olhos do leitor. O comentário temático, não sendo o texto religioso em si, pode extrair reações sensíveis simplesmente por falar da Bíblia e por estar anexada a ela. Vemos um exemplo desse fato no episódio de criação da Bíblia King James, em que o rei James I vetou aos tradutores a inclusão de comentários sobre doutrina (procedimento religioso e crença) nas margens da tradução em andamento; apenas a inclusão de referência e de esclarecimentos sobre o hebraico ou o grego estava permitida (MILLER e HUBER, 2010, p. 178). Outro exemplo, agora contemporâneo, foi uma reação publicada em *blog* evangélico repudiando uma BT traduzida:

Porém as Bíblias Temáticas muitas vezes caem no turbilhão das lutas dentro do campo religioso. Por exemplo, o conhecido e polêmico televangelista brasileiro, Silas Malafaia, lançou sua própria edição da Bíblia, “A Bíblia da Batalha Espiritual e Vitória Financeira”, cujo preço inicial foi R\$ 100,00. Um blog na Internet o atacou com uma matéria intitulada: “Silas Malafaia vende Bíblia Sagrada traduzida porlésbica”. [...] A mesma matéria argumenta que os direitos autorais dessa Bíblia “pertencem à Harper Collins” uma editora de São Francisco especializada em publicações esotéricas, que, segundo o blog, também publica e vende “literatura pornográfica e satânica” (CAMPOS, 2012, p. 54).

Portanto, o comentário temático atrai a atenção (e reações sensíveis) pela sua simbiose construída com o texto bíblico. Essa compreensão será essencial para os próximos capítulos, em que será feita a análise dos fatores culturais por trás das BTs evangélicas traduzidas e da sua entrada e inclusão no mercado brasileiro, processo intimamente ligado à formação da religião evangélica e do leitor evangélico no Brasil recente.

3 O Contexto das Bíblias Temáticas Traduzidas

Uma BT traduzida é criada quando um comentário temático, após ser separado da BT que originalmente compunha na cultura de partida, é traduzido para uma segunda língua e unido a uma versão da Bíblia já aceita na comunidade usuária dessa segunda língua, formando uma nova BT. É esse novo produto o objeto das próximas páginas. Propõe-se uma análise baseada em abordagens dos estudos descritivos da tradução (EVEN-ZOHAR, 1997; TOURY, 2012).

BTs aqui são tidas como parte de uma estrutura sistêmica, conforme a Teoria dos Polissistemas proposta por Even-Zohar (1990; 1997), para quem os elementos culturais presentes na produção de textos são compartilhados e apreendidos de um sistema de origem para um sistema de receptor. Desse ponto de partida, pode ser estabelecida uma metodologia de análise das diferenças entre originais e traduções, em um esforço para descrever as traduções, os contextos culturais em que foram realizadas, e as normas envolvidas em sua construção (EVEN-ZOHAR, 1997; TOURY, 2012)

O texto traduzido de interesse aqui é o comentário temático, de foco em sua maioria devocional, nas práticas espirituais pessoais do cristão. O comentário temático não é produzido especificamente para comentar uma tradução do texto bíblico, o que permite ao comentarista a possibilidade de uni-lo a diferentes traduções do texto bíblico, e não é incomum, também, que um mesmo comentário temático seja publicado com diferentes versões da Bíblia. Um exemplo dessa situação é a *Woman's Study Bible* (1995), por exemplo, que é publicada com as traduções bíblicas *King James Version* e *New International Version*, em inglês, enquanto sua tradução em português, a *Bíblia da Mulher* (2003), pode ser adquirida com as traduções bíblicas *Almeida Revista e Corrigida*, *Almeida Revista e Atualizada* e *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. É criado, dessa forma, um produto diferenciado, com múltiplas possibilidades de composição.

Conforme discussão feita no capítulo anterior, comentários temáticos tendem a focar justamente nos significados implícitos, no valor espiritual não imediato e oculto do texto bíblico, e percebe-se que o aspecto mais importante no caráter das Bíblias Temáticas é sua “destinação especial”. O propósito do comentário temático é esclarecer e auxiliar na interpretação do texto bíblico, e esse auxílio é então direcionado a um público específico. Esse procedimento corrobora uma doutrina evangélica comum, de que a Bíblia “fala” aos leitores de formas diferentes. Os sentidos religiosos que podem ser extraídos da Bíblia em sua dimensão mística, relativa à espiritualidade implícita (aos quais Gabler e Wheeler chamam “sentido mais-que-literal”), são os mais variados:

A situação do sentido mais-que-literal é, compreensivelmente, ainda mais complexa do que a do literal (...). Além disso, costuma-se conceber o sentido mais-que-literal como múltiplo – ou, dito de outra maneira, os intérpretes têm encontrado nas escrituras vários sentidos mais-que-literais. (GABLER; WHEELER, 2003, p. 231)

A aplicação da Bíblia para fins religiosos acaba, assim, exigindo de seu usuário uma separação de conteúdos, dando prioridade ao que for conveniente para a aplicação religiosa de que necessita (GABLER; WHEELER, 2003). Com a presença do tema, essa extração de sentidos passa a definir formas com que a Bíblia “fala” a grupos diferentes: leitores podem ser diferentes entre si, mas, uma vez identificados em um grupo de semelhantes (por características e interesses), vários leitores podem fazer uso do mesmo comentário, constituindo variados públicos-alvo. São retirados da Bíblia, assim, os valores religiosos “úteis” e “aplicáveis” ao contexto desse leitor “alvo”, idealizado em suas preferências e necessidades com relação à Bíblia.

Esses produtos complexos, quando traduzidos, são objetos interessantes para os Estudos da Tradução. O exame desse tipo de fenômeno demanda uma observação em variados níveis, de forma a avaliar as diferenças na forma com que uma BT foi inserida em um sistema de chegada após a tradução do comentário temático. O objetivo dessa pesquisa é, conforme apresentado na Introdução, analisar uma BT traduzida para, mediante essa análise, identificar o que essa tradução revela sobre o leitorado evangélico. Trata-se de um trabalho descritivo, no qual são formuladas hipóteses também descritivas.

A descrição de traduções como fatos aceitos e válidos na cultura receptora são um caminho para compreensão de características do sistema. Os resultados da descrição não ficam limitados ao caso específico analisado, mas geram dados sobre o sistema receptor graças às redes sistêmicas de interdependência que geram a tradução. As traduções não surgem “do nada”; antes, são respostas a necessidades e fenômenos sistêmicos, e ocorrem para desempenhar alguma função no sistema receptor. Para que cumpra essa função com eficácia, determinados processos incidem sobre esses textos a partir da cultura receptora. Dessa forma, uma análise descritiva em retrospecto (partindo do texto traduzido para o contexto maior em que ele se insere) é um caminho para revelar dados sobre produto, função e processo, reflexos dos comportamentos sistêmicos envolvidos com aquela tradução – não apenas no sistema receptor, mas também explorando a relação entre sistema fonte\texto fonte\ texto traduzido\ sistema receptor. Essa abordagem teórica será dissertada em maiores detalhes nas linhas a seguir.

3.1 Textos evangélicos dentro de uma visão polissistêmica

Devem-se considerar os textos sobre religião, como as BT, como partes de um extenso sistema de textos religiosos, onde estão incluídos os textos sagrados que definem as diretrizes da fé (como é o caso da Bíblia), juntamente com os discursos formulados a partir desses textos, que comentam e refletem sobre as práticas religiosas. Esse sistema de textos tem seus próprios subsistemas, definidos pela religião. Cada religião diferente, por sua vez, caracteriza um novo subgrupo de textos, em diálogo constante com as respectivas culturas religiosas nas quais circulam seus leitores. As BTs tratadas aqui surgem no sistema de textos evangélicos, que mantém diálogo constante com a cultura criada pela religião evangélica brasileira:

Junto ao crescimento de Igrejas específicas, amplia-se um difuso mercado literário evangélico com categorias, títulos e autores com um bom trânsito interdenominacional, sem que isso expresse um projeto agenciado por dirigentes eclesiais. Trata-se de uma circulação multidirecional que acompanha a formação de um mercado religioso, no interior da nebulosa cultura evangélica. (LEWGOY, 2004, p. 59)

O sistema de textos evangélicos se desenvolve a partir da fixação da religião evangélica no Brasil, com a evolução nas formas de negócio de publicação que começaram como ministérios em igrejas, e depois evoluíram para empresas especializadas (LEWGOY, 2004; ENDO, 2007). A religião evangélica não é uma exclusividade brasileira. O protestantismo surge na Europa e estabelece raízes em países anglo-saxões como a Alemanha, a Inglaterra, e os Estados Unidos; esses, principalmente, foram os responsáveis maiores pela entrada protestante no Brasil, através de missionários de outros países (CAMPOS, 2005; MENDONÇA, 2007). Portanto, é natural que o sistema de textos evangélicos exista em outras línguas e culturas, e que ocorra um diálogo, mediante tradução, entre esses sistemas.

No caso das BTs, as características linguísticas do comentário temático recebem influência direta do discurso religioso (doutrina) adotado pelo comentarista e também do público-alvo: escolhas estilísticas diferentes são feitas para leitores diferentes, como o uso de gírias em um comentário temático para adolescentes, por exemplo. O sistema brasileiro foi bastante dependente de tradução em sua formação inicial, especialmente de originais vindos dos Estados Unidos. Essa dependência levou até mesmo ao estabelecimento de políticas de incentivos a autores nacionais aplicadas em editoras especializadas, como explica Endo:

Em relação à procedência do original, ou seja, se o livro é uma tradução ou é um texto de autor nacional, o segmento evangélico demonstra sua grande dependência do autor estrangeiro [. . .], em especial o americano. Essa situação está sendo combatida pela Asec, principalmente com

o Prêmio Aretê de Literatura, que há quase vinte anos reconhece e premia os melhores livros publicados pelo segmento evangélico. Importa ressaltar que, nos últimos anos, a coordenação do prêmio decidiu que, em cada uma das mais de 20 categorias, um autor nacional seria premiado e, caso o livro melhor avaliado fosse nacional, este seria o único vencedor naquela categoria. Esse procedimento é um incentivo à publicação de livros de autores nacionais (ENDO, 2008, p. 42).

Assim, a literatura evangélica se constitui como um sistema integrado a vários outros dentro da cultura brasileira, num movimento que envolve editoras, autores, tradutores e comunidades evangélicas (igrejas). Pretende-se observar a existência e comportamento de textos como as BTs dentro do sistema evangélico brasileiro a partir de teorias ligadas à posição de textos traduzidos, especialmente a literatura traduzida que tem aspecto central. A base teórica para esse objetivo é a Teoria dos Polissistemas desenvolvida pelo teórico israelense Itamar Even-Zohar durante os anos 1990.

Surgida para analisar as estruturas literárias israelenses que, por volta dos 1970-80, se caracterizavam pela forte influência de literaturas “maiores” (no caso, as literaturas russa, alemã e anglo-americana): a língua hebraica não possuía cânone literário próprio e dependia de tradução para produção intelectual, política e econômica (GENTZLER, 2009). A teoria dos polissistemas é uma abordagem voltada para as relações. Nessa proposta, um sistema de textos é uma estrutura heterogênea e aberta, em que sincronia e diacronia fazem parte do mesmo sistema, ao mesmo tempo em que podem ser estudadas como sistemas separados em si. A estrutura de significados e de produção literária é entendida como um polissistemas, e não mais como um sistema unitário (EVEN-ZOHAR, 1997). Essa abordagem múltipla permite a análise de casos complexos na literatura, como o de culturas bilíngues com duas tradições literárias e o de culturas em que a tradução ocupe posição central.

Embora estabelecida para o estudo da literatura, a visualização de fenômenos na forma de polissistemas complexos é uma abordagem de pesquisa cultural que pode ser aplicada ao estudo do comportamento de diferentes fenômenos escritos além da literatura (NIELSEN, 2007; GENTZLER, 2009), o que faz dela uma abordagem adequada para a reflexão sobre as movimentações ocorridas no sistema de textos evangélicos.

A teoria de Even-Zohar propõe a existência de variados centros e periferias que realizam entre si trocas culturais diversas. Entre essas relações, a tradução muitas vezes ocupa uma posição central, conforme expõe o teórico:

É tentador deduzir da posição periférica da literatura traduzida no estudo da literatura que ela ocupa permanentemente uma posição periférica no polissistema literário, mas esse de forma alguma é o caso. Se a literatura traduzida se torna central ou periférica, e se essa posição está

conectada com repertórios inovadores (“primários”) ou conservadores (“secundários”), depende da constelação específica do polissistema sendo estudado³ (EVEN-ZOHAR, 1997, p. 46, tradução minha).

A tradução em posição central no polissistema é aquela que participa de forma ativa da formação de suas estruturas (EVEN-ZOHAR, 1997). Esse acontecimento costuma ocorrer para gerar inovação e deve ser identificado com os fatores históricos que o provocaram. A tradução pode servir não apenas para a busca por novas obras, mas para novos modelos de escrita, poética e composição. A própria escolha do que será traduzido ou não é definida pelo contexto histórico gerador da mudança. Embora aplicada à literatura, a proposta de que o sistema recorra a traduções para renovar ou criar um repertório em momentos de necessidade é bastante adequada para analisar o sistema de textos evangélicos.

O grande número de traduções no sistema de textos evangélicos, de diferentes estilos, temas e tipos de texto, leva diretamente à necessidade de investigar qual acontecimento, exatamente, provocou tal processo de produção e tradução. Fatores econômicos e eventos sociais se refletem nas relações intelectuais, que por sua vez se refletem na produção textual. A investigação histórica é capaz de revelar, assim, quais fatores em determinado período influenciaram as relações culturais reveladas pelo comportamento do sistema de textos.

A consciência sistêmica de que existem fatores históricos e culturais envolvidos na tradução, e de que ocorrem relações de trocas entre as culturas de origem e receptora é a base para o desenvolvimento de hipóteses a partir de dados. Essa consciência, na atividade de analisar uma BT, dirige a atenção do pesquisador para detalhes de formação do sistema cultural. Quais acontecimentos foram o gatilho para a tradução de determinado tipo de texto? Quais funções esse texto aparenta cumprir no sistema receptor? Quais valores culturais estão envolvidos na tradução? A análise histórica em busca de respostas desse tipo auxilia na formação de hipóteses coerentes. Por exemplo, o advento de alguma nova prática cultural que estimulou leitores a preferirem um determinado tipo de texto; ou ainda, mudanças políticas em determinado período que contribuíram para o interesse por determinado autor, estilo ou ideologia publicada. No caso do processo de análise de uma BT evangélica traduzida, o sistema evangélico brasileiro deve ser observado em sua relação com a tradução e em sua produção textual ao longo de sua formação.

³ One would be tempted to deduce from the peripheral position of translated literature in the study of literature that it also permanently occupies a peripheral position in the literary polysystem, but this is by no means the case. Whether translated literature becomes central or peripheral, and whether this position is connected with innovatory (“primary”) or conservatory (“secondary”) repertoires, depends on the specific constellation of the polysystem under study

3.2 Analisando BTs traduzidas por uma abordagem descritiva

A existência de uma tradução é consequência de um fenômeno cultural. O pesquisador deve questionar não apenas quais funções o texto desempenha quando acabado, mas também quais movimentos sistêmicos na cultura o provocaram. As teorias descritivistas do também israelense Gideon Toury começaram a ser desenvolvidas a partir da análise de traduções para o hebraico de um ponto de vista sistêmico, conforme proposto por Even-Zohar. O trabalho central de Toury defende o papel fundamental dos estudos descritivos, com base na premissa de que leis e teorias de fato aplicáveis só podem ser alcançadas através de estudos descritivos individuais, mediante os quais normas e premissas derivem da análise de dados reais (TOURY, 2001, p. 10).

As motivações culturais serão elementos determinantes no processo de tradução. As decisões tomadas quanto aos elementos do texto que devem ser mantidos, assim como as razões para serem considerados cruciais não são arbitrárias, mas definidas pelas necessidades e desejos do sistema receptor. Um estudo descritivo, assim, só atingiria seu objetivo se processo, produto e função (que, aqui, tem o sentido de “valor”) fossem trabalhados em conjunto, de forma incorporada. Dessa forma, os Estudos Descritivos propostos por Toury contrastam com a distribuição das áreas dos Estudos da Tradução proposta por James Holmes em 1988, para quem o processo, o produto e a função seriam áreas de estudo separadas dentro dos Estudos Descritivos.

Uma vez aceito que os fatos em torno do texto não são arbitrários e estabelecem conexão com a cultura receptora, a posição das traduções, o ato de traduzir, a forma de uma tradução e sua relação com original e as estratégias aplicadas em seu progresso estabelecem relações de influência entre si. São as interdependências entre esses fatos que interessam ao pesquisador descritivo:

Encontramos interdependência com um foco óbvio de interesse, a intenção principal sendo descobrir as regularidades que marcam os relacionamentos adotados entre função, produto e processo. Tentando atingir esse objetivo, traduções foram encaradas como fatos da cultura que as recebe, com a suposição concomitante de que qualquer que seja sua função e identidade, essas são constituídas dentro dessa mesma cultura e refletem sua própria constelação⁴ (TOURY, 2001, p. 24, tradução minha).

Outra inovação na proposta descritivista de Toury é a orientação da pesquisa para a cultura receptora, e não para a cultura fonte. Ao analisar o fenômeno da cultura

⁴ We found interdependencies emerging as an obvious focus of interest, the main intention being to uncover the regularities which mark the relationships assumed to obtain between function, product and process. In an attempt to pursue this goal, translations have been regarded as facts of the culture which hosts them, with the concomitant assumption that whatever their function and identity, these are constituted within that same culture and reflect its own constellation

hebraica traduzida, em um estudo publicado em 1980, Toury percebeu que as alterações ocorridas no texto traduzido em contraste com o original eram “ditadas pelas condições culturais do sistema receptor” (GENTZLER, 2009, p. 160). Uma vez que o texto traduzido existe na cultura alvo, é possível questionar o quê, exatamente, permite que esse texto passe pelo crivo da aceitabilidade desse sistema. Além de elementos culturais que possibilitam a entrada do texto, ou mesmo ditam sua necessidade para a cultura receptora, o texto traduzido assume formas baseadas nos preceitos de aceitabilidade da cultura receptora. É importante ressaltar que, embora a abordagem de Toury tenha surgido da identificação de desvios nos textos traduzidos para o hebraico com relação aos originais europeus, a tendência por aderir a cada aspecto do original também é um reflexo da cultura receptora, e não da cultura fonte. Representantes dessa situação são casos extremos em que *modelos* inteiros são inseridos na cultura receptora vindos de outro sistema (TOURY, 2001).

Ainda segundo a proposta descritiva de Toury, deve-se ter em mente que a tradução surge para desempenhar um papel no sistema receptor:

Assim a posição prospectiva de uma tradução dentro de uma cultura ou de uma seção particular dessas deveria ser vista como um forte fator dominante da própria composição do produto, em termos de valores subjacentes, representação linguística, ou ambos. Afinal, traduções não vêm em um vácuo. Não apenas o ato é realizado em um ambiente cultural particular, mas é projetado para atingir algumas necessidades lá, e/ou ocupar certo espaço dentro deste⁵ (TOURY, 2000, p. 6, tradução minha)

Para desempenhar esse papel que lhe foi projetado certas reformulações são feitas no texto, não apenas na sua estrutura intratextual, mas também mediante outras estratégias de validação: alterações no título, exclusões e inclusões de elementos, escolhas na linguagem, e mesmo a estrutura paratextual em volta do texto (como as capas) são reflexos desse processo. A análise descritiva dessas estratégias de validação e de apresentação de textos traduzidos pode revelar justamente a posição de uma obra traduzida, o “local” (*slot*) que foi planejado para ela pelas forças governantes do sistema. Essa análise deve ser feita em retrospecto, isto é, em que se parte do texto, um caso real existente no sistema, para a partir do estudo descritivo serem formulados princípios cabíveis (TOURY, 2001).

No caso de BTs essa análise está concentrada principalmente na recolocação e rerepresentação do comentário temático na BT traduzida. Comportamentos como

⁵ Thus the [prospective] position (...) of a translation within a culture or a particular section thereof should be regarded as a strong governing factor of the very make-up of the product, in terms of underlying models, linguistic representation, or both. after all, translations don't come to be in a vacuum. Not only is the act performed in a particular cultural environment, but is is designed to meet certain needs there, and/or occupy a certain 'slot' within it.

a manutenção ou modificação do tema, exclusão ou inclusão de paratextos revelam as diferenças entre as funções do texto na cultura alvo e as funções na cultura fonte. Essas decisões são identificáveis na observação dos textos: a presença de um gênero específico de texto em detrimento de outros; a opção frequente por substituir referências da cultura de saída por similares na cultura receptora (domesticação); ou mesmo a inserção total de novas palavras e conceitos na cultura receptora através de textos traduzidos (decalques e aclimatações), são exemplos de decisões que demonstram as prioridades do sistema (suas intenções com a tradução daquele material).

As abordagens descritivas, assim, se aplicam naturalmente para responder à questão colocada na introdução, que visa descobrir quais características do grupo do leitorado evangélico podem ser reveladas pela análise de uma BT traduzida. A seguir será apresentada uma proposta metodológica para analisar BTs traduzidas, com exemplos de questionamentos cabíveis e formulação de hipóteses.

3.3 Proposta para a análise de BTs traduzidas

Considerando-se suas características particulares apresentadas no capítulo anterior, a base dessa proposta está em realizar um estudo descritivo a partir da investigação da recepção de textos traduzidos mediante a análise de paratextos, conforme proposto por Risterucci-Roudnicky (2008) e por Torres (2011). Segundo Risterucci-Roudnicky (2008), a obra traduzida, uma vez que é um texto indissociável de um original, carrega em si uma “irreduzível dualidade intrínseca, mais ou menos visível na trama híbrida do texto traduzido e do exterior textual que o acompanha” (p. 14, tradução minha⁶). Podem ser identificadas duas subclassificações de hibridiz a partir daí: a *hibridiz textual* e a *hibridiz paratextual*. Essa última, a que interessa para a análise, diz respeito a tudo que está fora do texto em si, mas está ligado a ele e contribui para a composição da leitura. Os paratextos, esses discursos limiares, conforme a definição proposta por Genette (2009), quando gerados pelo processo de publicar um texto traduzido, refletem a construção cultural de leitura desenvolvida para validar aquele texto traduzido no sistema receptor, manifestados no plano editorial (editora, coleção, ilustrações, quarta-capa) e metatextual (títulos, prefácios e posfácios de transferência, notas e glossários).

Ao falarmos de BTs traduzidas e de comentários temáticos traduzidos, é preciso, antes de tudo, identificar quais elementos configuram modificações e adaptações

⁶ (...) l'oeuvre en traduction atteste une irréductible dualité intrinsèque, plus ou moins visible dans la trame du texte traduit et dans le hors-texte qui l'accompagne (RISTERUCCI-ROUDNICKY, 2008, p. 14)

em aspectos do comentário temático original, além de identificar quais paratextos participam da composição do comentário temático original, quais paratextos foram inseridos pelo processo de tradução. Essa investigação é feita a partir da comparação entre a BT original e a traduzida.

A princípio, devem-se observar modificações nas capas, contracapas, ilustrações, cores e na distribuição dos paratextos ao longo da BT traduzida. Portanto, a primeira etapa da análise comparativa proposta aqui entre a BT original e a traduzida tem como objeto os discursos de acompanhamento e índices morfológicos, conforme apresentados por Torres (2011). Entende-se por índices morfológicos e discursos de acompanhamento

Todas as indicações que figuram nas capas externas – frente e verso – e nas capas internas dos livros (página de rosto, páginas do falso título etc.) e que trazem detalhes sobre o estatuto das traduções, ou seja, a maneira pela qual elas são percebidas conforme os elementos informativos que apresentam. E por “discurso de acompanhamento” entendemos que seja qualquer marca paratextual (prefácio, pareceres etc.), o lugar onde a ideologia aparece de forma mais clara (TORRES, 2011, p. 17).

Assim, também no caso de BTs traduzidas, tais elementos são o reflexo mais evidente da função da tradução no sistema de chegada, e das normas ideológicas determinadas por esse sistema (esses conceitos teóricos serão definidos a seguir nas seções 2.2 e 2.3). O exame desses elementos, certamente, é feito levando em consideração o tema definido, uma vez que toda a estrutura visual e linguística da BT é desenvolvida em prol do tema. Dois aspectos majoritários devem ser observados no momento da análise. São eles a *reapresentação do tema no sistema receptor* e a *recolocação dos paratextos que compõem o comentário temático*.

Por *reapresentação do tema no sistema receptor* entende-se os meios pelos quais o tema da BT original foi reproduzido, ou modificado, na BT traduzida. Essa reapresentação, demonstrada pelos índices morfológicos e discursos de acompanhamento, é o primeiro elemento do qual o pesquisador pode extrair as estratégias de legitimação da BT no sistema receptor. Os elementos externos devem ser levados em conta nesse momento da análise: a tradução do título, as ilustrações e a paleta de cores, as informações da capa e contracapa, folha de apresentação e outros textos adicionais preliminares. Essas estratégias devem ser analisadas tendo em vista o público-alvo original e as estratégias empregadas na BT original para atrair e dialogar com esse público.

Hipóteses formuladas como tentativas de responder aos fenômenos identificados dependem dos questionamentos certos. Similar às propostas de D’Hulst (2001) e Chesterman e Williams (2002) para proposição de estudo na área de história da

tradução, baseada em questionamentos sobre quem traduziu, como traduziu, para qual propósito etc., a metodologia aqui se baseia em um questionamento objetivo, de forma que as interdependências entre cultura, história e texto traduzido sejam tecidas em hipóteses que poderão então ser provadas ou refutadas.

Questionar “quem”, “o quê”, “onde”, “quando”, “por que” e “como”, e outras perguntas derivadas pertinentes é uma forma aplicável aqui para desenvolver essa análise. Mediante as respostas obtidas podem ser identificados quais pontos da história de um polissistema devem ser investigados. As respostas devem ser também contrastadas a outros questionamentos similares, mas dessa vez relativos ao sistema fonte: quem escreveu o comentário temático? Quem publicou a BT? Para qual propósito e qual público? De que forma o tema é articulado para cumprimento desse propósito? As ilustrações a seguir trazem alguns exemplos de como essas modificações podem ocorrer e de como algumas hipóteses podem ser formuladas. Na Figura 12 estão colocadas lado a lado as capas de uma BT original e de sua tradução em português brasileiro.

Figura 11 – Capas de BT original e traduzida



OMARTIAN, 2006; 2008

É possível observar a ausência de ilustrações na capa brasileira. É perceptível que o motivo temático feminino (evidente nas cores e fonte da letra) foi mantido, bem como o destaque do tema “oração”, tanto no título quanto no subtítulo. O nome da comentarista Stormie Omartian, uma autora americana Best-seller, conhecida por sua série de livros sobre oração, se manteve em evidência em ambas as capas, o que sugere uma diferença de estilos, mas não de foco ou tema.

A investigação do percurso editorial de cada publicação pode revelar respostas para as diferentes apresentações. Nesse caso, a capa da BT original segue o padrão com flores e luzes dos outros livros escritos pela comentarista sobre o mesmo tema (Figura 13), o que sugere a inclusão da BT dentro da coleção de livros *The Power of a Praying*. No Brasil essa série de livros também foi publicada, mas o esforço por incluir a BT dentro da mesma série parece menor do ponto de vista editorial: as capas seguem um estilo diferente da capa da BT (Figura 14), e a relação entre os títulos é vaga, embora sejam trabalhos da mesma editora (Mundo Cristão). O mesmo pode ser visto no título: enquanto os títulos americanos mantiveram a mesma fórmula frasal (*the power of a praying...*), os títulos brasileiros não indicam relacionamento imediato entre as publicações; os livros foram traduzidos com o título *o poder da... que ora* (*O poder da Mulher que Ora, O Poder da Esposa que Ora, O Poder da Criança que Ora...*), enquanto o título da BT segue outra fórmula com *A Bíblia da Mulher que Ora*.

Figura 12 – Coleção *The Power of a Praying...*



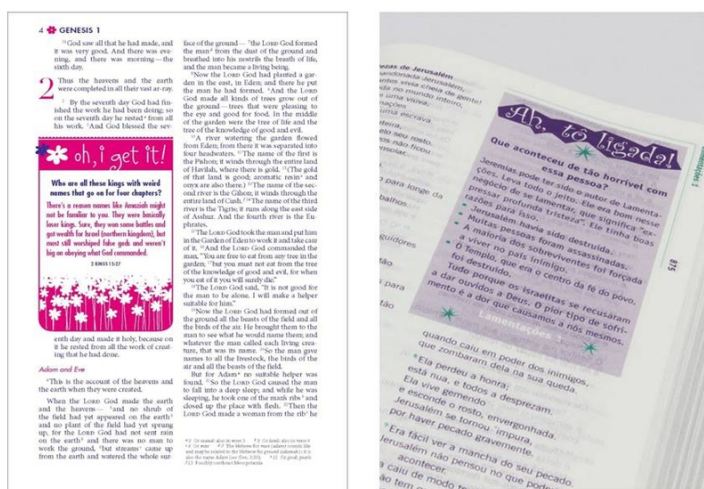
OMARTIAN, 2005

Figura 13 – Outros livros de Stormie Omartian publicados no Brasil sobre a temática “oração”

OMARTIAN, 2006.

Já por recolocação dos paratextos compreende-se a forma com que os elementos formadores do comentário temático foram organizados na BT traduzida. Aqui é observado se esses paratextos foram realocados nos mesmos lugares, ou se foram modificados/excluídos. A partir desses comportamentos, o analista deve levantar hipóteses para os fatores culturais dentro do sistema que possivelmente influenciaram as alterações identificadas. A Figura 15 traz um exemplo de comentário temático do tipo quadro, extraídos das Faith Girlz Bible (Rue, 2007) e de sua tradução brasileira a Bíblia da Garota de Fé (2009) em que as modificações na apresentação e na forma de colocação são bastante sutis.

Figura 14 – Comparação do interior entre uma BT original e a tradução



RUE, 2007; 2009

É interessante observar, nesse exemplo, que a aparência do quadro “oh, I get it” (“ah, tô ligada!”, na tradução), permaneceu dentro da proposta do tema do original, apenas com modificações menores de apresentação no conjunto de cores (de rosa para roxo), nas ilustrações decorativas (de flores para estrelas) e em pequenas diferenças na fonte da letra. Uma hipótese para essa manutenção tão próxima da apresentação visual é uma possível aceitabilidade que o comentário temático possa ter alcançado entre os responsáveis por sua tradução – julgando-o totalmente adequado para inserção no sistema receptor. Esse julgamento pode ser derivado da presunção de preferências similares entre os públicos-alvo dos dois sistemas: a apresentação para meninas americanas seria bem aceita por meninas brasileiras, pois as preferências culturais entre os dois públicos (meninas evangélicas, em idade pré-adolescente) são muito próximas aos olhos dos responsáveis pela publicação da BT traduzida. Parece existir, também, uma resposta positiva a esta apresentação por parte dos compradores, considerando-se a permanência do produto nos catálogos de venda (a *Bíblia da Garota de Fé* é vendida e reimpressa no Brasil desde 2009).

Por fim, não se deve perder de vista, ao analisar BTs, que a posição do paratexto em relação ao texto bíblico é muito importante. A colocação de cada paratexto é pensada em prol do propósito do comentário temático, da mensagem que visa transmitir. Como afirmado por Martens e Yarchin (2015), o comentário chama a atenção do leitor para um ponto específico do texto, e para uma interpretação feita a respeito daquele trecho. O efeito que se espera é que a interpretação e leitura do texto bíblico sejam

influenciadas pelo comentário. Uma mudança de posição irá implicar, muitas vezes, na alteração desse efeito. Tais alterações podem indicar, para o analista, uma possível diferença de propósito entre a BT original e BT traduzida. De tais diferenças podem ser formuladas mais hipóteses sobre a posição que a BT traduzida ocupa no sistema receptor, e as finalidades que levaram a sua tradução.

Um fenômeno híbrido como as BTs traduzidas pede pela análise de uma rede complexa de dados, em que estão envolvidos diversos fenômenos e fatores históricos combinados. Embora o foco desse trabalho esteja na análise de tradução de uma BT específica, um estudo do quadro maior em que se inserem esses textos é necessário para que se possam compreender os fatores envolvidos no surgimento daquele produto. Assim é construída uma rede de propostas, aplicadas a cada necessidade de um crítico de BTs traduzidas.

Para compreender as condições externas ao texto, os fatores envolvidos na tradução e existência do original, as metodologias descritivistas são usadas como ferramentas para analisar o contexto de surgimento de BTs e BTs traduzidas, de um ponto de vista histórico e cultural. Esses pensamentos foram combinados a abordagens funcionais de crítica de tradução em uma proposta especial para BTs traduzidas, considerando elementos intratextuais e extratextuais.

Os próximos capítulos são dedicados a essa análise. O Capítulo 3 apresenta o contexto de publicação das BTs, construindo a narrativa da formação da religião evangélica e do sistema de textos evangélicos – na premissa desse trabalho, é nessa formação que poderão ser identificadas as normas influenciadoras. O Capítulo 4 é dedicado à análise da Bíblia das Descobertas, com base nas informações coletadas nessa análise teórica, na proposta metodológica e na narrativa histórica.

4 Cultura Protestante e Literatura Religiosa Evangélica no Brasil

Neste capítulo são abordados a posição da Bíblia no Brasil, bem como a formação do mercado editorial evangélico brasileiro e o estabelecimento da cultura evangélica no Brasil. O objetivo é examinar o contexto em que são produzidas as BTs e assim embasar a análise. Trata-se da última contextualização necessária antes da análise de obra traduzida que será feita no Capítulo 4: o estabelecimento do sistema de textos evangélicos e do contexto cultural por trás da publicação de BTs.

Para compreender melhor os valores ideológicos que governam o sistema de textos evangélicos, é importante examinar parte do histórico do estabelecimento da religião evangélica no Brasil e sua relação com a Bíblia. O objetivo desse capítulo não é fazer um histórico completo da publicação bíblica no Brasil ou da história protestante brasileira, pois tal tarefa está fora das necessidades e da capacidade dessa pesquisa. Portanto, será apresentado aqui um pequeno apanhado da relevância da Bíblia para as doutrinas protestantes e um breve histórico da instituição protestante no Brasil. É através do exame desses elementos que, conforme o proposto, os valores culturais refletidos nas BTs e BTs traduzidas tornam-se mais claros para o analista.

4.1 Como a Bíblia se tornou um produto

Comentários temáticos e BTs surgem devido às transformações comerciais ocorridas no mercado editorial responsável pela publicação de Bíblias. Cabe agora analisar, de forma sucinta, como esse processo ocorreu. Por mercado editorial compreendem-se as relações de produção, distribuição, compra e venda de produtos editoriais. É o campo de atuação ligado a livros, revistas, encartes de CDs e folders publicitários, em mídia impressa ou eletrônica.

Uma vez que a análise dessa pesquisa tem por objeto uma publicação evangélica, deve-se observar as singularidades do mercado editorial evangélico e seu papel dentro da cultura evangélica. Em se tratando de textos evangélicos, o mercado editorial é composto por publicações de Bíblias e porções bíblicas (Novos Testamentos e Salmos publicados separadamente) e por livros voltados para a temática religiosa evangélica (são livros de autoajuda, comentários, estudos bíblicos, livros infantis e devocionais baseados na doutrina e no estilo de vida protestante).

Além do livro central, a Bíblia, outras publicações têm conquistado lugar entre as preferências dos leitores evangélicos. Em razão da fragmentação da religião evangélica em diversas vertentes, as opções do mercado editorial para esse público são amplas,

em conteúdos que podem ou não estar delimitados por doutrinas denominacionais. É um sistema com pouca atividade no que diz respeito a livros de ficção, com maior vendagem em publicações de maioria focados na vida cristã prática cotidiana (LEWGOY, 2004), tema a partir do qual se desenvolve uma grande variedade de subtemas, em especial discursos muito similares ao gênero “autoajuda”:

O tema da autoajuda parece funcionar como uma língua franca em todos os quadrantes dos campos religioso e editorial, ainda que varie a percepção dos editores sobre o tema. Para alguns editores entrevistados, a autoajuda está diretamente ligada à praticidade protestante, responsável pelo sucesso editorial da subcategoria “vida cristã”, por exemplo – muito mais do que as tradicionais categorias “devocional”, “apologéticos”, “missiológicos”, “testemunho”, etc. (sic), mas também pela pouca aceitação da do gênero ficção entre o leitorado evangélico. (LEWGOY, 2004, p. 62, ênfase do original)

Com relação à publicação da Bíblia para o mercado evangélico, o Brasil se elevou nos últimos anos como maior produtor da escritura impressa: apenas até 2011, eram rodados entre 30 mil e 40 mil exemplares de Bíblias e porções bíblicas na Gráfica da Bíblia (Barueri, São Paulo) por dia. Esse número compreende desde versões simples e menores da Bíblia, até versões com recursos especiais, inclusive BTs, que são vendidas a diferentes valores.

Quando a Bíblia se torna um produto, e o leitor, um cliente comprador, as empresas responsáveis pela sua venda e distribuição desenvolvem estratégias para atrair o consumidor, em uma “resposta criativa das entidades fornecedoras de Bíblias, que procuram descobrir nichos, oferecendo a diferentes segmentos produtos com valores agregados” (CAMPOS, 2012, p. 51). BTs surgem desse processo de diferenciação de produtos, natural na evolução de empreendimentos humanos.

4.1.1 O mercado de Bíblias: dos leitores da Reforma às editoras americanas

A articulação entre fé e comércio já constituía um mercado abrangente desde a Idade Média. Antes da venda de Bíblias, o mercado religioso sobrevivia de imagens, peregrinações, relíquias e outros objetos mais interessantes para uma comunidade marcada pelo analfabetismo, em que uma vivência religiosa oral e visual surtia melhor efeito do que uma vivência escrita (CAMPOS, 2012). Havia um número pequeno de leitores, e a produção de livros era cara. Mesmo nos primeiros anos da reforma e da produção de livros, as versões da Bíblia em latim ou em línguas vulgares podiam ser consumidas por uma minoria letrada e rica. Daí o pequeno número de exemplares existentes na Europa até o ano de 1520: a estimativa é de cerca de 18 mil cópias com os dois testamentos, um contraste impressionante com os milhões de exemplares rodados por ano apenas no Brasil até 2011.

A mudança desse quadro começaria com o advento da imprensa em papel e com o aumento da acessibilidade aos livros, em meados do século XV. Até então a leitura individual da Bíblia era desencorajada pelo costume católico, que recomendava sempre a presença de um sacerdote para sua interpretação (MOORE, 1994). A interpretação era limitada e consideravelmente passiva, até que mudanças culturais começaram a interferir nesse quadro:

Até o final do século XV, a hierarquia “autor>comentador>bispo>mestre> discípulo” foi, mais ou menos, mantida em todos os lugares, com o leitor passivo escutando, na ordem de cima para baixo, não só o que ler, mas também como interpretar cada texto, seguindo uma ortodoxia pré-determinada. Contudo, a segunda metade do século XV presenciou leitores cada vez mais responsáveis por aquilo que liam: eles, pouco a pouco, tornavam-se leitores ativos (FISCHER, 2006, p. 187)

O acesso crescente ao material escrito contribuiu para a divulgação da filosofia Renascentista do Humanismo (FISCHER, 2006). Na filosofia e na cultura, o humanismo passou a desempenhar um papel importante na mudança do pensamento religioso: de acordo com os religiosos influenciados por essa filosofia, o centro da fé deveria estar no ser humano e em seu relacionamento com Deus, sem o intermédio de uma instituição eclesiástica centralizada. Surge desse pensamento um novo interesse pela Bíblia, que auxiliaria o homem na busca de seu sacerdócio pessoal e direto (MENDONÇA, 2007). É nesse período que o monge Agostinho Lutero (1483 – 1546) publica as célebres 95 teses criticando o papado, apoiando-se em evidências retiradas do texto bíblico. A teologia de Lutero e a tradução bíblica que desenvolveria ao longo de vários anos (ambas influenciadas pelo pensamento Humanista), teria papel-chave em um movimento político e social que se desenvolvia na Alemanha de então, provocado por um embate entre as camadas sociedade e Igreja Católica; uma reforma religiosa era necessária para a ascensão de outras reformas sociais (DELISLE; WOODSWORTH, 1996). A teologia de Lutero, compartilhada por outros adeptos do movimento que tomava forma, era baseada (não somente, mas principalmente) na crença de salvação somente pela fé e na negação de mediação espiritual através dos sacramentos, se difundiu pela Europa nos períodos seguintes. Essa teologia estaria também refletida na tradução feita por Lutero da Bíblia para o alemão (DELISLE; WOODSWORTH, 1996). Da mesma forma, o subsequente afluxo de traduções seria também um reflexo dessa crença:

A firme convicção luterana (que lhe viera, acreditava ele, por divina inspiração) era que a salvação é um assunto a ser tratado estritamente entre a pessoa e Deus, sem intervenção necessária de uma Igreja: os seres humanos deviam tomar pela fé o que Deus tornara disponível pela graça. Pensava Lutero que a pessoa que percebesse e aceitasse

isso possuía a chave do mistério das escrituras e tinha o direito de estudá-las. Com esse fim, a Bíblia tinha de ser posta à disposição nas línguas vernáculas. (GABLER, WHEELER, 2006, p. 207)

A doutrina básica do protestantismo é a centralidade da Bíblia, em cuja autoridade vinda da inspiração divina estavam firmados os fundamentos para a forma ideal de praticar o cristianismo. O argumento da autoridade da Bíblia acima da Igreja, bem como de sua independência da instituição religiosa, seria depois firmado com João Calvino (1509-1564). Os adeptos dessa nova religião organizavam-se em torno da “Palavra de Deus”. Os membros do protestantismo viam a si mesmos como tendo o dever de ler e seguir atentamente as palavras de Deus, que agora estavam disponíveis para o homem comum:

O indivíduo agora, solitário perante Deus, era o seu próprio sacerdote. É por isso que a Reforma significa, entre outras muitas coisas, o início da secularização em todos os sentidos. As pessoas podiam ler e interpretar a Bíblia individualmente e escolher sua própria comunidade cristã independentemente de ordens sacerdotais e hierarquias. (MENDONÇA, 2007, p. 163)

Entretanto, os séculos seguintes seriam marcados por altos e baixos, em disputas teológicas e políticas em que cada nova ideologia procurava justificar seus argumentos com base na Bíblia. Esse novo afluxo de leitores gerou uma subsequente divisão em denominações (MENDONÇA, 2007). Uma delas seria o pietismo, uma onda de renovação espiritual (avivalismo) do século XVII baseada na prática da adoração, da leitura bíblica e da piedade. Essa revolução, de raízes alemãs, se espalhou para a Europa; na Inglaterra, seu ensino foi a base para o que no século XVIII seria o segmento metodista (MENDONÇA, 2008). Seu maior legado foi um pensamento coletivo que valorizava o ensino bíblico catequético, a produção de literatura religiosa, o trabalho missionário e a distribuição da Bíblia (CAMPOS, 2012). Outra vertente de mudança, o puritanismo, surgiria também no século XVII como reação ao formato da igreja anglicana. A crítica aos elementos romanos da igreja inglesa, herdados do catolicismo, seriam a causa de conflitos e perseguições aos seguidores desse pensamento. A fuga para outro continente foi a solução encontrada por muitos e os adeptos do puritanismo foram os primeiros colonos americanos e as práticas puritanas estariam, a partir de então, presentes na formação cultural fundamental dos Estados Unidos:

O puritanismo foi mais um modo de ser da vida religiosa que ajustou-se, nem sempre passivamente, às várias correntes de pensamento que desembocariam nos Estados Unidos e se prolongariam pela história do protestantismo naquele país e pelas suas áreas de influência missionária. Sem muita dificuldade, ainda hoje se podem identificar formas e áreas de influência do pensamento religioso puritano. (MENDONÇA, 2008, p. 67)

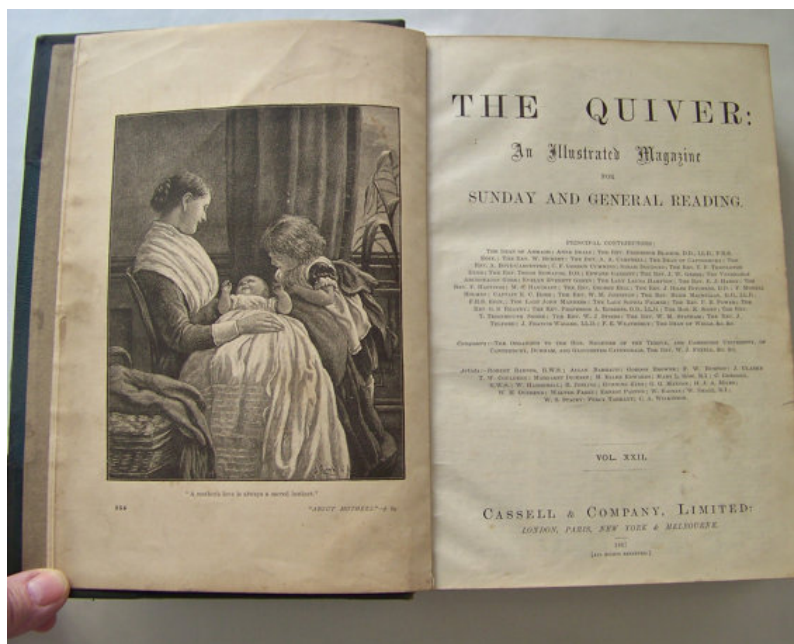
Os colonos puritanos, adeptos da postura de intensa leitura da Bíblia e da erradicação de práticas católicas, enxergaram na nova terra (os Estados Unidos) uma oportunidade de criação de um estado cristão puritano; esse colonos viam a si mesmos como um ‘povo escolhido’, que deveria implementar sua postura não apenas na área espiritual, mas também na faceta racional da estruturação dessa nova sociedade (CUNHA, 2007). Mais do que uma visão religiosa, o puritanismo pode ser visto como um *spectrum*, refletido em uma visão de que excede o alcance da religião (MENDONÇA, 2007). A disponibilização da Bíblia para todos, já uma prioridade definida desde o princípio da Reforma, também seria afetada pela dinâmica do protestantismo que seria cultivado nos Estados Unidos.

Do pensamento protestante de disponibilizar a Bíblia para todos nascem as Sociedades Bíblicas, entidades responsáveis pela tradução, publicação e distribuição da Bíblia. Em 1804 é fundada a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, e doze anos depois, em 1816, é fundada Sociedade Bíblica Americana (*American Bible Society - ABS*). Nos Estados Unidos, o protestantismo prosperou, e a atividade da imprensa beneficiava a fé; as pessoas eram estimuladas a ler e reler primeiramente a Bíblia e, em segundo lugar, outros materiais devocionais impressos. Nesse período o *status* comercial de impressos religiosos ganhou ainda mais força: “todo material de leitura, inclusive a Bíblia, estava no processo de se tornar mercadoria, ou seja, receber valor baseado em seu potencial de venda” (MOORE, 1994, p. 15, tradução minha⁷).

No século XIX, o crescimento da importância de sociedades de distribuição de Bíblias ficou visível. Iniciou-se uma batalha cultural para manter uma moralidade, e essa batalha – com líderes batistas e presbiterianos na linha de frente – foi levada para os meios impressos em livros, revistas, panfletos e cartazes (Figura 13). As associações de distribuição da Bíblia não tinham fins lucrativos legalmente, mas suas atividades não deixavam de envolver lógicas de mercado: a cultura escrita (em livros e materiais impressos) gerava lucro.

⁷ (...) all reading material, including the Bible, was in the process of being commodified, that is, assigned value based on its sales potential. (MOORE, 1994, p. 15)

Figura 15 – Foto de livro devocional evangélico do fim do século XIX (1887)



Arquivo Pessoal

Nos Estados Unidos, a partir do século XIX e durante o século XX, a Bíblia ganha todas as formas de um produto editorial. A ABS havia se tornado a líder em vendas de Bíblias nos EUA, graças a seus preços mais populares: por se rumar organização missionários, os lucros com as vendas não eram prioridade, deixando os valores de Bíblias muito abaixo do valor de mercado. Isso gerava um monopólio de produção, cuja continuidade fazia parte do pensamento administrativo da ABS. Parte da mentalidade por trás do monopólio da ABS dizia respeito não apenas à crença protestante de que a Bíblia, sem notas ou outros recursos, era capaz de garantir a conversão (MENDONÇA, 2007). Também estava presente a mentalidade de que a Bíblia, embora um produto, não era um produto como qualquer outro; o domínio das ABS sobre as produções e vendas de Bíblias seriam, segundo esse pensamento, necessários para garantir o tratamento adequado da Bíblia e sua circulação dentro do EUA (GUTJAHR, 1999). Esse posicionamento conservador do tratamento da Bíblia, a ausência de notas e os preços baixos são reflexos da natureza religiosa da ABS.

Suas concorrentes passaram então a competir com outras estratégias, produzindo Bíblias com curiosidades, notas, ilustrações e outros diferenciais. Esse um formato não oferecido pela rival ABS, que havia se comprometido a publicar apenas o texto bíblico, sem nenhuma espécie de nota ou comentário; sem essa restrição fundada na religião, editores que eram de fato comerciantes (e não missionários) lançavam no mercado americano Bíblias "preenchidas com mais notas, mais tabelas, mais comentários, mais ilustrações e encadernações mais elaboradas. Mais Bíblias

especializadas começaram a aparecer“ (GUTJAHR, 1999, p. 36, tradução minha[1]).

Uma vez vista também como um produto, a Bíblia começou a figurar em estratégias de marketing e venda fato cada vez mais evidente ao longo do século XX (GUTJAHR, 1999; CAMPOS, 2012). As editoras estadunidenses lançavam títulos com grande apelo para diferenças de conteúdo, como *The Cottage Bible Family Expositor* (*Comentário Bíblico da Família Camponesa*, em tradução livre), *The Devotional Family Bible* (*A Bíblia Devocional da Família*), *The Illuminated Bible* (*A Bíblia Iluminada*), entre outros títulos similares (GUTJAHR, 1999). Anúncios e propagandas foram elaborados para a vendagem, como os *slogans* criados pela firma de publicidade Bruce Barkson's para a campanha de lançamento da *Revised Standart Version*, como "The Bible Jesus would loved" (*A Bíblia que Jesus teria amado*) e "Biggest Bible news in 341 years" (*A maior novidade bíblica em 341 anos*); em 1970 surgia o *slogan* para a Bíblia na linguagem popular *Good News Bible*: "this can't be the Bible, – I can read it!" (*Essa não pode ser a Bíblia, eu posso lê-la!*), para citar alguns exemplos estadunidenses (MOORE, 1999; CAMPOS, 2012).

Novas edições, edições revisadas e anotadas e outros métodos para manter um livro antigo como campeão de vendas surgiam a cada momento, acompanhando as necessidades de mercado para manter a movimentação. Segundo Moore (1994), surgiram a partir de então tantos formatos quanto versões do texto bíblico: "as editoras cristãs trouxeram a Bíblia em toda forma e cor, com infinitas escolhas de encadernação e inscrições para cada ocasião" (MOORE, 1994, p. 254).

Nos séculos XVIII e XIX, as Bíblias protestantes começam a chegar ao Brasil antecedendo os missionários vindos dos Estados Unidos e da Inglaterra, prontos para estabelecer comunidades metodistas, batistas e presbiterianas; permanecia entre esses missionários a crença de que a Bíblia, uma vez disponibilizada e empregada na missão, é o instrumento maior do convencimento que resulta em conversão. A competição entre editoras, e a Bíblia com produto diferenciado, eventualmente chegariam também às terras brasileiras.

4.2 Protestantismo e mercado da Bíblia evangélica no Brasil

Durante o período colonial brasileiro, a igreja católica e a coroa portuguesa eram unidas na integração do padroado. Havia intervenção direta do estado nos assuntos da igreja, e os cofres clericais eram abastecido por diversos recursos vindos da coroa, e vice-versa. Como colônia portuguesa, o Brasil era, assim, oficialmente católico, mas entre sua população existiam formas paralelas de praticar a mesma religião: havia as irmandades, que usufruíam de certa autonomia com relação à estrutura eclesiástica; havia o catolicismo campestre, informal, moralmente permissivo e de devoção mais focada nos santos; e nos centro urbanos, por fim, havia o catolicismo das ordens, mais

ajustado aos preceitos do Vaticano (MATOS, 2007).

As restrições causadas pela intervenção do Estado nas atividades eclesiais e pelo pouco apoio da coroa ao estabelecimento de recursos na colônia (como a demora em construir templos) impediam uma ação eficiente da Igreja Católica na evangelização e pastoreamento da colônia brasileira (MATOS, 2007); em especial a expulsão dos jesuítas em 1759, por razões políticas provocadas por conflitos de influência, contribuiu para enfraquecer ainda mais a situação católica no Brasil.

As duas primeiras incursões protestantes no Brasil ocorreram nos séculos XVI e XVII (SILVA, 2012). A primeira tentativa foi de calvinistas franceses na Baía de Guanabara, em 1555. Esses missionários vieram com o colonizador francês Nicolas Durand de Villegaignon. A incursão acabou em 1667, sem obter sucesso em propagar o protestantismo em terras brasileiras, após divergência entre o Villegaignon e os ideais calvinistas, com a execução e expulsão de vários missionários. A segunda tentativa protestante no Brasil ocorreu com a tomada de Recife pela holandesa Companhia das Índias Orientais[1]. Essa incursão durou 24 anos, com o estabelecimento de igrejas protestante nos moldes da Igreja Reformada da Holanda. O período se encerrou com a renúncia de Maurício de Nassau após divergências com a Companhia das Índias Orientais, evento que antecedeu uma revolta de portugueses, que expulsaram os protestantes holandeses em 1654 (MATOS, 2007; SILVA, 2012). Após a expulsão dos holandeses, a entrada de protestantes foi vedada e não houve nova tentativa de missões até a vinda da família real em 1808. Na ocasião, foi admitida a entrada legal de anglicanos ingleses, por questões políticas e econômicas. Em 1824, A Constituição do Brasil já independente oficializou o catolicismo como a religião do país, mas concedia aos protestantes a liberdade de culto (embora serviços civis como casamentos e funerais só fossem reconhecidos se realizados pela igreja oficial do Estado).

Apesar da oficialização do catolicismo, a profusão de ideias europeias como o iluminismo, a maçonaria, o liberalismo político e das ideias democráticas francesas e estadunidenses causaria o enfraquecimento da igreja católica e uma abertura intelectual ao protestantismo, graças ao sucesso que tais ideologias encontravam entre a elite letrada brasileira durante o século XVIII (MATOS, 2007); muitos ideais católicos começavam a perder força com a entrada dos pensamentos modernos. Por fim, durante os anos de 1872-75, conflitos entre a coroa imperial e bispos brasileiros desencadearam a “Questão Religiosa”: o império se enfraqueceu, a Igreja Católica renovou sua estrutura, e novas vertentes religiosas e de pensamento (protestantismo, positivismo, espiritismo, entre outros) passaram a competir com a hegemonia católica (PAIVA, 2010).

O século XIX seria marcado por esforços de protestantes em conseguirem direitos civis no Brasil. Durante o período em que a Bíblia começava a ser um produto

diversificado nas editoras americanas, as estruturas protestantes no Brasil lutavam por conquistas legais que, finalmente, culminaram em 1890 em um decreto do governo republicano que separava definitivamente a igreja católica do estado. Agora com proteção legal reconhecida, teria início um processo de implantação de diferentes vertentes da fé protestante no território brasileiro.

Diferentemente do processo católico, a entrada de missionários protestantes no Brasil não foi centralizada. Diversas vertentes tentaram se estabelecer aqui através de missionários de diferentes países, que abriam igrejas independentes umas das outras. Durante o século XIX, a Bíblia começou a entrar no Brasil por atividade da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, em volumes que eram distribuídos por colportores (pessoas que realizavam a distribuição de Bíblias e literatura religiosa). Essa distribuição bíblica antecede a vinda de missionários, e em alguns pontos do país já surgiam pequenas comunidades leitoras da Bíblia insatisfeitas com o catolicismo – corroborando a crença de que a Bíblia, mesmo sozinha, era capaz de cumprir com seu propósito evangelístico (CAMPOS, 2012). Assim, foram as sociedades bíblicas as primeiras organizações missionárias protestantes a se comunicarem com o Brasil. A partir de 1808, Bíblias chegariam ao Brasil através de ingleses e americanos, e em 1819 a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira seria responsável pela impressão da tradução em português de João Ferreira de Almeida (1628-1691), um padre português que havia aderido ao protestantismo, esteve envolvido em estudos teológicos na Holanda e em empreendimentos evangelísticos nas Índias Orientais (NUNES, 2016). Havia apenas uma versão alternativa da Bíblia em português, a versão católica traduzida pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo (1725-1797).

Os missionários que chegaram ao Brasil nos anos seguintes, de variadas denominações, dedicaram-se avidamente à distribuição de Bíblias, à instituição de escolas dominicais (estudo da Bíblia), à distribuição de outros tipos de literatura religiosa, à abertura de igrejas e à formação de pastores brasileiros. Essa atuação era feita no Brasil por representantes da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) e da Sociedade Bíblica Americana (SBA). Por fim, foi inaugurada no Brasil, em 1948, a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB). Delegados enviados pela SBBE e pela SBA auxiliaram a administração da SBB até 1961 (GIRALDI, 2008).

Enquanto nos Estados Unidos, em meados do século XIX, já existia competição de mercado na venda de Bíblias, no Brasil esse acontecimento só se deu em meados dos anos 1990. Em 1995, especificamente, a demanda por Bíblias cresceu para todas as editoras, e a Gráfica da Bíblia, pertencente à SBB, iniciou suas atividades. Com grande capacidade de impressão, a Gráfica seria responsável por acompanhar a demanda por Bíblias que agora tendia a aumentar cada vez mais.

O aumento na demanda por Bíblias pode ser atribuído ao aumento no número de

evangélicos (o nome mais comum no Brasil para os adeptos do protestantismo). De fato, o senso do IBGE de 2010 registra um estável crescimento de adeptos ao protestantismo brasileiro, em especial as vertentes pentecostais:

Ocorreu um significativo incremento na presença evangélica nas últimas décadas, com um salto de 6,6% em 1980 para 22,2% da população geral em 2010. Nada menos do que 42.275.440 milhões de evangélicos para uma população brasileira de 190.755.799. Esse crescimento não se deve aos evangélicos de missão, que permaneceram quase estacionados na última década, na faixa 4% de declaração de crença. Deve-se, sobretudo, aos pentecostais, que respondem por 13,3% da população brasileira, ou seja, 25.370.484 milhões de adeptos (TEIXEIRA; MENEZES 2013, p. 10).

Entretanto, apenas o aumento numérico de evangélicos não é a única justificativa para o aumento na produção de Bíblias, a ponto de justificar uma concorrência mercadológica. É preciso enxergar o evangélico brasileiro também como um consumidor, uma identidade que será construída com as influências do movimento gospel estadunidense a partir dos anos 1970-80.

4.3 Influência do protestantismo estadunidense e consumismo evangélico contemporâneo no Brasil

Explosão, big bang e boom são as expressões por vezes utilizadas por teóricos para referirem-se à veloz ascensão da religião evangélica e da cultural gospel no Brasil a partir dos anos 1970 (LEWGOY, 2004; CUNHA, 2007; CAMPOS, 2012). De fato, a expansão rápida e as modificações causadas por esse movimento são podem passar despercebidas.

Dá-se o nome gospel, em geral, ao material ou atividades relacionadas ao estilo de vida evangélico. Relacionado principalmente à música, o gospel pode ser inserido dentro de diversos bens de consumo, desde a música evangélica até a confecção de roupas. De origem americana (a palavra significa “evangelho” em inglês), a classificação tem origem na música negra de escravos americanos que, influenciados pelos hinos protestantes, cantavam músicas de temática religiosa (súplicas a Deus e esperança de salvação) nos ritmos das músicas de trabalho (labor songs).

Do encontro desse modo negro de cantar a música religiosa (que daria origem à música negra estadunidense tradicional) com as manifestações avivalistas da religião, surgiria o gospel. O movimento avivalista americano foi uma vertente de práticas protestantes não tradicionais, que envolviam períodos em retiros espirituais, cultos com pregações, orações e cântico emocionais e reuniões em que experiências espirituais

eram manifestadas em choros, desmaios e clamores (CUNHA, 2007). Ocorreu em dois momentos na história americana: primeiramente no século XVIII, em resposta a crescente secularização, e teve como líder o puritano Jonathan Edwards; a segunda onda avivalista ocorreu no século XIX, com liderança Dwight L. Moody (essa última onda plantou as fundações daquela viria a se tornar a vertente pentecostal e neopentecostal). Criticado pelas igrejas protestantes tradicionais (especialmente pela mistura de música secular com temas religiosos), a música gospel conseguiu evoluir, conquistar adeptos e gerar novos músicos ao longo do século XX. O formato moderno surge em 1970, com a revolução religiosa provocada pelo Movimento Jesus. Começado no fim da década de 60, esse movimento buscava evangelizar e atrair jovens através de novas práticas profundamente inspirada pelas ideologias hippies.

Esse movimento chega ao Brasil nas décadas de 1970-80, trazido por missionários formados por essa ideologia. Os jovens protestantes brasileiros, simpatizantes dessas novas abordagens, começam então a também compor músicas diferentes dos hinos e corinhos tradicionais. Esses jovens formaram os primeiros conjuntos paraeclesiais, e suas músicas passaram também a ser músicas de consumo, não limitadas apenas à igreja, mas presentes em CDs, shows e outros formatos consumíveis. Dessa forma dois momentos unem o gospel à vida evangélica: a do momento de adoração no culto; e o momento do artista, cuja existência movimenta comportamentos comerciais. Surge uma união de práticas seculares com práticas religiosas, articulando um sistema complexo de cultura de convergência, conforme propõe Cunha (2007), no qual existe uma busca por adaptar ao moderno a teologia comum tradicional evangélica brasileira.

Essa convergência que une práticas de mercado e de consumo com a religião tradicional será fundação para o fenômeno gospel no Brasil. O fenômeno gospel moldou o evangélico para apreciar um entretenimento produzido especialmente para suas opções religiosas. Esse entretenimento é consumido e tem valor de mercado, embora, para o evangélico, esse comércio não seja apenas comércio, mas também uma forma de manifestar sua crença.

Os consumidores não estariam se orientando por uma perspectiva unicamente utilitarista, posto que suas aspirações são eticamente justificadas pela Teologia da Prosperidade, a qual possibilita uma integração da “mensagem pentecostal a um contexto socioeconômico em que os fiéis valorizam a poupança e os investimentos como estratégias de uma ética de consumo”. Outras visões observam a estreita relação entre o empreendedorismo comercial e as atividades religiosas institucionais: Enquanto em Weber o protestantismo tradicional liberou o cidadão comum cristão da culpa católica de acumulação privada de capital, aqui os movimentos religiosos emergentes liberaram a acumulação privada de capital através da igreja. A maior ligação entre o espírito empresarial e a organização

religiosa seria uma marca dos novos ramos religiosos hoje no Brasil – e na América Latina. (MENDONÇA, 2007, p. 59)

O movimento gospel começa na música, e inicialmente provoca mudanças no formato e nas práticas de produção musical feita por evangélicos e para evangélicos. As transformações causadas pelo gospel não se limitaram à indústria fonográfica, gerando uma avalanche de modificações na estrutura de vivência da fé de evangélicos. É o aumento no número de evangélicos, aliado a uma mentalidade religiosa que autoriza a prática da fé no consumo, que provoca a ebulição de produtos gospel no mercado, como CDs, DVDs, roupas, livros e uma grande variedade de produtos, inclusive Bíblias. Esse aumento de procura e oferta provoca a competitividade mercadológica baseada na diferenciação de produtos:

A competitividade, no entanto, nesse mercado, força os produtores à racionalização de seus custos de produção, a promover uma diferenciação em seus produtos, a fim de que a Bíblia (como um produto qualquer) se acomode dentro das leis do mercado – levando-se em consideração as necessidades e desejos dos seus consumidores. (CAMPOS, 20102, p. 50)

Assim é possível traçar um interessante paralelo cultural entre a competitividade na produção de Bíblias surgida no Brasil e o mesmo fenômeno no século XIX nos Estados Unidos, conforme apresentado anteriormente. O mesmo processo se repete no Brasil, também resultado de um movimento americano. Os materiais que vêm para compor o novo mercado editorial evangélico brasileiro serão, em grande parte, traduções do inglês americano.

4.4 A ideologia protestante norte-americana no Brasil: bases religiosas da cultura evangélica

O protestantismo que surge no Brasil é uma articulação das vivências religiosas místicas brasileiras (compostas pelo catolicismo e por influências africanas e indígenas) somadas às práticas protestantes vindas dos Estados Unidos. Esse diálogo gera uma religião evangélica brasileira marcada pela pluralidade e por estruturas complexas que formam a estrutura-chave do que hoje é identificada como religião evangélica brasileira.

O protestantismo entra no Brasil a partir de 1808 começa com anglicanos e luteranos ingleses. Em seguida seria a vez de missionários americanos, vindos de denominações já instaladas nos Estados Unidos, divulgarem o evangelho na América do Sul. Durante o século XIX, vieram ao Brasil os adeptos das denominações batistas,

congregacionais, episcopais, presbiterianas e metodistas. No século XX viriam os missionários pentecostais, também vindos dos Estados Unidos (MENDONÇA, 2008).

Os grupos protestantes vindos dos Estados Unidos têm raízes profundas no puritanismo inglês dos colonos que partiram para os Estados Unidos. Os adeptos do puritanismo enxergaram na ida para a América a oportunidade de estabelecer uma sociedade com a qual concordassem religiosamente, uma vez que começavam a sofrer perseguições por conflitos com a Igreja Anglicana. Além disso, os puritanos viam a si mesmos como escolhidos por Deus (destino manifesto) para levar um cristianismo verdadeiro (incluindo estilo de vida). Essas ideologias religiosas puritanas e suas derivadas continham em si a semente do estilo de vida americano:

Essa mentalidade religiosa pragmática, que acreditava no progresso individual e moral de indivíduos regenerados e, por dedução, da sociedade em geral, foi fonte de energia para o avanço econômico-social da nação norte-americana, e as igrejas se sentiam responsáveis por isso. Ainda, por decorrência, cresceu a ideia de que, com o progresso moral da sociedade, caminhava-se na direção do reino de Deus pregado nos Evangelhos. (MENDONÇA, 2007, p. 169)

Foi com essa mentalidade de “regenerar” outros povos, que missões protestantes começam a vir ao Brasil. Segundo Mendonça (2007), os primeiros missionários encontram no Brasil uma realidade totalmente diferente da sua. Ocorreu um choque entre o protestantismo anglo-saxão, de raízes calvinistas, com o Brasil que vivenciava uma religiosidade de natureza mais mística formada pela convivência de práticas católicas com a espiritualidade negra e indígena, nas zonas rurais, e um catolicismo extremamente formal e fechado nos centros urbanos. As práticas brasileiras eram vistas como pagãs, e deviam ser suplantadas. O subdesenvolvimento brasileiro, aos olhos dos missionários, se devia principalmente à suas práticas religiosas errôneas – da mesma forma que a prosperidade americana estava firmada no cumprimento correto da religião, que devia se refletir em outros setores da sociedade: o modelo de economia liberal, o estilo de vida e o uso correto e completo da Bíblia. Foi com esse pensamento de bases puritanas (CUNHA, 2007; MENDONÇA, 2007) que o protestantismo começa a ser implantado no Brasil.

Esse começo foi marcado pela impossibilidade de implantação nas regiões urbanas, devido às fortes bases católicas. A adesão maior de fiéis ocorreu nas zonas rurais, graças justamente a algumas ideologias já presentes nas práticas religiosas de então. O processo foi um curioso paradoxo: individualismo, igualitarismo e utilitarismo já estavam internalizados na religião de áreas rurais brasileiras, muito mais marcada pela mistura de práticas do que os centros urbanos, que viviam um catolicismo mais formal. Assim, os brasileiros da zona rural encontraram paralelos aceitáveis e atraentes na religião protestante de então, que não conseguiu atrair fiéis e se manter nas zonas

rurais (CUNHA, 2007). O resultado desse processo de, é possível dizer, “troca” de práticas religiosas, foi a formação um protestantismo rural sectário, que negava o catolicismo e as manifestações populares brasileiras em um sentimento coletivo de separação. Esse sentimento se aliou à crença no destino manifesto, existente no puritanismo estadunidense de base, e à adoção de uma visão de mundo anglo-saxã americana (*ibidem*).

Somente no século XX o protestantismo iria alcançar os centros urbanos brasileiros, graças às mudanças urbanas e políticas vividas pelo país. A partir de 1950, vertentes pentecostais começaram a surgir e crescer (com períodos intercalados de maior ou menor adesão de adeptos). O *boom* na música, e a partir dela, no consumo em geral de produtos *gospel* se encontrou, nas décadas de 1970-80, com a renovada mentalidade protestante americana de então. Depois a conhecida “teologia da prosperidade” (prosperidade financeira como sinal de benção divina) se uniria às teologias já estáveis de obediência, separação, busca do reino de Deus e fim do mundo iminente, para moldar o pensamento evangélico brasileiro. Elementos da cultura e ideologia norte-americanas estariam presentes nas roupas, na condução dos cultos, no modo de viver a religião e no modo de consumir e produzir entretenimento de fiéis para fiéis. Outras modificações na sociedade brasileira a partir de 1980, especialmente o aumento na escolarização, também abririam caminho para formas editoriais voltadas para evangélicos (LEWGOY, 2004).

4.5 O livro evangélico no Brasil: temas e práticas editoriais

As práticas de consumo, marketing e vendas estão presentes também nos comportamentos editoriais evangélicos. Embora ainda exista o pensamento sectário (herdado do protestantismo rural que se estabeleceu primeiro no Brasil), de que todo e qualquer conteúdo, inclusive literário, deve ser mantido fora da vida do fiel, cresce a tendência pelo consumo de literatura de fé, na leitura de materiais escritos por outros fiéis (irmãos) – ainda que a Bíblia permaneça o livro principal (LEWGOY, 2004).

Uma vez que a religião evangélica é composta por diversas denominações, a literatura produzida por essa cultura pode ser limitada a uma vertente específica – sendo publicada por editoras especializadas (luteranos, adventistas, presbiterianos etc.), com temas relacionados à denominação e seus líderes – ou pode ser interdenominacional, com discursos que atraem leitores independentemente da denominação. Isso ocorre devido à própria situação da religião evangélica, em cuja visão a variedade de denominações não se configura, necessariamente, em um aspecto negativo (MENDONÇA, 2002; 2007; 2008). Essa variedade “alivia” de certa forma, possíveis tensões entre a igreja e o comércio, assim como amplia o alcance de determinadas estratégias de venda:

A cultura evangélica tem mais familiaridade com a fragmentação, o que tem significativas implicações no conhecimento das características internas dos distintos subcampos editoriais. Ademais, a tensão mercado X Igreja não se comporta no campo evangélico da mesma forma do que no espírita ou no católico, abrindo-se diversas possibilidades de composição e níveis de englobamento/inclusão entre editora, missão, distribuição e denominação, assim como entre livraria e leitor. (LEWGOY, 2004, p. 60)

Para o produtor evangélico, o processo de venda de literatura não é apenas negócio, mas parte da vivência da fé. O produto oferecido é evangélico (leva a etiqueta *gospel*) e, por consequência, poderá abençoar o seu comprador. A prática do mercado de itens religiosos, notadamente da literatura, é vista pelos fiéis como uma missão em si, uma obra para o “Reino de Deus”; da mesma forma, alcançar o sucesso na empreitada é um sinal de benção (LEWGOY, 2004; ENDO, 2007; CUNHA, 2007).

É perceptível que, apesar de práticas de mercado e consumo surgidas fora da religião terem sido adotadas, o evangélico é estimulado a consumir dentro da religião, em um sincretismo que cria toda sorte de produtos *gospel* além da literatura: são roupas, perfumes, aparelhos eletrônicos, alimentos, e serviços de entretenimento (MENDONÇA, 2009). Ao se inserirem nesse comportamento, os produtos para evangélicos carregam sempre a marca de que são, acima de tudo, evangélicos – isto é, que pertencem, independentemente da denominação, àquela visão religiosa construída no passado, desde os missionários americanos e ingleses. Para Lewgoy (2004), se um livro, por exemplo, não for claramente evangélico, ou se a editora não for declaradamente evangélica, as chances de um evangélico ler ou adquirir o livro diminuem[1]. Dentro desse mesmo raciocínio, o leitor evangélico só adquire uma Bíblia se ela for evangélica.

Se é verdade que o crescimento na demanda por um produto gera competitividade, no meio evangélico essa premissa é válida em todos os sentidos, especialmente para a literatura e para a Bíblia. O mesmo processo ocorrido nos EUA no século XIX se repete nos séculos XX e XXI no Brasil: para sobreviver no mercado de Bíblias, editores lançam produtos com valores agregados e diferenciais além do texto bíblico (LEWGOY, 2004; CAMPOS, 2012). A maior representante desse procedimento é a SBB, que em alguns momentos criou parceiras com outras editoras para publicar BTs, Bíblias de Estudo e outras variedades. A estratégia de marketing, depois utilizada também por outras editoras, pressupõe a segmentação do mercado, com a identificação de públicos específicos e nichos de mercado.

Quanto aos EUA, sua presença na mentalidade protestante brasileira está presente não apenas nas ideologias que fundamentaram a formação de igrejas em diversos momentos da história do protestantismo no Brasil. sua influência continua sendo renovada mediante a prática da tradução. Autores evangélicos estadunidenses

(muitos deles verdadeiros *Best-sellers*) continuam produzindo textos dentro da visão protestante, e esses mesmos textos são traduzidos para os leitores brasileiros. Embora textos de diversos autores nacionais sejam publicados por aqui, bons exemplos sendo os líderes de grandes congregações como Silas Malafaia e Edir Macedo, a influência da literatura evangélica estadunidense é visível no Brasil. Uma reportagem publicada pela revista virtual evangélica *Ultimato*, em novembro de 2008, intitulada *Quarenta livros que fizeram a cabeça dos evangélicos brasileiros nos últimos quarenta anos*^[2] (MENDONÇA, 2008), lista 25 livros de autores estadunidense, enquanto os outros títulos são divididos entre ingleses, brasileiros, chineses, coreanos e outras nacionalidades (APENDICE A). O autor do artigo, o teólogo e pastor presbiteriano Ricardo Quadros Gouvêa, afirma ter utilizado como referência para a lista o número de vendas dos títulos e o alcance das discussões e críticas sobre os livros (tanto positivas quanto negativas).

Ainda que informal, a lista de Gouvêa reflete o fato de que livrarias evangélicas brasileiras estão repletas de traduções. Outros exemplos são cabíveis: a editora Mundo Cristão contava com um catálogo de 291 autores estrangeiros, em sua maioria norte-americanos, contra 60 brasileiros, até 2015. Entretanto, apesar de diferenças entre a cultura geral norte-americana e a brasileira, as culturas evangélicas de ambos os sistemas são bem relacionadas.

É possível refletir sobre esse bom relacionamento em dois sentidos. Primeiramente, levando-se em conta as bases do protestantismo norte-americano, é natural que os Estados Unidos sejam um grande produtor de literatura para evangélicos: a cultura protestante é parte da formação inicial do país, com os primeiros colonos puritanos. Por outro lado, a participação de missionários americanos na formação do protestantismo no Brasil contribuiu para uma formação conceitual muito similar; é natural supor, assim, que o conteúdo escrito por evangélicos americanos dificilmente irá “entrar em choque” com as ideologias evangélicas brasileiras.

Após as conceituações trabalhadas aqui, observando os processos históricos envolvidos na evolução da religião evangélica no Brasil, o processo de inserção da Bíblia no mercado e as estratégias de diferenciação que acabam por gerar as Bíblias Temáticas, chega o momento de analisar um caso concreto. O capítulo seguinte, e último dessa pesquisa, é dedicado à análise de uma BT traduzida.

5 Análise de BT traduzida: *Hands-On Bible* e *Bíblia das Descobertas*

Após as discussões desenvolvidas até aqui, chega o momento de analisar um caso concreto de BT, em uma análise comparativa e descritiva. A estrutura deste capítulo começa pela apresentação da BT original, a *Hands-On Bible*. Em seguida é apresentada a tradução para o português, a *Bíblia das Descobertas*, cuja relação com o original é examinada a partir das modificações sofridas e dos elementos mantidos, conforme proposto no Capítulo 2.

Esse momento da pesquisa consiste do exame da forma, do propósito e do tema da BT, na forma dos paratextos do comentário temático são colocados no original, as implicações de sua presença no processo de leitura e os comportamentos culturais que representados no original, para em seguida em contraste com a representação que lhes foi conferida na cultura receptora. Por fim é feita uma análise descritiva e crítica da posição da BT traduzida dentro do sistema de textos evangélicos brasileiro. Ao longo desse processo são discutidas as implicações ideológicas e culturais que os fatores expostos na análise refletem.

5.1 Hands-On Bible: aprendizado bíblico por meio de experiências

Lançada em 2004 a partir de uma parceria entre as editoras estadunidenses Tyndale House e Group Publishing, a *Hands-On Bible* parte da premissa da criação de uma Bíblia para ser manuseada por crianças. A proposta da publicação é fornecer atividades para que a criança compreenda valores espirituais e morais extraídos do texto bíblico.

A publicação é destinada às crianças americanas das primeiras séries do ensino americano, equivalentes ao Ensino Fundamental 1 brasileiro (entre seis e onze anos, aproximadamente, portanto já alfabetizados). A *Hands-On Bible* é composta pelo texto bíblico integral da *New Living Translation* (NLT), pertencente à editora Tyndale, e pelo comentário temático desenvolvido a partir do currículo infantil para escola dominical *Hands-On Bible*, publicado pela editora Group, transformado em um comentário temático. A escola dominical é uma prática protestante dedicada à educação religiosa (RENDERS, 2002) com base na leitura e discussão de textos bíblicos. Materiais como a *Hands-On Bible*, assim, são produzidos para um momento religioso que tem a forma de sala de aula, com atividades e discussões.

A editora Tyndale House foi fundada em 1962, pelo teólogo Kenneth N. Taylor (formação religiosa presbiteriana), primeiramente como uma forma de publicar a *Living Translation*, uma tradução bíblica de sua autoria. Sediada em Illinois, EUA, a editora

hoje publica também livros de teologia, devocionais, ficção cristã, livros infantis e outros gêneros, além da nova tradução bíblica NLT. Seu rol de publicações conta com diversos sucessos de venda e autores famosos de textos evangélicos, como o autor de ficção cristã Frank E. Peretti (autor de *This Present Darkness*, de 1986, publicado no Brasil em 1990 como *Este Mundo Tenebroso*, pela Editora Vida). Sua missão, segundo sua página oficial na Internet, é “ministrar para as necessidades espirituais das pessoas, primeiramente através de literatura coerente com os princípios bíblicos[1]” (TYNDALE, 1996).

A tradução bíblica NLT, publicada em 1996, traz a proposta de “transmitir a mensagem dos textos originais da Escritura em um inglês claro e contemporâneo[2]” (TYNDALE, 1996). O comitê de tradução da NLT afirma ainda que a clareza foi a principal meta dos tradutores, de forma que o texto fosse compreensível o suficiente não apenas para a leitura individual, mas também para momentos religiosos públicos que requeiram leitura em voz alta (TYNDALE, 1996). Considerando essas características, é válido supor que os organizadores da BT *Hands-On Bible* tenham optado por essa tradução por sua suposta maior facilidade de compreensão para leitores jovens e crianças, conforme proposto pelo seu comitê de tradução.

A editora Group, por sua vez, surgiu da iniciativa de Thom Schultz, líder evangélico de juventude, que começou a compartilhar, com a criação da revista GROUP, ideias de atividades para reuniões de jovens evangélicos. A revista logo se transformou em uma rede de compartilhamento e, posteriormente, em uma editora. Hoje a empresa fornece diversos produtos e serviços para igrejas, que vão de organizações de eventos a materiais para escolas dominicais. Schultz é autor de diversos livros[3], principalmente na temática de reflexão sobre as condições atuais da igreja e devocionais para reuniões de pequenos grupos. Schultz também publica regularmente na Internet em dois sites que ele próprio administra: o *Holly Soup* (Sopa Sagrada, em tradução livre) e o *Lifetree Café* (Café Arvore da Vida, em tradução livre).

Os serviços e produtos oferecidos pela Group são marcados por apelos ao moderno, ao bom humor e à irreverência. No site oficial da editora, encontra-se uma apresentação da origem e missão da empresa:

Era uma vez. . . um jovem ministro de juventude chamado Thom, que não conseguia encontrar ideias boas o suficiente para seu grupo de jovens. (. . .) Então Thom tirou o pó de sua máquina de escrever e começou uma revista chamada GROUP. Foi uma sensação. Ela forneceu às pessoas ideias para se conectar em sua fé de formas que nunca tinham experimentado antes. (. . .) Quem somos agora? Em poucas palavras, somos uma equipe que cria experiências com um objetivo em mente: ajudar pessoas a crescer em seu relacionamento com Jesus e umas com as outras (GROUP, 2017, tradução minha⁸).

⁸ Once upon a time. . . there was a young youth ministry worker named Thom who couldn't find enough

O material do currículo *Hands-On Bible* foi produzido dentro desse objetivo, para que professores em escolas dominicais ensinassem os alunos seguindo uma abordagem que afirmam ter sido inspirada pela forma como os ensinamentos de Jesus são retratados nos evangelhos: “Da mesma forma que Jesus usava objetos do dia a dia para ensinar verdades eternas, o Currículo *Hands-On Bible* usa coisas divertidas para ajudar líderes de escola dominical a trabalharem com crianças de forma que elas entendam a palavra de Deus, amem-na e lembrem-se dela por toda a vida[1]” (GROUP, 2010). Posteriormente, o conteúdo desse currículo para escola dominical (diluído em livros, revistas, e jogos), seria adaptado para o formato de comentário temático presente na da BT *Hands-On Bible*.

5.2 Análise da Hands-On Bible

A análise desenvolvida aqui segue a proposta apresentada no capítulo 3, em que devem ser examinados os elementos: (1) o tema, objetivos e propósitos da BT como um todo, e as estratégias para alcançá-los; (2) a aparência visual da BT e sua relação com o tema e seu papel no cumprimento do propósito; e (3) os elementos do comentário temático e a forma com que eles, também, são peças utilizadas para o cumprimento dos objetivos da BT. Essa análise é desenvolvida na busca por respostas objetivas: quem escreveu? para quem escreveu? com que propósitos?

Todos os paratextos da *Hands-On Bible* foram feitos direcionados exclusivamente para a criança. Embora algumas atividades necessitem da ajuda de um adulto para serem realizadas, essa ajuda é relativa à segurança e a intervenção de um professor não é obrigatória para iniciar as atividades. O prefácio da BT pede que a criança sempre avise um adulto antes de realizar uma atividade, especialmente as que envolvem alimentos, por motivos de segurança.

Sendo assim, o leitor alvo da *Hands-On Bible* são as crianças, às quais espera-se estarem lendo sozinhas o material com o comentário temático. Por esse motivo a *Hands-On Bible* não é uma exceção de uso aos recursos de escritas necessários para aproximar quem escreve (o adulto), de quem lê (a criança):

Em primeiro lugar, há um descompasso evidente entre a experiência de vida do autor adulto que escreve e a criança ou jovem que lê, de modo que o conhecimento de mundo compartilhado é restrito; em segundo lugar, o domínio da linguagem e as competências leitoras também não são homólogas. O escritor, quando escreve para crianças e jovens, não pode ignorar que seu leitor é alguém em formação, em vários

great ideas for his youth group. (...) So Thom dusted off his typewriter and started a magazine called GROUP. It was a hit. It gave people ideas for connecting with each other and growing in their faith in ways they'd never experienced before. (...) Who are we now? In a nutshell, we're a team of people who create experiences with one goal in mind: to help people grow in relationship with Jesus and each other.

níveis, e que por isso partilha apenas parcialmente das suas referências culturais, convenções literárias e usos linguísticos. (Souza, 2015)

Esse diálogo do comentarista adulto com o leitor infantil carrega tem como propósito ensinar a Bíblia. As estratégias linguísticas e visuais utilizadas na BT, bem como o próprio tema do aprendizado por atividades divertidas servem a esse propósito: o comentarista pretende convencer o leitor de valores e ensinamentos extraídos do texto bíblico.

A *Hands-On Bible* é uma BT que transforma em comentário temático as atividades e explicações do currículo homônimo para escola dominical. É uma publicação interdenominacional, isto é, seu conteúdo não se vincula a uma vertente protestante específica. A edição da BT *Hands-On Bible* examinada aqui foi publicada em 2004. Trata-se da primeira edição e foi a referência para a tradução brasileira, conforme indicado no verso da folha de rosto da BT traduzida: “Os quadros foram traduzidos e adaptados da Hands-On Bible, Tyndale House Publishers Inc e Group Publishing Inc, 2004”.

Todos os elementos constituintes dessa BT, tanto visuais como textuais, são um reflexo da estratégia mercadológica de fascinar o leitor. Se a proposta da BT é ensinar através do lúdico, deve-se conquistar e convencer o leitor dos benefícios dessa experiência. É um “contrato com o maravilhoso” estabelecido entre os produtores da BT (comentarista, editores, artistas) e a criança que é seu público alvo:

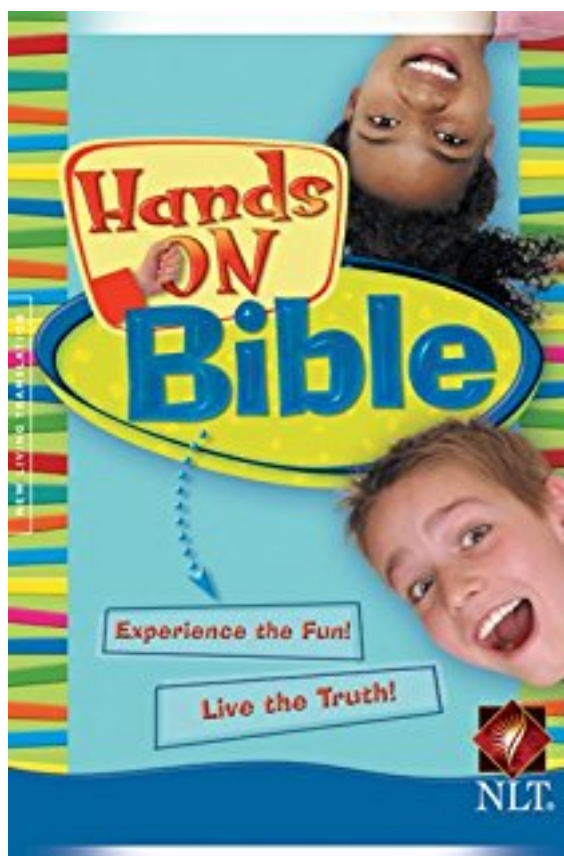
No contrato do maravilhoso, parte-se da premissa de que o público é menos racionalista, mais inclinado ao sonho. Será preciso desenvolver o aspecto narrativo do texto, fazendo com que o produto assumam um papel quase mágico. Tal estratégia discursiva consiste em fazer-creer ao sujeito interpretante que há uma carência (o que desencadeia de sua parte um querer-fazer) que pode ser solucionada graças à um auxiliar (o que desencadeia, por seu lado, um poder-fazer) e que, portanto, ele não pode deixar de querer satisfazer o seu desejo (o que finalmente desencadeia um dever-fazer). (CHARADEAU *apud* MONNERAT, 2003, p.39)

Todo o discurso da Hands-On Bible será direcionado ao convencimento do leitor de que a leitura da Bíblia é algo divertido, emocionante e prazeroso. Todo o comentário temático, em especial as primeiras páginas, que são voltadas para a apresentação da Bíblia e dos paratextos, é produzido de forma a firmar esse contrato do maravilhoso com o leitor: a linguagem é coloquial, bem humorada e empolgada; as ilustrações são uma mistura de cores e formas que lembram desenhos animados. Cada paratexto tem sua função na composição da BT para o alcance do objetivo do todo.

A capa tem cor de fundo azul com bordas laterais e lombada com cores vivas diversas. As mesmas cores aparecem no título e no subtítulo. Na capa estão os rostos

de um menino e de uma menina sorrindo. A presença das duas crianças e as cores da capa trazem à Bíblia uma abordagem direcionada tanto para meninos, como para meninas, conforme figura 15. As frases colocadas próximas à margem inferior da capa, destacadas do fundo azul por letras vermelhas, já se configuram em uma estratégia de apresentar a proposta lúdica do tema: “Experience the FUN! Live the Truth!” (Divirta-se! Viva a Verdade).

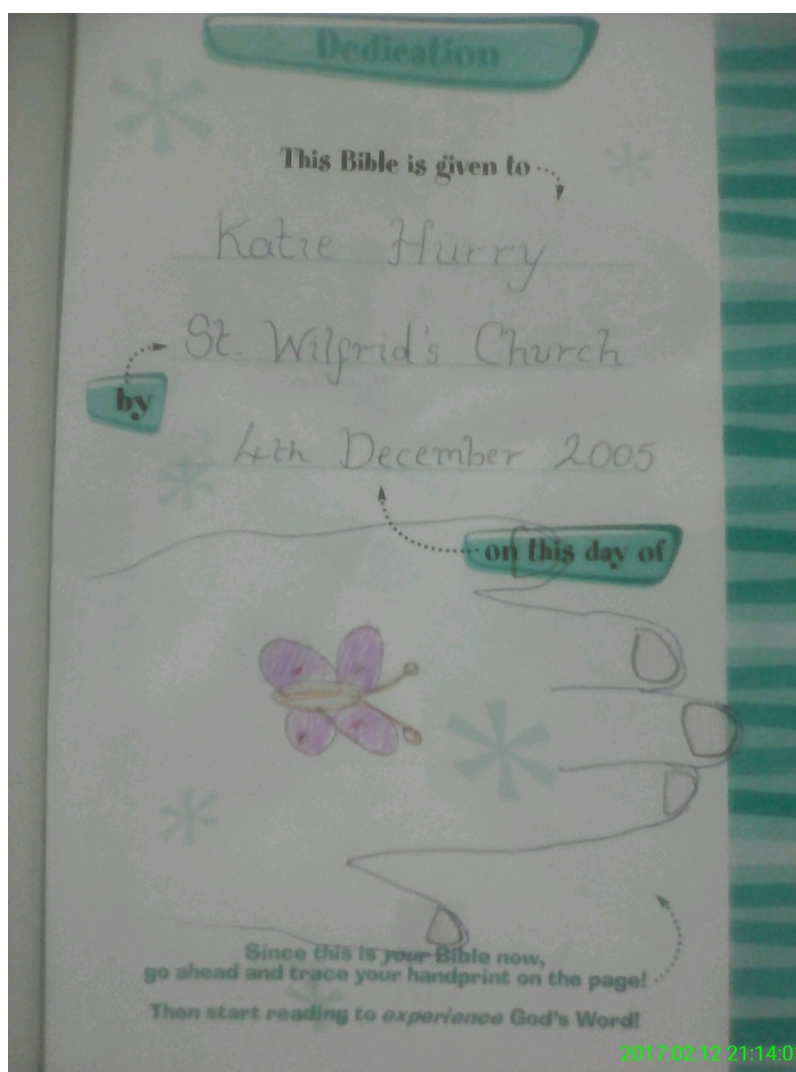
Figura 16 – Capa da Hands-On Bible



Group, 2004

Essa BT foi planejada para ser presenteada à criança. A dedicatória (Figura 16) tem espaços para que sejam escritos os nomes de quem a presenteia e do receptor, além da data. O texto “this Bible is given to... by ... on this day of” é intercalado por linhas que devem ser preenchidas à mão. Também há um convite para que o leitor deixe na Bíblia a marca de sua posse, demonstrado no seguinte texto, na borda inferior da página: “Since this is your Bible now, go ahead and trace your handprint on the Page! Then start reading to experience God’s Word!” (Já que agora esta é sua Bíblia, vá em frente e desenhe a palma da sua mão na página! Então comece a ler para conhecer a Palavra de Deus; [1]). Trata-se assim do primeiro convite à experimentação da Bíblia de forma manual.

Figura 17 – Pagina de Dedicatória



Arquivo pessoal

O apelo para tornar o uso dessa BT em uma experiência lúdica também se reflete nas ilustrações e na linguagem do texto. Com relação à apresentação física, trata-se de um livro com capa dura, de 1422 páginas. A maior parte da impressão foi feita em papel-bíblia (bastante fino, com gramatura 25 g/m² a 45 g/m²), com algumas páginas internas impressas em papel couchê (folha de revista, com gramatura 95 g/m²). Essas folhas diferenciadas trazem páginas de artigos com ilustrações totalmente coloridas. As páginas em papel-bíblia recebem duas cores, preto para o texto principal e verde claro para ilustrações e quadros (Figura 17).

Figura 18 – Página da Hands-On Bible

GENESIS The Book of Beginnings

Look for 4 hidden messages in Genesis!

Genesis is all about beginnings. There's too much to tell here, so you'll just have to read the book yourself. **IT'S AWESOME!**

FAMOUS FIRSTS IN GENESIS

- CREATION OF THE WORLD
- FIRST MAN
- FIRST WOMAN
- FIRST MARRIAGE
- FIRST SIN
- FIRST RESULTS OF SIN
- FIRST KIDS
- FIRST MURDER
- FIRST TIME GOD POINTED OUT HIS PLAN TO SAVE PEOPLE FROM THEIR SIN

Trouble in Paradise

Adam and Eve, the first people God created, got busted. After eating the forbidden fruit, God questioned them, and the finger-pointing began. "She made me do it," said Adam. "The snake made me do it," said Eve. The snake could not be reached for comment. Read Genesis 3:14-24 to see God's reply.

Starting From Scratch

In a shocking move, God created the whole universe by just speaking. God said, "Let there be light." And there was light. It was the same way with the land, the animals—everything! All God had to say was "Let there be..."—and there was.

Not bad! In fact, according to God, it was all good. For details, see Genesis 1:1-2:3.

It's All Good!

Weather News

Rain, rain, and more rain

Noah's weather report from God was rain—and plenty of it. Forty days of rain, in fact. Enough rain to flood the whole earth. But God had a plan. Read all about it in Genesis 6-8.

Colorful covenant... God said the rainbow would be the sign of his promise to never destroy the earth by flood again. Remember that the next time you see a rainbow!

How big?... The ark was four stories high. Go outside and look at your house. How many stories (floors) does it have? Imagine a boat four stories high!

2817.02.13 13:31:5

Arquivo pessoal

As ilustrações inseridas na BT são decorativas em sua maioria, empregadas para ilustrar o texto dos artigos e quadros. As poucas ilustrações explicativas estão restritas aos mapas. As ilustrações são colagens que combinam fotos de crianças e animais com desenhos e outras edições gráficas: olhos maiores, cabeças aumentadas, balões de histórias em quadrinhos e cores vivas. Essas ilustrações participam da construção de significados da BT, deixando as páginas da Bíblia, um texto que pode parecer pouco atrativo para crianças, uma leitura ilustrada e colorida. Essas ilustrações contribuem para a composição um dos convencimentos que a Hands-On Bible, pretende passar ao leitor, de que a leitura bíblica com o auxílio dos comentários é uma experiência

divertida.

Visualizar é, sobretudo, inferir significados, por isso visualização é uma forma de inferência, justificando a razão dessas duas estratégias, serem abordadas mais proximamente. Quando os leitores visualizam, estão elaborando significados ao criar imagens mentais, isso porque criam cenários e figuras em suas mentes enquanto lêem, fazendo com que eleve o nível de interesse e, assim, a atenção seja mantida. (SOUZA; GIROTTO, 2010, p. 85)

A principal premissa do comentário temático dessa BT é tomar como exemplo as parábolas creditadas a Jesus: ensinamentos construídos a partir de elementos comuns do cotidiano dos ouvintes. A partir daí, os autores propõem um comentário temático com explicações da Bíblia através de atividades práticas, divertidas e que contribuam para compreensão e memorização do texto bíblico pelo leitor, visando influenciar suas atitudes diárias. Dessa forma, cada paratexto que forma o comentário temático traz uma proposta de atividade prática. O comentário temático é composto, na maior parte, por quadro e artigos (conforme a classificação feita no Capítulo 1). Com a presença de outros elementos pré-textuais (várias páginas introdutórias) e pós-textuais (a maior parte com as características da categoria "outros auxílios" definida no Capítulo 1).

O comentário temático é escrito de forma que os trechos selecionados pelos autores sejam convertidos em ensinamentos e situações com os quais as crianças possam se relacionar. Isso não quer dizer que todas as histórias bíblicas sejam tópico de comentário. Há uma seleção de trechos feita pelos autores, o que confirma a afirmação de Gabler e Wheeler (2006), para quem a utilização religiosa da Bíblia requer, sempre, a seleção de textos adequada para a utilização em um propósito religioso.

Por fim, a *Hands-On Bible* é construída também sobre a premissa de que, provavelmente, é a primeira Bíblia com texto integral e com recursos especiais da criança. Sendo assim, além de ensinar alguns conceitos básicos sobre a leitura da Bíblia, os autores incluem também breves explicações para os paratextos (cf. 4.1.1., item h).

Com relação aos ensinamentos, os paratextos procuram apontar para o leitor, a partir de trechos do texto bíblico, as principais doutrinas cristãs protestantes. O trecho a seguir, por exemplo, traz uma explicação da doutrina de salvação pela fé e graça (a crença de que a salvação não pode ser conquistada com atitudes humanas):

You can't earn your way to heaven. You can't obey the rules enough, do enough good deeds, or go to church enough. Those are all good things to do, but they won't get you into heaven because you're still going to mess up. The only way to get to heaven is by believing in Jesus. He died on the cross to take the punishment for your sins. He rose from the

dead to show his victory over sin and death. He wants you to be with him forever in heaven. What do you say? (Hands-On Bible, p. 26)

Você não pode compara sua entrada para o céu. Você não é capaz de obedecer aos mandamentos perfeitamente, nem de fazer boas ações o suficiente, nem mesmo de ir à igreja o suficiente. Tudo isso são coisas boas a serem feitas, mas elas não vão levar você ao céu porque você ainda vai errar muito. A única maneira de chegar ao céu é crendo em Jesus. Ele morreu na cruz para pagar por nossos pecados. Ele ressuscitou dos mortos para mostrar sua vitória sobre o pecado e a morte. El quer que você esteja com ele no céu para sempre. O que você acha disso? (Bíblia das Descobertas, p. 1348)

Outros temas trabalhados pelo comentário temático são a autenticidade da Bíblia (tudo o que está na Bíblia é verdadeiro); e bondade e cuidados divinos (as ações de Deus são sempre boas, e realizadas por amor ao fiel); e aplicabilidade contemporânea (os ensinamentos da Bíblia podem ser aplicados na vida do fiel nos dias de hoje).

5.2.1 Detalhes do comentário temático da Hands-On Bible

Para cumprir com seu propósito de ensinar a Bíblia de forma lúdica e experimental, a *Hands-On Bible* traz um extenso conjunto de paratextos. Esses paratextos que compõem o comentário temático são apresentados de forma esquematizada no quadro a seguir, em que constam o título do paratexto, sua classificação (de acordo com a tipificação feita no Capítulo 1), e local dentro da BT, fator que determina a construção do diálogo entre comentarista e texto bíblico. Uma vez definido o propósito geral da *Hands-On Bible* como BT, é preciso observar as especificidades de cada paratexto do comentário temático e a forma como participam da articulação desse propósito e da composição do tema.

Tabela 1 – Esquematização dos Paratextos na Hands-On Bible

Título do Paratexto	Tipo de Paratexto	Local
What's Special About The HANDS-ON BIBLE	Prefácio, parte 1	Parte pré-textual

Título do Paratexto	Tipo de Paratexto	Local
What's The 1 Thing?	Artigo	Parte pré-textual
New Living Translation Preface	Prefácio ao texto bíblico	Parte pré-textual
How To Use This Bible	Prefácio, parte 2	Parte pré-textual
About The Old Testament/New Testament Books	Introdução ao conjunto de livros	Ao longo do andamento da Bíblia
Introductions	Introduções aos livros da Bíblia	Ao longo do andamento da Bíblia
Timeline	Quadro	Ao longo do andamento da Bíblia
Hands-On Bible Experiences	Quadro	Divide espaço com o texto bíblico
Bible Bios: Hear from your Heroes	Artigo	Ao longo do andamento da Bíblia
Key Verse Activities	Quadro	Divide espaço com o texto bíblico
Fun-Fact	Quadro	Divide espaço com o texto bíblico
God's Master Plan	Artigo	Ao longo do andamento da Bíblia
The Jesus Connection	Quadro	Ao longo do andamento da Bíblia
Did You Know? Frequently Asked Questions About The Bible	Outros auxílios: devocional	Após o texto bíblico
Some Other Big Questions	Outros auxílios: devocional	Após o texto bíblico
Charts, Charts, Charts	Tabelas	Após o texto bíblico
Where To Turn In My Bible	Outros auxílios: sugestão de leitura	Após o texto bíblico
Personal Bible Reading Plan	Outros auxílios: sugestão de leitura	Após o texto bíblico
Family Devotions	Outros auxílios: devocional	Após o texto bíblico
Dictionary/Concordance	Concordância/chave bíblica	Após o texto bíblico
Maps	Mapas	Após o texto bíblico

Título do Paratexto	Tipo de Paratexto	Local
---------------------	-------------------	-------

Arquivo Pessoal

5.2.1.1 Prefácio

O prefácio na *Hands-On Bible* pode ser dividido em duas seções. Os dois blocos de texto destinados a apresentar a Bíblia e seus recursos especiais foram colocados na parte pré-textual, mas separados por alguns textos (cf. itens b e c). Entretanto, ambos os textos estabelecem uma continuidade entre si. A primeira parte, *What's Special About The Hands-On Bible*, explica as funções dos paratextos distribuídos ao longo da Bíblia (os paratextos colocados após texto bíblico não são explicados). Essas explicações mostram ao leitor as curiosidades, atividades lúdicas e reflexões que esses quadros e artigos oferecem: "This bible will excite, ignite, and invite you to experience the Bible as you read it".

Já a segunda parte do prefácio prossegue com explicações, dessa vez com foco no texto bíblico. Assim, após algumas advertências sobre cuidados a serem tomados no momento de realizar as atividades propostas (cf. item g.) nos quadros (recomendando sempre a presença de um adulto), são oferecidas explicações sucintas sobre como a Bíblia é composta em dois Testamentos e em vários livros diferentes e a maneira correta de leitura das referências (livro, número do capítulo, número do versículo), além de um passo a passo de como encontrar versículos. Essa seção inclui uma breve atividade em que a criança deve encontrar alguns versículos na Bíblia e escrever o que entendeu da leitura desses trechos.

5.2.1.2 What's the 1 Thing™

É também um texto de apresentação, inserido entre as duas partes explicativas do prefácio. Escrito pelo fundador da editora Group, Thomas Schultz. Segundo o autor, o mais importante na vida do cristão é desenvolver uma amizade com Jesus, e que esse é o *propósito principal da Hands-On Bible*:

That's what the Hands-On Bible is all about – helping you grow your friendship with Jesus. This Bible lets you do the things you would do with your friends. As you read the Scripture and do the activities, you're building you relationship with Jesus in a real and relevant way. (Hands-On Bible, p. A-13)

Esse texto é baseado no conceito do livro *The 1 Thing™*, escrito por Schultz e sua esposa, publicado no ano 2004. Da mesma forma, auxiliar as pessoas a

desenvolverem uma relacionamento com Jesus é um dos objetivos da empresa Group como editora protestante (GROUP, 2017).

A presença de um texto saído de ouro livro entre os componentes do comentário temático demonstra a relação que a publicação estabelece com seu sistema de origem. A BT Hands-On Bible participa de uma rede de outros textos, que refletem as ideologias da empresa que os publica e de seus autores.

5.2.1.3 New Living Translation preface

Também inserido entra as duas metades explicativas do prefácio, há uma versão resumida e simplificada da apresentação da NLT. Aparentemente, a intenção dos autores do comentário é que a criança de fato leia o texto, pois a atenção é chamada para ele com as seguintes frases:

"The Bible comes in several different translations. The one you're holding, the *New Living Translation*, is accurate, easy-to-read, and friendly. Want to know more? Read on!" (Hands-On Bible, p. A-14)

[A Bíblia existe em muitas traduções diferentes. A que voes tem agora, a *New Living Translation*, é clara, fácil de ler e compreensível. Quer saber mais? Continue lendo!]⁹

Após esse prefácio ao texto bíblico, é incluída uma lista com as pessoas envolvidas na tradução, também antecedida por um texto participante do comentário temático:

"It takes a lot of smart people to make sure that a translation of the Bible is right! Here are the people who worked on the New Living Translation. Hey, great job, everyone!" (Hands-On Bible, p. A-15)

[É preciso muita gente inteligente para garantir que a tradução da Bíblia esteja correta! Aqui estão as pessoas que trabalharam na New Living Translation. Ei, bom trabalho, pessoal!]

Segue-se então uma lista detalhada dos tradutores responsáveis por cada livro da Bíblia, acompanhados do nome da universidade ou seminário teológico a que pertencem. Essa referência à tradução do texto bíblico e às pessoas envolvidas não foi inserida na versão em português, como será discutido no ponto 5.4 dessa análise.

⁹ Alguns trechos da Hands-On Bible não foram incluídos na tradução brasileira. Sendo assim, as citações forem extraídas do texto da *Bíblia das Descobertas* serão sempre indicadas; todos os trechos sem essa indicação são tradução minha.

5.2.1.4 About the Old Testament/New Testament Books (Introdução aos livros bíblicos)

Estes textos são pequenos resumos, colocados antes dos Testamentos, com uma esquematização dos livros da Bíblia. O Antigo Testamento é dividido em Pentateuco, História, Poesia e Profecia, enquanto o Novo Testamento é dividido em Evangelhos, História, Epístolas e Revelação (Apocalipse). Cada divisão ocupa um pequeno quadro, em que consta uma breve explicação. Os quadros são conectados por setas, indicando a sequência dos livros dentro da Bíblia.

No verso da página com a esquematização dos livros, algumas linhas curtas, também introduzem os testamentos. São frases que ocupam uma página inteira, escritas em discursos direto, e com vários pontos de exclamação. A intenção desses pequenos textos é empolgar o leitor sobre as incríveis histórias que lerá a seguir, como mostra o exemplo abaixo:

The Old Testament: hold on!!!! You're about to begin the ride of your life! Read about the start of it all! A furious flood. Frogs. Lions. Evil kings. Waters that part, and men who see visions. Walls that fall down. And giants that do too! You won't believe in your eyes – but you should because it's ALL TRUE! So on your mark, get set, turn the page! (Hands-On Bible, p. 1)

[O Antigo Testamento: espere!!! Você vai começar a maior viagem da sua vida! Leia sobre o começo de tudo! Uma enchente furiosa. Sapos. Leões. Reis malvados. Águas que abrem ao meio, e homens que tem visões. Muros que caem. E gigantes que caem também. Você não vai acreditar em seus olhos – mas acredite, porque é TUDO VERDADE! Então, em suas marcas, preparar, vire a página!]

The New Testament. Just when you thought it couldn't get any more exciting... IT DOES! Angels. Water into wine. Walking on water. Earthquakes. Prison escapes. Shipwrecks. And the greatest miracle of all – A SAVIOR WHO CAME JUST FOR YOU! What are you waiting for? Start reading! (Hands-On Bible, p. 938)

[O Novo Testamento. Quando você pensou que não podia ficar mais emocionante... FICOU! Anjos. Água virando vinho. Andar sobre a água. Terremotos. Fugas da prisão. Naufrágios. E o maior milagre de todos – UM SALVADOR QUE VEIO SÓ PARA VOCÊ! O que você está esperando? Comece a ler!]

Essas páginas trazem uma grande ilustração, e o texto é escrito em letras grandes e chamativas:

Figura 19 – Páginas anteriores aos testamentos



Arquivo pessoal

Esses textos aplicam uma abordagem de propaganda, novamente, buscando convencer o leitor do quão incrível a leitura pode ser.

5.2.1.5 Introductions (Introduções aos livros)

As introduções da Hands-On Bible são compostas por vários textos pequenos, cada um explicando alguns detalhes do livro bíblico em linguagem bem-humorada e compreensível para o leitor infantil. A esquematização de conteúdo comum às introduções de BTs é feita com breves narrações na forma de manchetes de jornal, como nesse exemplo retirado da introdução ao livro de Gênesis:

”Weather News: Rains, rain, and more rain. Noah’s weather report from God was rain – and plenty of it. Forty days of rain, in fact. enough rain to flood the whole earth. But God had a plan. Read all about it in Genesis 6-8” (Hands-On Bible, p. 3).

[Previsão do tempo: chuva, chuva e mais chuva. A previsão do tempo que Noé recebeu de Deus foi chuva – e muita chuva. 40 dias de chuva, na verdade. O suficiente para inundar a terra inteira. Mas Deus tinha um plano. Leia tudo sobre isso em Gênesis 6-8] (Bíblia das Descobertas, p. 3).

As introduções da Hands-On Bible não focam em detalhes históricos ou nos valores espirituais que podem ser extraídos do livro bíblico. Os comentaristas optaram

por um conjunto de textos pequenos, falando em poucas linhas de momentos selecionados do livro bíblico. O recurso textual mais marcante da redação desses trechos é o uso recorrente de estruturas que indicam ao leitor onde ler o restante da história que foi introduzida ("read more..."; "find more about" etc.).

Seguindo a proposta de ilustrações criativas do restante da BT, as páginas de introdução são ilustradas com uma mistura de desenhos, fotos, balões e diferentes fontes de letra.

Figura 20 – Introdução ao Livros de Gênesis



5.2.1.6 Timeline

A *Timeline* é um quadro colocado dentro da página da introdução. É uma linha do tempo estilizada, composta por desenhos, em que os principais fatos do livro são situados na história em relação a eventos de outros livros, ao momento do nascimento de Jesus e em relação a eventos históricos fora da narrativa bíblica (como a construção das pirâmides no Egito ou a invenção do papel na China).

Cumprem um papel didático, auxiliando a compreensão da criança no que diz respeito à posição sincrônica das histórias que lê. Essa didática é reforçada pelos paralelos construídos com relação à eventos comprovado pela ciência e pela história. Nesses casos eventos bíblicos sem comprovação ou momento histórico exato são colocados na linha do tempo sem data, enquanto eventos comprovados recebem data: por exemplo, o Dilúvio é situado (sem indicação de ano) antes da construção da pirâmide de Quéops (com indicação de ano, em 2900 a.C). Deve-se notar que essa linha do tempo se refere aos eventos narrados pelo livro bíblico, e não ao momento histórico estimado por historiadores da escritura do livro. Para esse fatos existem, de fato, estimativas para as épocas em que os textos foram escritos (baseados na datação dos pergaminhos). Entretanto, informações arqueológicas relativas à composição da Bíblia e às épocas bíblicas não foram trabalhadas pelos autores do comentário temático da Hands-On Bible.

Figura 21 – Legenda



Arquivo pessoal

5.2.1.7 Hands-On Bible Experiences

Esse paratextos são 102 quadros com propostas de experiências, distribuídos ao longo da Bíblia. Essas atividades tem o propósito de auxiliar a criança a apreender do texto os significados espirituais e a forma de aplicá-los na vida prática. São atividades lúdicas envolvendo lanches, jogos, brincadeiras, experimentos científicos e

artes plásticas. Dividem o espaço do texto bíblico na página, quase sempre ocupando o equivalente a uma coluna de texto, conforme a Figura 22.

Figura 22 – Exemplo de quadro com experiências

Would you wouldn't do that? Should not the judge of all the earth do what is right?"

And the Lord replied, "If I find fifty righteous people in Sodom, I will spare the entire city for their sake."

Then Abraham spoke again, "Since I have begun, let me speak further to my Lord, even though I am but dust and ashes. Suppose there are only forty-five righteous people rather than fifty? Will you destroy the whole city for lack of five?"

And the Lord said, "I will not destroy it if I find forty-five righteous people there."

Then Abraham pressed his request further. "Suppose there are only forty?"

And the Lord replied, "I will not destroy it for the sake of the forty."

"Please don't be angry, my Lord," Abraham pleaded. "Let me speak—suppose only thirty righteous people are found?"

And the Lord replied, "I will not destroy it if I find thirty."

Then Abraham said, "Since I have dared to speak to the Lord, let me continue—suppose there are only twenty?"

And the Lord replied, "Then I will not destroy it for the sake of the twenty."

Finally, Abraham said, "Lord, please don't be angry with me if I speak one more time. Suppose only ten are found there?"

And the Lord replied, "Then I will not destroy it for the sake of the ten."

When the Lord had finished his conversation with Abraham, he went on his way, and Abraham returned to his tent.

CHAPTER 19
Sodom and Gomorrah Destroyed

That evening the two angels came to the entrance of the city of Sodom. Lot was sitting there, and when he saw them, he stood up to meet them. Then he welcomed them and bowed with his face to the ground. "My lords," he said, "come to my home to wash your feet, and be my guests for the night. You may then get up early in the morning and be on your way again."

"Oh no," they replied. "We'll just spend the night out here in the city square."

But Lot insisted, so at last they went home with him. Lot prepared a feast for them, complete with fresh bread made without yeast, and they ate. But before they retired for the night, all the men of Sodom, young and old, came from all over the city and surrounded the house.

Genesis 19

Did you know how to "hospital"?

No, the word is hospitality. And that's what Abraham showed his three visitors when he fed them a meal. **Read Genesis 18:1-15.** Hospitality means sharing your home and food. Make this snack to show hospitality the next time your friends come over.

1 Cut a round pita bread in half. (A tortilla would work too.)

2 Stuff with slices of cheese and lunchmeat.

3 Invite a few friends, and show down!

I warmed my sandwich in the microwave!

You're on your way!

To practicing hospitality, that is. What other ways can you show hospitality to your friends this week?

2017/02/13 14:13:12

Arquivo pessoal

É possível afirmar que são esses quadros os que melhor traduzem o tema da experimentação prática que Hands-On Bible propõem como produto. O texto desses materiais é sempre organizado em três etapas definíveis: (1) um convite a leitura do trecho bíblico do qual o comentarista retira a lição; (2) a proposta de uma atividade, dividida em etapas; (3) uma espécie de conclusão, em que a criança é convidada refletir sobre os ensinamentos da atividade e do texto bíblico. Na tradução para o português, esses quadros sofrem algumas adaptações no vocabulário, especialmente com relação à alimentos e objetos, como demonstrado nos trechos:

Did someone say "hospital"? no, the Word is hospitality. And that's what Abraham showed his three visitors when he fed them a meal. Read genesis 18:1-15. Hospitality means sharing your home and food. Make this snack next time your friends come over. 1. Cut a round pita bread in half (a tortilla would work too). 2. Stuff with slices of cheese and lunchmeat. 3. Invite a few friends, and show down! You're on your way! To practicing hospitality, that is. What other ways can you show hospitality to your friends this week? (Hands-On Bible, p. 19)

[Alguém falou em hospital? Não, a palavra é hospitalidade. Foi o que Abraão mostrou a seus três visitantes, oferecendo-lhes uma boa refeição. Leia Genesis 18.1-15. Hospitalidade significa compartilhar sua casa e sua comida. Faça esse lanche da próxima vez que você receber os amigos em casa. 1. Corte um pão pela metade (pode ser um pão Frances, sírios ou até duas fatias de pão de forma). 2. Recheie com queijo e outros ingrediente às sua escolha. 3. Convide alguns amigos e aproveitem! Você está no caminho certo! Isso é praticar hospitalidade. De que outras maneiras você pode exercitar sua hospitalidade com seus amigos nesta semana?] (Bíblia das Descobertas, p. 21)

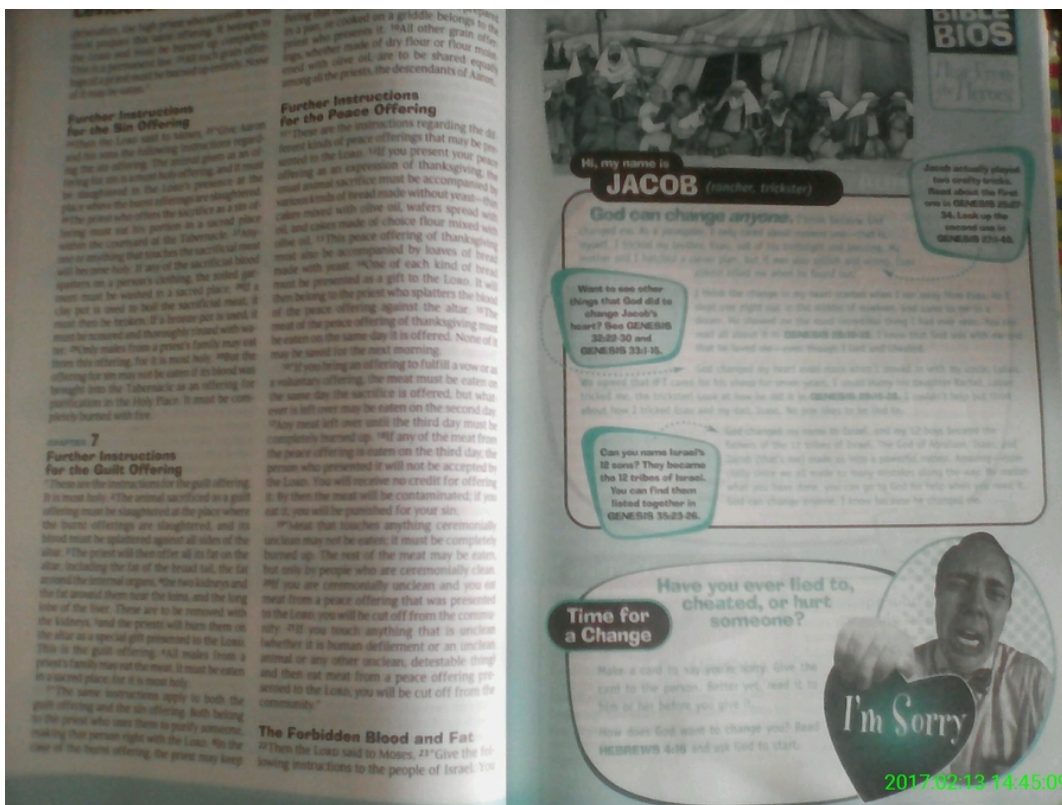
Outras discussões sobre as adaptações e traduções dos quadros serão feitas no tópico 5.2.

5.2.1.8 Bible Bios: Hear from your Heroes

Textos escritos como relatos em primeira pessoa, para apresentar os personagens bíblicos. São iniciados sempre pela frase "Hi, my names is" (Oi, meu nome é. . .), seguindo por uma "ocupação" entre parênteses, novamente em referência ao estilo jornalístico. O relato em primeira pessoa é acompanhado por pequenos balões com interferência do comentarista, informando onde se pode encontrar o trecho referente ao relato dentro da Bíblia. Ocupam uma página inteira, e também são complementados com atividades propostas.

Uma característica que deve ser salientada desse paratexto é que, por ocuparem uma página inteira e estarem inseridos dentro da Bíblia, uma consequência de sua presença é que a leitura do texto bíblico é "interrompida" pela presença de uma página escrita pelo comentarista (Figura 22). Considerando que o leitor pretendido é uma criança, consequências como a distração do leitor parecem não terem sido levadas em conta.

Figura 23 – Inserção dos Bible Bios em relação ao texto bíblico



Arquivo pessoal

5.2.1.9 Key Verse Activities

São 52 quadros com atividades focadas na compreensão e explicação de versículos-chave. Também dividem o espaço com o texto bíblico na mesma página (Figura 21).

Figura 24 – Colocação do quadro Key Verse na página



Arquivo pessoal

Estes quadros são bastante parecidos com as 102 experiências (cf. item g), sendo a maior diferença o fato que comentam, diretamente, apenas um ou dois versículos de cada vez com a função principal desses quadros é promover a memorização desses versículos selecionados, acompanhado por uma proposta de atividade que ajuda a criança a inferir o significado moral ou espiritual do versículo, como demonstrado no exemplo:

After you! read Mark 9:35b out loud a few times so it sticks. Then try this challenge. For one whole day, do what this verse says – put others first. (...) at the end of the day, write in this space what it was like to be last at things and to put others first. It may have felt a little weird at first, but putting others first is what Jesus wants us to do. AFTER ALL, THAT'S WHAT HE DID FOR US! (Hands-On Bible, p. 987).

Depois de você! Leia MARCOS 9.35b em voz alta algumas vezes para memorizar. Então tente este desafio. Durante um dia inteiro, faça o que este versículo diz: coloque os outros em primeiro lugar. (...) no fim do dia, escreva neste espaço como foi ser o ultimo e deixar que

os outros fosse os primeiros. Talvez você se sinta um pouco esquisito no início, mas colocar os outros em primeiro lugar é o que Jesus quer que façamos. AFINAL, FOI ISSO QUE EL FEZ POR NÓS! (Bíblia das Descobertas, p. 948).

Da mesma forma que experiências especiais, estes quadros cumprem diretamente com a proposta de experimentação prática da publicação.

5.2.1.10 Fun-fact

Também colocados na mesma página que o texto bíblico, são quadros pequenos que contendo curiosidades que supostamente são de interesse dos jovens leitores. As curiosidades são relativas a algum trecho do texto bíblico:

Fun –fact: Noah had to build a big boat to hold the animals. (See what Noah was up to in GENESIS 6:9-22). The ark was as long as one-half football fields, as tall as a four-story building, and as wide as a city block. If God had asked Noah to fill the ark with popcorn, he would have had to pop about 6 million bags. GOOD THING NOAH DIDIN'T HAD A MICROWAVE! Pop up a bag of popcorn to celebrate what God did to save the world. (Hands-On Bible, p. 12)

Curiosidade: Noé teve que construir uma barca (um barco grande) para abrigar os animais. (Veja o que Noé teve de fazer em Genesis 6.9-22). A barca tinha o comprimento d um campo e e meio de futebol, a altura de um prédio de quatro andares e a largura de um quarteirão. Se Deus tivesse pedido para Noé encher a barca com pipoca, ele teria de estourar cerca de seis milhões de sacos de pipoca. AINDA BEM QUE NOÉ NÃO TINHA UM FORNO DE MICRO-ONDAS! Estoure agora um saco de pipocas para comemorar o que Deus fez para salvar o mundo. (Bíblia das Descobertas, p. 12).

O fato de essas curiosidades presumirem quais fatos interessam o leitor já implica a presunção das características desse leitor; os leitores não são iguais, e seus contextos culturais também não, e este fatos interferem na recepção e aproveitamento do texto:

As idiosincrasias de cada leitor interferem evidentemente na recepção da obra, mas o que pretendemos deixar claro é que há, sim, uma sensibilidade infantil e uma sensibilidade juvenil que não devem ser ignoradas no âmbito da produção para essas faixas etárias. (SOUZA, 2015, p. 20)

As curiosidades e os outros paratextos escritos demonstram terem sido para leitores inseridos no contexto do estilo de vida norte-americano. Em alguns momentos, esse contexto cultural presumido será o maior responsável por adaptações no texto traduzido em português.

5.2.1.11 God's Master Plan

São artigos que, como as biografias, ocupam uma página inteira dentro da Bíblia. São dezesseis interferências, em reflexões sobre seções maiores do texto bíblico (conjuntos de capítulos que contam partes da mesma história, ou que tratam do mesmo tema). O propósito desses textos é explicar ao leitor como ele ou ela pode sentir-se incluído nos planos de Deus (daí é retirado o título). A premissa religiosa desses artigos é de que "Deus tem um plano e o leitor faz parte dele" (Hands-On Bible, p. A12), como demonstrado no trecho:

After creating everything, God Said, "It was very good". God could have said "It was incredible". God thought up the tiniest moth and the largest star. And God created you! (Hands-On Bible, p. 27)

Depois de criar tudo que existe, Deus disse que tudo "era muito bom". Deus poderia ter dito: "ficou incrível!". Deus criou desde a pequenina mariposa até a maior estrela que existe. E também criou você" (Bíblia das Descobertas, p. 1345)

As páginas desses textos são totalmente coloridas, ricamente ilustradas e impressas em material papel couchê (papel de revista). Cada lado da página em papel colorido contém um artigo diferente. Da mesma forma que as biografias, a sua inclusão no corpo da Bíblia provoca interrupção da leitura do texto bíblico (Figura 23). Entretanto, não há um sumário indicando o número da página ou livro bíblico em que cada God's Master Plan está localizado. É preciso que o leitor folheie a publicação inteira para encontrar um texto específico.

Figura 25 – Colocação do texto God's Mater Plan dentro da publicação

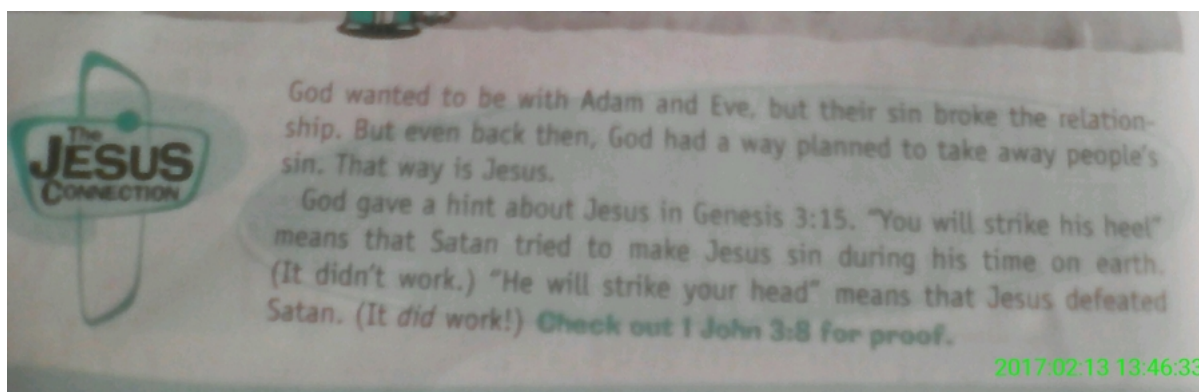


Arquivo Pessoal

5.2.1.12 The Jesus connection

Quadros de apenas um parágrafo, indicados pelo logotipo de uma cruz. São colocados junto da introdução ou dos artigos *God's Mater Plan*, na margem inferior da página. Sempre são acompanhados por um logotipo estilizado de uma cruz (Figura 24).

Figura 26 – The Jesus Connection



Arquivo pessoal

Sua intenção é relacionar o livro ou o trecho comentado Jesus Cristo, mostrando ao leitor que “o foco da Bíblia é Jesus” (Hands-On Bible, p. A12) e que cada livro ou acontecimento bíblico pode ser relacionado à mensagem de Jesus ou à sua vida:

God takes sin seriously. But God also has lots of love for sinners. In Leviticus, God told the Israelites how to offer animal sacrifices for their sins. The animals died in place of the people as a picture of what Jesus would one day do for the whole world. In the New Testament, God offered Jesus as the final sacrifice for our sins. See the connection (Hands-On Bible, p. 101, grifo do original).

Deus leva o pecado muito a sério. Mas Deus também tem muito amor para com os pecadores. Em Levítico, Deus explicou ao povo de Israel como oferecer sacrifícios de animais por seus pecados. Os animais morriam em lugar das pessoas como uma representação do que Jesus um dia faria pelo mundo inteiro. No Novo Testamento, Deus ofereceu Jesus como sacrifício final pelos *nossos* pecados. Entendeu a conexão? (Bíblia das Descobertas, p. 99, grifo do original).

A função desse paratexto é trabalhar com a criança uma unificação religiosa da Bíblia, relacionando diversos textos em seu andamento às doutrinas do cristianismo organizadas em torno de Jesus Cristo.

5.2.1.13 Os auxílios devocionais de leitura

Na seção pós-textual da Hands-On Bible estão colocados diversos paratextos que podem ser classificados como “auxílios devocionais de leitura”; paratextos que não comentam diretamente o texto bíblico, mas auxiliam o leitor a guiar sua leitura (conforme descrito no Capítulo 1). Estes paratextos são os seguintes:

Frequently asked questions about the Bible: doze perguntas e respostas relativas à existência e natureza da Bíblia (sua origem, formação, autores, etc. . .).

Some Other Big Questions: treze perguntas e respostas comuns relativas a questões religiosas (a natureza de Deus, da alma, anjos e demônios, oração etc.).

Where to turn in my Bible: São versículos sugeridos para lidar com alguma situação cotidiana, emoção ou necessidade espiritual. É voltado para a devoção particular, para que a criança, sozinha, tenha autonomia para procurar determinados textos. São sugeridos, por exemplo, sete trechos bíblicos para serem lidos em situação de raiva; e outros cinco trechos para situações “em que é preciso perdoar alguém” (“when I need to forgive someone”, p. 1295).

Personal reading plan: É um plano de leitura pessoal da Bíblia baseado em trechos importantes. Alguns trechos do texto bíblico são indicados para leitura diária, juntamente com uma pergunta que o leitor deve tentar responder depois que tiver lido o texto indicado. Funciona como uma espécie de estudo dirigido. A criança não faz a leitura integral da Bíblia, mas recebe instruções para tentar interpretar e compreender sozinha um conjunto selecionado de trechos. Por exemplo, o 15º dia de leitura indica o trecho Genesis 24:28-67. Essa leitura tem o título “Isaac and Rebekah”, e a reflexão proposta é “What unexpected good thing has God done for you recently?” (“Que boa surpresa Deus fez para você recentemente”, na tradução da *Bíblia das Descobertas*)

Family devotions: São 102 atividades recomendadas para a família, que adaptam as experiências que estão distribuídas nos paratextos *Experiences* de forma que possam ser realizadas em grupo. A criança é estimulada a conduzir ela mesma as reflexões junto com a família:

Hey look! Here are a whole bunch of devotions you can do with your family! You can even be the one to lead the devotions if you want. (...) You might want to look at each devotion a few days before you plan to do it. That way, you'll have plenty of time to get the supplies you need (Hands-On Bible, p. 1321)

Dê uma olhada nisso! Aqui estão várias meditações que você pode fazer com sua família! Você pode até mesmo ser o dirigente, se quiser (...) Você deve dar uma olhada em cada meditação alguns dias antes de realizá-la. Desta forma, você terá bastante tempo para providenciar o material que for necessário. (Bíblia das Descobertas, p. 1281)

Os textos são organizados seguindo a ordem dos livros da Bíblia, embora sejam independentes umas das outras e possam ser realizadas em qualquer ordem.

5.2.1.14 *Historical charts*

São nove tabelas editadas com ilustrações e letras grandes. Resumem de forma esquematizada alguns assuntos, como as pessoas comuns escolhidas por Deus, objetos simples empregados em milagres e a relação entre os ensinamentos atribuídos a Jesus e os 10 mandamentos apresentados no livro de Êxodo. Diferente das tabelas mais comuns em Bíblias com recursos especiais, que normalmente se dedicam às medidas e valores bíblicos e seus equivalentes atuais (como apresentado no Capítulo 1), seu principal propósito é resumir alguns fatos da narrativa bíblica, relacionando-os uns aos outros para construir uma narrativa comum. O exemplo a seguir (citação e Figura 33) compara o mundo descrito no livro em Gênesis com o mundo descrito no livro de Apocalipse:

The Beginning and the End. The Bible tells us about the beginning of the world and the end of the world. The story of the human race, from beginning to end – from our fall into sin to our redemption by Jesus and God’s victory over evil – is all found in the Bible! Look at this chart to see how the first and last books of the Bible compare. (Hands-On Bible, p. 1291)

O início e o fim. A Bíblia nos conta o início e fim do mundo. A história da raça humana, do início ao fim – da nossa queda por causa do pecado até o início da nossa redenção por Jesus e a vitória de Deus sobre o mal – tudo isso está na Bíblia! Veja nesta tabela a comparação do primeiro e do último livro da Bíblia. (Bíblia das Descobertas, p. 1253)

Figura 27 – Tabela The beginning and the end

Genesis	Revelation
THE SUN IS CREATED	THE SUN IS NOT MELTED
SATAN IS VICTORIOUS	SATAN IS DEFEATED
SIN ENTERS THE HUMAN RACE	SIN IS BANISHED
PEOPLE RUN AND HIDE FROM GOD	PEOPLE ARE INVITED TO LIVE WITH GOD FOREVER
PEOPLE ARE CURSED	THE CURSE IS REMOVED
TEARS ARE SHED, WITH SORROW FOR SIN	NO MORE SIN, NO MORE TEARS OR SORROW
THE GARDEN AND EARTH ARE CURSED	GOD'S CITY IS GLOWING, THE EARTH IS MADE NEW
THE FRUIT FROM THE TREE OF LIFE IS NOT TO BE EATEN	GOD'S PEOPLE MAY EAT FROM THE TREE OF LIFE
PARADISE IS LOST	PARADISE IS REGAINED

5.2.1.15 Kids' dictionary/concordance

Uma concordância que ocupa 30 páginas, acompanhada de instruções sobre como usar corretamente o recurso para pesquisar por uma palavra. Paratexto comum em Bíblias com recursos especiais, concordância são materiais agrupam palavras usadas ao longo do texto bíblico em ordem alfabética, juntamente com indicações das referências (livro, capítulo e versículo) onde essas palavras são usadas em contexto.

Actually a concordance is very much like a dictionary. It's an alphabetical listing of important words you'll find in the Hands-On Bible. Just use it like you would a dictionary at school. Plus, it can tell you where in the Bible to find references to those words. So, for example, if you want to know more about angels, just look up the word angel in this dictionary/concordance. You'll find this dictionary/concordance is a fun tool to use as you read more and more of God's Word (Hands-On Bible, p. 1375).

Na verdade uma concordância é muito parecida com um dicionário. É uma lista alfabética de palavras importantes que você vai encontrar na Hands-On Bible. Use como você usaria um dicionário na escola. Além disso, a concordância mostra onde encontrar as referências dessas palavras na Bíblia. Então, por exemplo, se você quer saber mais sobre anjos, apenas procure a palavra anjo nesse dicionário/concordância. Você vai descobrir que é uma ferramenta divertida de usar enquanto você lê mais e mais a Palavra de Deus.

A concordância da *Hands-On Bible*, traz apenas as referências dos locais em que uma palavra\expressão é usada no texto bíblico, sem a definição – portanto, não se trata de um glossário. Entretanto, este texto é apresentado ao leitor como uma espécie de dicionário. Isso ocorre, provavelmente, para fins didáticos, para que a criança (novamente, a criança idealizada pelo comentarista) compreenda o paratexto como algo relacionável a um material já utilizado anteriormente (i.e. o dicionário escolar).

5.2.1.16 Maps

O último elemento do comentário temático da *Hands-On Bible* são cinco ilustrações grandes e coloridas que representam mapas. Ao todo, esses paratextos mostram: uma representação de uma vila nos tempos bíblicos; a viagem de Abraão até Canaã; o caminho percorrido pelos israelitas no Êxodo; as viagens missionárias de Paulo; e as cidades por onde Jesus teria passado na semana antes da crucificação.

Os Mapas foram devidamente adaptados para a compreensão da criança: os desenhos são claros, as palavras foram impressas em letras grandes e não possuem os detalhes técnicos comuns em mapas, como as proporções ou traçados de rotas.

Tais características fazem com que esses auxílios se pareçam mais com ilustrações explicativas do que com mapas, embora o próprio sumário da BT os classifique assim.

Cada mapa tem um pequeno texto devocional falando da história do personagem relacionado ao cenário retratado, como o trecho a seguir seguinte e a Figura 34:

Do you have a globe of the world? It is about a foot wide? If so, Paul's journey's would fit on about one square inch of this globe. But it was the most important square inch on the globe in Paul's day because it was the Roman Empire. Paul was a missionary in the Roman Empire. He started churches in many cities. Paul went on three missionary journeys. (...) We should be thankful for missionaries like Paul. (Hands-On Bible, p. 1424).

Você tem um globo terrestre? Ele tem uns 30 centímetros? Se sim, as viagens de Paulo caberiam em um centímetro quadrado desse globo. Mas essa era o centímetro quadrado mais importante do globo nos dias de Paulo, porque era o Império Romano. Paulo era um missionário no Império Romano. Ele começou igrejas em muitas cidades. Paulo fez três viagens missionárias. (...) Nós devemos ser agradecidos por missionários como Paulo.

Figura 28 – Mapa “Paul’s Journey’s”



Arquivo pessoal

A Hands-On Bible, como demonstrado, é composta por um conjunto extenso de paratextos. Existe uma proposta de ensino contemporâneo da Bíblia, que procura se sustentar através inúmeras atividades e em uma linguagem que busca ser atrativa para o leitor infantil. O texto do comentário temático, entretanto, ainda é uma defesa da doutrina. Não há a espaço para que a criança tire suas próprias conclusões do texto, que em todos os momentos apresenta ao leitor uma conclusão do texto e então propõem que a criança realize uma atividade que comprove ou reafirme. O elemento lúdico surge como uma forma de aprendizagem do sagrado que se incorpore à vida da criança, uma tendência do ensino religioso na modernidade (LOPES, 2012). Assim a atividade proposta é muito mais um método de fazer com que a criança internalize a conclusão definida pelo comentarista.

Tendo assim definido a proposta da *Hands-On Bible*, seu tema e a forma como seus paratextos foram produzidos e organizados, bem como as finalidades governantes da iniciativa como um todo, deve-se então observar a tradução. A seguir será dissertado sobre o status da tradução no sistema receptor e as implicações de seu relacionamento

com o texto original e com o sistema receptor.

5.3 Transformação da Hands-On Bible em Bíblia das Descobertas

A BT estadunidense *Hands-On Bible* foi traduzida no Brasil¹⁰ como *Bíblia das Descobertas* e publicada em 2008. O verso da folha de rosto da publicação indica quatro tradutores como responsáveis pela tradução do comentário temático (Amador Rúbio, Luciana Eidam Coelho, Márcia Coivo Vilella e Thaís Seidel de Souza), e uma pessoa, Magda D. Z. Huf, como responsável pela revisão e preparação do texto. A editora responsável pela publicação foi a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB).

A análise histórica feita no Capítulo 3 demonstrou uma relação muito próxima e dependente da religião evangélica de ideologias vindas dos Estados Unidos. A importante participação de missionários no estabelecimento de igrejas deixou marcas visíveis nas crenças protestantes adotadas no Brasil e no comportamento evangélico. Assim, é possível supor que grande parte da ideologia religiosa de um comentário temático estadunidense será bem aceito no sistema brasileiro, sem grandes choques culturais ou necessidade de alterações.

Entretanto, aceitação do conteúdo não necessariamente garante que a apresentação seja adotada, e existe a possibilidade de alterações na forma como o comentário temático é inserido no sistema receptor. Tendo em mente que variados fatores culturais são absorvidos pelo comentário temático no momento de sua criação, é preciso avaliar a forma com que esses fatores (e suas referências ao sistema de origem) foram tratados na tradução. A reapresentação e recolocação dos paratextos, bem como os índices morfológicos gerados pelo sistema receptor em substituição aos índices originais, são reflexos do *status* da tradução no sistema receptor (TORRES, 2011).

Diferentemente da original, que nasceu da iniciativa de duas editoras, a *Bíblia das Descobertas* nasce do esforço único da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), que foi responsável pela tradução do comentário, pela diagramação dos paratextos e pelo projeto gráfico da publicação.

A SBB foi fundada em 10 de junho de 1948, e nasceu como parte das Sociedades Bíblicas Unidas, que atuava na distribuição da Bíblia no Brasil. A SBB afirma que sua missão é “dar a Bíblia à pátria”; de orientação protestante (de fato, as Sociedades Bíblicas surgem da filosofia do protestantismo pietista), a SBB é responsável não só pela impressão de milhares de exemplares de Bíblias a cada ano,

¹⁰ Foi publicada no Brasil uma BT chamada *Bíblia das Descobertas para Adolescentes*, também pela SBB, em 2012. Entretanto, essa publicação tem propostas editoriais diferentes e não estabelece uma relação de coleção com a *Bíblia das Descobertas*, sendo publicações independentes e não-relacionadas quanto ao conteúdo.

mas também pela produção de outros materiais dentro da cultura da leitura e estudo da Bíblia, tais como encartes, folhetos, manuais, dicionários das línguas originais e materiais para crianças.

As técnicas de diferenciação da Bíblia no mercado começam com iniciativas da SBB. A produção de Bíblias de estudos, temáticas ou de afinidades (Bíblias personalizadas encomendadas por empresas, igrejas ou particulares) começou nos anos 1970 e trouxe variedade ao mercado de Bíblias (LEWGOY, 2004; CAMPOS, 2012). Como mencionado no Capítulo 2, diversas Bíblias diferenciadas foram produzidas desde então, algumas em parceria com outras editoras. Embora tenha produção intensa, a SBB já foi alvo de críticas geradas, sobretudo, pela crescente competição mercadológica; discordâncias comuns dizem respeito às ideologias religiosas da SBB, acusada por alguns protestantes mais tradicionais de “ecumenismo” (CAMPOS, 2012).

A SBB detém os direitos de três traduções em português brasileiro além da NTLH: a Almeida Revista e Corrigida (ARC), a Almeida Revista e Atualizada (ARA) (MILLER; HUBER, 2006). Essa última é uma tradução bíblica que pode ser considerada como tendo sido orientada pela noção de equivalência dinâmica¹¹ de Nida (1964) o que, segundo seus organizadores, faz dela uma tradução que,

[ao] reproduzir também e efetivamente o sentido dos textos originais hebraico, aramaico e grego, expressa esse sentido de maneira simples e natural, assim como a maioria da população brasileira fala. Portanto, a Nova Tradução na Linguagem de Hoje continua sendo especialmente adequada ao trabalho de evangelização e é também muito apropriada para a leitura devocional em família, inclusive para as crianças (SBB, 2008)

Assim, trata-se uma tradução considerada adequada e compreensível mesmo para crianças – da mesma forma que ocorreu com a NLT na composição da *Hands-On Bible*.

A *Bíblia das Descobertas* é composta pelo texto integral da Bíblia NTLH e reproduz a distribuição da maior parte da estrutura paratextual do comentário temático da *Hands-On Bible*. Assim como a americana, a *Bíblia das Descobertas* é recomendada, pelo catálogo da SBB, para crianças que, presume-se, devam ser alfabetizadas, uma vez que o texto bíblico é integral. Está presente nos catálogos “Bíblias de Estudo” e “Infanto-Juvenis” de sua loja virtual, que traz a seguinte sinopse de venda:

¹¹ Nida descreveu a tradução guiada por equivalência dinâmica como aquela em que o esforço linguístico é direcionado mais para a resposta do receptor do que para a mensagem fonte; uma tradução que escolhe o equivalente natural mais próximo da língua fonte (NIDA, 1964)

Com esta publicação o público infantojuvenil (sic) conseguirá ir fundo na Palavra de Deus de uma maneira surpreendente. O leitor descobrirá, por exemplo, que preparar um simples sanduíche pode ter tudo a ver com hospitalidade; são 102 experiências – de fazer um lanche até elaborar um experimento científico – que oferecem a oportunidade de se descobrir a mensagem secreta que está por trás de cada uma delas. (SBB, 2008)

A ficha catalográfica da publicação afirma que as notas foram traduzidas e adaptadas da *Hands-On Bible* de 2004, com permissão da editora Tyndale House Publishing. Existe ainda uma nota, afirmando que:

Os diversos quadros contidos ao longo dessa Bíblia são de responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente a posição da Sociedade Bíblica do Brasil, que publica a presente edição no intuito de servir o Senhor Jesus Cristo, trazendo a sua Palavra aos leitores mais jovens. (SBB, 2008)

Essa nota voluntariamente resguarda aos autores originais a responsabilidade pela ideologia religiosa apresentada pelo comentário temático, enquanto a SBB afirma sua boa fé no ato de promover a tradução e publicação desse material.

5.3.1 Reapresentação da BT: índices morfológicos e ilustrações

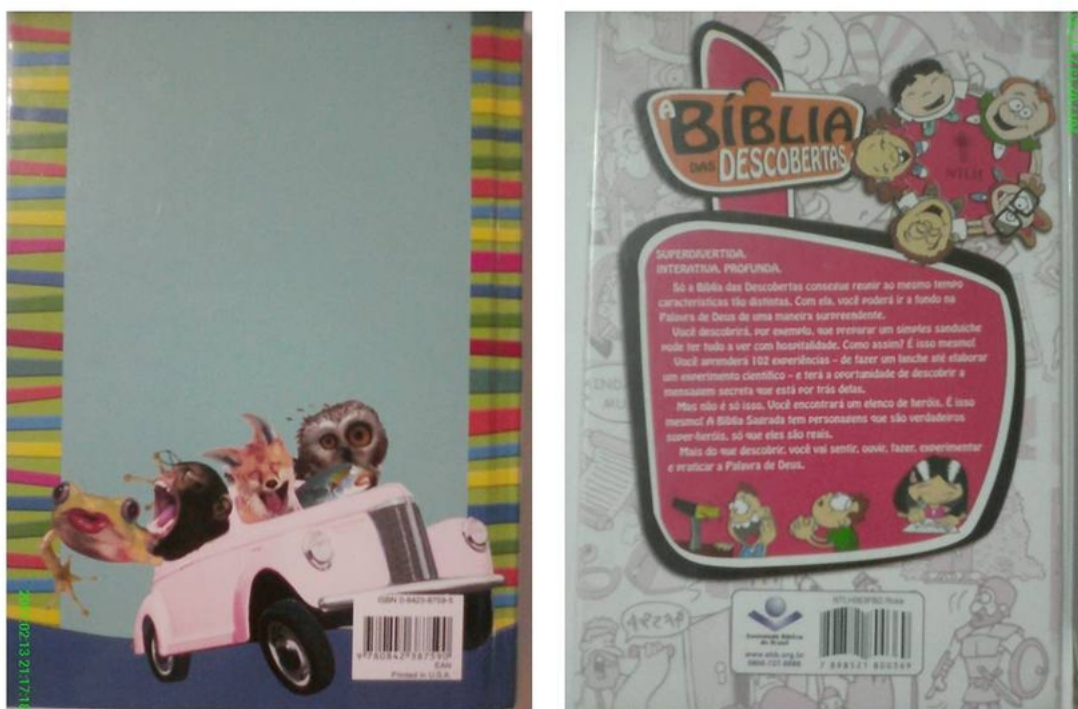
Observando-se primeiramente os índices morfológicos (discursos das capas internas e externas do livro, frente e verso) da BT traduzida, dois elementos saltam aos olhos: o título, que traz em si uma temática diferente do título e da capa do original.

O título da BT traduzida demonstra, a princípio, uma alteração de temáticas. Inicialmente não é fácil relacionar o título *Bíblia das Descobertas* com o título em inglês *Hands-On Bible*. Enquanto no original a questão prática faz parte do título e está explícita nele, em português as referências a esse tema foram apagadas ou recuperadas através de adaptações. Essa estratégia de recuperação do tema é visível no subtítulo “Descubra e *pratique* a palavra de Deus” (grifo meu), e na contracapa da BT traduzida, que, ao contrário da contracapa da BT original (Figura 35), que continha apenas ilustrações, traz o seguinte texto, com grande apelo à doutrina protestante de autenticidade da Bíblia (um valor defendido também pelo discurso na *Hands-On Bible*):

Superdivertida, interativa. Profunda. Só a Bíblia das Descobertas consegue reunir ao mesmo tempo características tão distintas. Com

ela, você poderá ir a fundo na Palavra de Deus de uma maneira surpreendente. Você descobrirá, por exemplo, que preparar um simples sanduíche pode ter tudo a ver com hospitalidade. Como assim? É isso mesmo! Você aprenderá 102 experiências – de fazer um lanche até elaborar um experimento científico – e terá a oportunidade de descobrir a mensagem secreta que está por trás delas. Mas não é só isso. Você encontrará um elenco de heróis. É isso mesmo! A Bíblia Sagrada tem personagens que são verdadeiros super-heróis, só que eles são reais. Mais do que descobrir, você vai sentir, ouvir, fazer, experimentar e praticar a Palavra de Deus(SBB, 2008)

Figura 29 – Contracapas

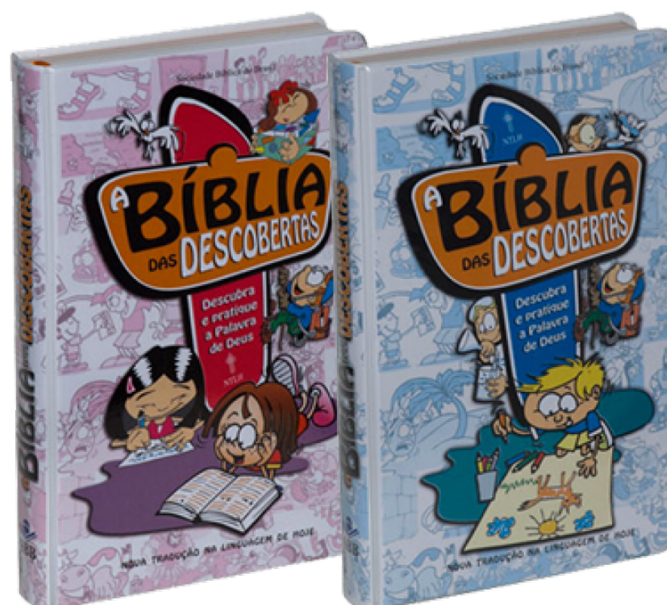


Arquivo pessoal

Com relação à capa, é visível uma subdiferenciação entre os leitores que não havia no original. Segundo Risterucci-Roudnicky (2008, p.20), “as capas desempenham um papel na transmissão das imagens culturais e sua análise participa da tradução da obra”; no caso da Bíblia das Descobertas, a primeira transmissão cultural que pode ser percebida nesse quesito as duas opções de capas, em rosa e em azul, com ilustrações femininas e masculinas, conforme a Figura 36 – uma apresentação oposta

à abordagem sem definição de gênero da Hands-On Bible, que trazia uma capa neutra, com cores variadas e atributos que não faziam distinção entre meninos e meninas.

Figura 30 – Capas em rosa e azul



SBB, 2008

É provável que essa subsegmentação seja apenas uma estratégia de mercado, para atrair a compra de um produto direcionado a uma idade em que crianças ainda são bastante influenciadas por diferenças de cores. Deve-se notar que as diferenças não estão apenas nas cores, mas nas ilustrações de cada capa: meninas desenhando e brincando na capa rosa e meninos fazendo experimentos científicos na capa azul. A tentativa de identificação com o leitor é feita primeiramente com apelo ao gênero. Deve-se considerar a existência de uma tendência mercadológica contemporânea de segmentação por gênero em produtos especialmente na infância (ELIOT, 2013). Essa dualidade rosa\azul se faz presente em itens de vestuário, móveis, brinquedos, e materiais escolares e, como no caso analisado, em produtos religiosos.

A SBB tem em seu catálogo outros produtos infanto-juvenis segmentados por gênero, embora na maioria deles o conteúdo textual interno seja o mesmo e a diferenciação masculino\feminino esteja limitada à capa. Esse é o caso da Bíblia das Descobertas: nos momentos (raros) em que o texto pede por uma regência masculina

ou feminina para algum adjetivo, é utilizada a forma masculina como em: "Então, já está pronto para começar? Muito bem! Lembre-se esta é sua Bíblia." (p. 10). Esse processo ocorre nas duas versões de capa, mostrando que o texto é o mesmo nas duas edições. Aparentemente, a editora preferiu limitar a diferenciação entre os leitores apenas às capas, não realizando intervenções intratextuais.

As ilustrações da Bíblia das Descobertas foram totalmente modificadas, embora, reproduzam os mesmos elementos com estilos diferentes (Figura 37). Enquanto a BT original é ilustrada com uma variedade de cores e formas, em ilustrações compostas por colagens de fotografia e desenhos que misturam vários formatos, a tradução recebeu apenas desenhos no estilo de cartoons, realizados pela empresa brasileira Studio 58, mediante contrato com a SBB.

Figura 31 – Ilustrações do original e da tradução



Arquivo pessoal

Os elementos lúdicos da BT original permanecem, embora sem a mesma variedade de cores: a apresentação com páginas coloridas em gramatura diferente não foi adotada na tradução, que permaneceu totalmente impressa em papel bíblia e todos os desenhos foram coloridos em tons de laranja, como pode ser visto também na Figura 37.

5.3.2 Recolocação dos paratextos, variações de posicionamento e suas implicações

Foi feita uma comparação da presença dos paratextos na Bíblia das Descobertas, definindo quais partes do comentário temático foram traduzidas, quais foram modificadas ou excluídas e se o posicionamento (momento em que a aparecem dentro da BT) foi alterado. O quadro a seguir (Quadro 2) oferece uma esquematização dessa análise. Quando a situação indicada é apenas "Traduzido", entende-se que o paratexto foi posicionado da mesma forma que o original e não sofreu alterações ou exclusões intratextuais.

Tabela 2 – Recolocação do Comentário Temático na Tradução

Título do Paratexto	Situação na Tradução	Título na Tradução
What's Special About The HANDS-ON BIBLE	Traduzido com modificações	O Que Há De Especial Na Sua Bíblia Das Descobertas
What's The 1 Thing?	Traduzido	Qual É A Numero 1?
New Living Translation Preface	Substituído	Prefácio Para A Nova Tradução Na Linguagem De Hoje
How To Use This Bible	Traduzido	Como Usar Esta Bíblia
About The Old Testament/New Testament Books	Traduzido em parte	Os livros do Antigo Testamento\Os livros do Novo Testamento
Introductions	Traduzido	Introduções
Timeline	Traduzido	Linha Do Tempo
Hands-On Bible Experiences	Traduzido	Experiências Da Bíblia Das Descobertas
Bible Bios: Hear from your heroes	Traduzido\Posição modificada	Gente Da Bíblia: conheça seus heróis
Key Verse Activities	Traduzido	Texto Chave
Fun-Fact	Traduzido	Curiosidades
God's Master Plan	Traduzido\Posição modificada	Plano Mestre De Deus

Título do Paratexto	Situação na Tradução	Título na Tradução
The Jesus Connection	Traduzido	Conexão Com Jesus
Did You Know? Frequently Asked Questions About The Bible	Traduzido	Você Sabia? Perguntas Mais Frequentes Sobre A Bíblia.
Some Other Big Questions	Traduzido	Outras Grandes Dúvidas
Charts, Charts, Charts	Traduzido	Tabelas E Mais Tabelas
Where To Turn In My Bible	Traduzido	Onde Procurar Na Minha Bíblia
Personal Bible Reading Plan	Traduzido	Plano Pessoal De Leitura Da Bíblia
Family Devotions	Traduzido	Meditações Em Família
Dictionary/Concordance	Substituído	Glossário Da SBB para a NTLH
Maps	Excluído	N/A

Deve-se ter em mente que a produção de determinado paratexto (dentre as variedades possíveis), e a definição de seu posicionamento dentro da BT não são escolhas arbitrárias dos produtores, mas contribuem a um propósito. O objetivo principal da Hands-On Bible é transmitir ensinamentos bíblicos relativos à passagens específicas do texto; a esses ensinamentos são agrupadas atividades adequadas para crianças, para que a mensagem seja fixada em um processo didático lúdico. A Hands-On Bible traz ainda a proposta, implícita, de em alguns momentos não apenas ensinar o leitor a lidar com a Bíblia em si, mas também a lidar as ferramentas disponíveis em Bíblias com recursos especiais. Assume-se assim que mudanças no local e exclusão de paratextos irão influenciar no cumprimento desses propósitos.

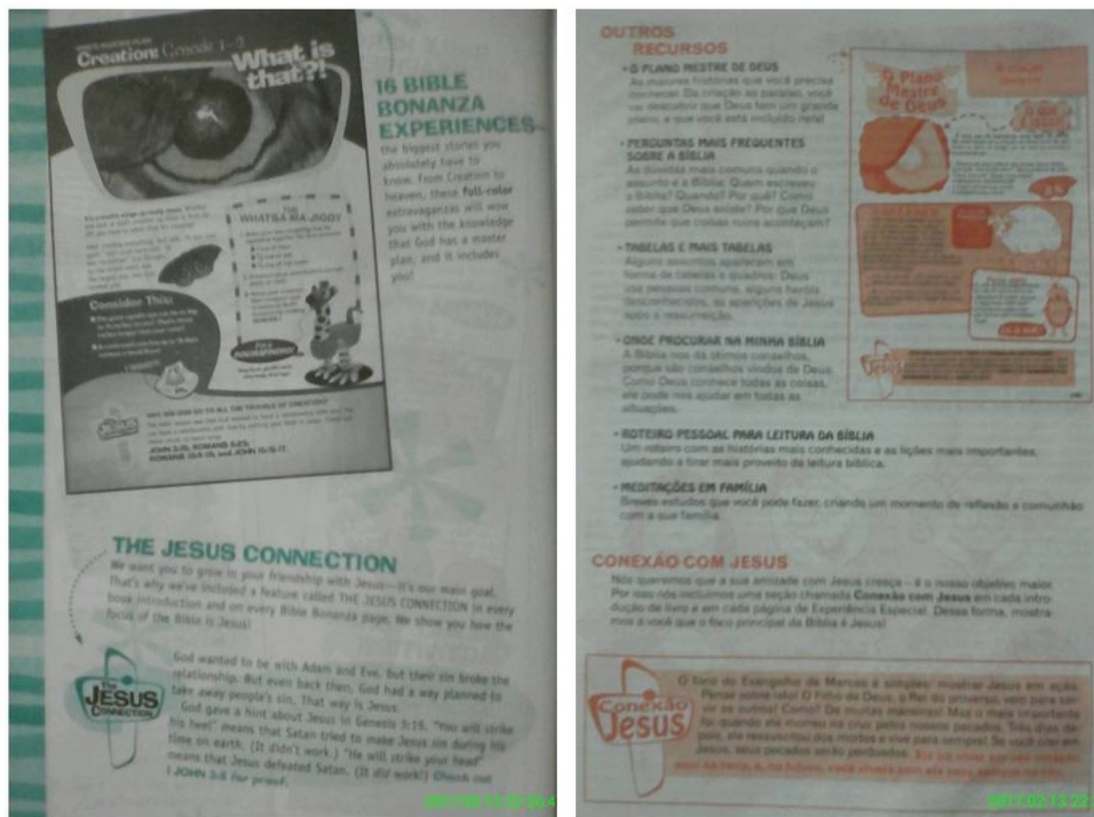
Começando pela apresentação interna da BT traduzida, a primeira mudança ocorreu no sumário. O sumário da BT traduzida traz os livros e as abreviações no mesmo espaço, na ordem em que se seguem na Bíblia, sem uma segunda lista em ordem alfabética. Tampouco existe uma listagem, para o leitor, dos nomes envolvidos na tradução bíblica. Essas informações estão apenas na ficha catalográfica e não são referidas em nenhum outro momento da BT, em contraste com a longa lista de colaboradores apresentada propositalmente ao leitor da Hands-On Bible. O resultado é uma BT com uma quantidade menor de páginas pré-textuais, o que rompe com a intenção educativa da BT original de ensinar o leitor a lidar (também) como uma Bíblia é produzida. Um consequência desse fato é um leitor alheio às particularidades

da formação textual da Bíblia, relativas às dessemelhanças culturais e linguísticas entre os originais hebraico, aramaico e grego e o português utilizado pelo brasileiro contemporâneo.

O prefácio é colocado após o sumário. Assim como o prefácio da BT original, este foi dividido em duas partes, separadas por outros textos. A apresentação visual é muito similar à utilizada na BT original, com ilustrações e balões indicando o propósito de cada paratexto que o leitor irá encontrar ao longo da Bíblia. Alguns exemplos utilizados na BT traduzida para explicar os paratextos são diferentes da BT original, embora essa alteração não tenha efeito negativo sobre a explicação.

A explicação dos recursos se dá sem grandes modificações, até a última página da primeira parte do prefácio. Nesse ponto, enquanto no original são apresentados os recursos God's Master Plan e The Jesus Connection, na Bíblia das Descobertas várias inclusões são feitas nessa página. A descrição do quadro Plano Mestre de Deus é reduzida a um tópico, e agrupada junto a outros cinco tópicos com o subtítulo Outros recursos, que não havia no original. Abaixo desse novo tópico, foram incluídas descrições sobre os recursos pós-textuais: Perguntas mais frequentes sobre a Bíblia, Tabelas e mais Tabelas, Onde procurar na minha Bíblia, Roteiro pessoal de leitura e Meditações em Família. O prefácio original não descreve nenhum desses recursos pós-textuais (Figura 38).

Figura 32 – Modificações no texto da página A-12



Arquivo pessoal

O artigo *What's the 1 thing?* foi mantido no mesmo lugar e traduzido de forma integral com o título *Qual é a número 1?*. Já o prefácio ao texto bíblico da NLT foi substituído pelo prefácio da NTLH. O texto em português não foi reduzido, como aconteceu com a *Hands-On Bible*, mas a publicação em português não incluiu um texto de apresentação ao prefácio, como ocorreu no original.

A segunda parte do prefácio foi traduzida de forma integral. Curiosamente, a referência a um sumário com os livros em ordem alfabética foi mantida, embora essa mesma lista não esteja incluída na tradução. Quanto ao restante, a explicação sobre como encontrar versículos e sobre como a Bíblia foi formada se manteve, adotando na tradução os mesmos balões e quadros para seus referentes em inglês, embora tenha havido algumas mudanças na diagramação (devidas principalmente às diferenças no estilo e tamanho das ilustrações), os segmentos de textos destacados ou coloridos na BT original permaneceram assim na tradução. O exercício que propõem à criança a leitura de referências foi mantido com os mesmos versículos propostos.

As páginas de "Introdução ao Conjunto de Livros", responsáveis por apresentar o Antigo e o Novo Testamento de uma forma geral, foram excluídas pela metade. Apenas

a descrição esquematizada em quadros sobre os livros de cada testamento foram mantidas; a parte textual que apresentava o testamento com chamadas emocionantes, que ocupavam uma página inteira, foi totalmente retirada.

Quanto aos paratextos paralelos ao texto bíblico (aqueles que estão dentro do andamento do texto bíblico), apenas os quadros mantiveram a mesma posição que o original. Dessa forma, é possível localizar, com facilidade, os quadros *Versículo-Chave* (*Key verse*) e *Experiências Especiais* (*Hands-On Bible experiences*) com base na posição que ocupam com relação ao texto bíblico: um quadro localizado na BT original junto ao texto do capítulo 3 do livro de Lucas, por exemplo, está no mesmo local na tradução. Isso ocorre porque estes paratextos tem uma relação muito dependente do texto bíblico, uma vez que comentam trechos pequenos (compostos por um verso ou dois) e seu sentido depende da proximidade ao texto que comentam.

Todos os artigos paralelos ao texto bíblico (*Bible Bios* e *God's Master Plan*) tiveram a posição alterada. Na *Bíblia das Descobertas*, os artigos *Plano Mestre de Deus* foram transformados em paratextos pós-textuais, sendo colocados como um anexo após o glossário. Já os artigos com Biografias, os *Bible Bios*, foram mantidos dentro do andamento do texto bíblico, mas com posições totalmente diferentes daquelas da BT original. O fato de não ocuparem a mesma página do texto bíblico contribui para que exista certa flexibilidade de posicionamento desses artigos, característica que as editoras aproveitaram de diferentes formas.

Na BT *Hands On Bible* todos os artigos são colocados dentro do andamento do texto bíblico. Tanto os *Bible Bios* como as páginas coloridas do *God's Master Plan* apresentam textos que "interrompem" o texto bíblico – ao fazerem isso, chamam a atenção do leitor para sua leitura. Ambos os artigos são relativos a trechos longos: personagens bíblicos podem aparecer por mais de um capítulo, e alguns aparecem em até mais que um livro; as reflexões em *God's Master Plan* referem-se a acontecimentos e lições que podem ser lidas em várias passagens. Provavelmente para que as interrupções não sejam frequentes, uma distância é colocada entre os textos dos artigos, que ficaram com longos segmentos de texto bíblico entre si. O resultado é que nem sempre, na BT original, esses artigos estão próximos do texto a que se referem. O *God's Master Plan* referente a Êxodo 20, por exemplo, é colocado dentro do livro de Gênesis, mais de 20 páginas à frente do texto que comenta; o *Bible Bio* referente a Estevão, em outro exemplo, está no Capítulo 4 de Hebreus, sendo que o personagem é citado em Atos, 13 livros (e mais de cinquenta páginas) antes. Embora essa estratégia evite interrupções constantes à leitura do texto bíblico, as descrições de personagens acabam por estar desconectadas dos textos mais simbólicos para seu entendimento (a criança que se depara com a biografia de Estevão, por exemplo, pode preferir interromper a leitura do livro atual e procurar pelo texto em que o personagem

aparece); ainda, não foi colocado na Bíblia um índice temático indicando em qual página estão os artigos (é preciso folhear manualmente as páginas para localizar um texto específico).

Já na *Bíblia das Descobertas*, uma vez que os artigos *Plano Mestre de Deus* foram todos agrupados no fim da Bíblia, na forma de anexo, muito espaço entre os capítulos ficou sem conteúdo algum. Aproveitando essa condição, os produtores da *Bíblia das Descobertas* diagramaram o texto de forma que as biografias surgissem próximas aos textos em que se baseiam: a biografia de Naamã, por exemplo, está na página seguinte ao texto em que o personagem é citado pela primeira vez (mais especificamente a biografia está na página 354, sendo que a história do personagem se estende das páginas 351-354, no capítulo 5 do Segundo Livro de Reis).

Essa diferença acarreta uma mudança do impacto didático desses artigos nas duas BTs. Na BT original a ordenação dos artigos *God's Master Plan* dentro do andamento do texto bíblico provoca sua leitura: o leitor "vê" o material, mesmo que involuntariamente, embora nem sempre fique perto do texto bíblico em que se baseia. Na BT traduzida essa consequência não existe, pois os artigos estão todos agrupados no fim da Bíblia. Para que o leitor leia a reflexão do artigo e realize as atividades, é preciso que procure por conta própria por elas no fim da Bíblia. Da mesma forma, o leitor só saberá se existe uma reflexão *Plano Mestre de Deus* sobre determinada passagem se procurar por ela voluntariamente, pois não foi inserida nenhuma indicação no texto bíblico de quais passagens estão contempladas nos artigos organizados no fim da Bíblia. Isso significa, em muitos casos, que o leitor dificilmente realizará por conta própria as atividades, requerendo sempre a iniciativa de um professor.

Já nas biografias *Gente da Bíblia* o efeito didático na tradução parece ser maior do que na BT original, pois os artigos estão realmente próximos ao texto que é mais importante para sua compreensão (i.e. o primeiro momento em que o personagem é citado). O efeito didático assim é maior, pois o leitor infantil recebe uma explicação sobre determinado personagem importante logo após conhecê-lo no texto bíblico, fator muito útil ao cumprimento do propósito do comentário temático.

Os paratextos pós-textuais *Did You Know?*; *Some Other Big Questions*; *Charts, Charts, Charts*; *Where To Turn In My Bible*; *Personal Bible Reading Plan*; e *Family Devotions* foram todos traduzidos, com poucas alterações textuais e visuais, e até mesmo a diagramação das tabelas é similar ao formato da BT original. A maior alteração é a exclusão do último parágrafo do paratexto *Where To Turn In My Bible*, que faz referência ao paratexto *Dictionary/Concordance*, localizado alguma páginas à frente:

Guess what! There's a really cool tool you can use when you want to

know more about any subject! It's called a concordance, and there's one at the back of this very Bible! It's like a dictionary of subjects and people, and it tells you where to look in the Bible for information. Want to know more about angels? Prayer? David? Just look up the word or name! It's a cool tool you'll use a lot. (Hands-On Bible, p. 1298)

[Adivinhe só! Tem uma ferramnetta bem legal que você pode usar quando quiser saber mais sobre algum asusnto! Se chama concordância, e tem uma no fim dessa Bíblia aqui! É como um dicionário de asusntos e pessoas, e te diz onde olhar na Bíblia para informação. Quer saber mais sobre anjos? Oração? Davi? Apenas procure a palavra ou nome! É uma ferramenta divertida pra usar bastante.

A exclusão desse trecho foi provocada pela substituição do paratexto Dictionary/Concordance na BT traduzida. Esse auxílio, parte do discurso educativo da Hands-On Bible, foi substituído pelo vocabulário da NTLH produzido pela SBB. São paratextos diferentes. A concordância é um tipo de paratexto que organiza as referências bíblicas de conceitos específicos da religião em ordem alfabética. Já o paratexto inserido na Bíblia das Descobertas é um glossário, em que as definições são organizadas, de fato, como verbetes de dicionário. Esse paratexto não se configura em uma concordância, cujo foco é a indicação da maior quantidade possível de trechos relevantes contendo determinada palavra. Ainda, o vocabulário da Bíblia das Descobertas não conta com uma explicação prévia sobre a função do paratexto, como acontece com a Hands-On Bible. Assim, ocorre nessa exclusão também uma quebra da proposta didática, pois não ocorre nem a uniformização do discurso explicativo do comentarista ao longo da aparição de novos paratextos, nem o aprendizado sobre o uso da ferramenta.

O mesmo rompimento didático ocorre com a exclusão total dos mapas. O último paratexto do comentário temático da Hands-On Bible, destinado a reflexões e à aprendizagem do uso de mapas no estudo bíblico, foi totalmente excluído, não acontecendo nem mesmo uma substituição por versões brasileiras dos mesmos mapas. Juntamente com as imagens foram excluídos vários parágrafos de textos explicativos que acompanhavam os mapas.

É possível afirmar que a BT traduzida teve menor preocupação com muitas questões didáticas do que o comentário original. Embora a reorganização dos artigos de biografias possa ter efeito educativo maior na tradução, diversas outras estratégias não foram consideradas, em especial aquelas cujo propósito era apresentar o "em torno" do texto bíblico: sua forma de produção e o suso de recursos auxiliares.

5.3.3 Outras diferenças de apresentação

Com relação à apresentação do texto bíblico inserido em sua composição, existe uma interessante diferença entre a BT original e a BT traduzida com relação às notas de rodapé. Essas notas não fazem parte do comentário temático, mas dos textos bíblicos escolhidos para compor a BT que foram publicadas originalmente acompanhadas de notas. O tratamento dessas notas foi modificado na composição das duas BTs.

A tradução bíblica usada na *Hands-On Bible*, a NLT, possui diversas notas de rodapé. Segundo o comitê de tradução, essas notas foram incluídas, quando necessário, para elucidar questões linguísticas e culturais: nomes próprios cujo significado fosse relevante ao texto; a tradução literal de frases que foram traduzidas segundo o princípio de equivalência dinâmica; formas alternativas de tradução de certos trechos; trechos excluídos que figuram em outros manuscritos das línguas originais; referências cruzadas entre passagens do Antigo Testamento e do Novo Testamento; e informações históricas e culturais que possam ser obscuras para os leitores modernos. Esse extenso conjunto de notas, entretanto, foi excluído da publicação da *Hands-On Bible*: não figuram nos rodapés, e não há referência a elas em momento algum do prefácio ao texto bíblico.

A NTLH da *Bíblia das Descobertas*, por outro lado, manteve as notas de rodapé. Embora no prefácio ao texto bíblico o comitê de tradução não faça referência ao conteúdo dessas notas (ou mesmo à sua existência), a *Bíblia das Descobertas* possui notas em praticamente todas as páginas. São notas relativas às questões culturais, linguísticas, históricas e geográficas, contando também com explicações interpretativas de algumas passagens, além de inúmeras notas de referência cruzada. Quanto a essas notas de referência, o que estava esquematizado na concordância da *Hands-On Bible*, de certa forma passou a estar diluído nos rodapés da *Bíblia das Descobertas*, embora esse auxílio pertença ao texto bíblico, e não ao comentário temático. Entretanto, não há nenhuma explicação, ou inclusão textual, que instrua o leitor do porque daquelas notas, de sua importância ou de como consultá-las.

É curiosa essa diferenciação, pois, uma vez que essas notas foram concebidas para a tradução, e não para a BT, seu vocabulário e registro diferem em muitos aspectos do texto do comentário temático. Provavelmente por isso os organizadores da *Hands-On Bible* tenham optado por retirá-lo da composição final da BT. Os organizadores brasileiros, por outro lado, preferiram manter as notas apesar da possível dificuldade que uma criança possa ter pra compreendê-las, embora, devido ao seu tamanho, elas não se tornem muito mais que rápidas curiosidades para os leitores mais interessados.

5.4 A Bíblia das Descobertas dentro do contexto sistêmico

A *Bíblia das Descobertas* estabelece uma comunicação particular com outros textos do sistema evangélico. Em suas características gerais, a *Bíblia das Descobertas* é uma BT para crianças (idade sugerida entre seis e onze anos, aproximadamente) com tradução bíblica de abordagem contemporânea (NTLH) e interdenominacional, isto é, sem aplicação específica para uma determinada vertente evangélica. A busca em catálogos de lojas e editoras evangélicas brasileiras revela que a Bíblia das Descobertas permanece a única nesse sentido. Foram consultados os catálogos das seguintes editoras e lojas:

- Casa Publicadora das Assembléias de Deus
- Sociedade Bíblica do Brasil
- Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil
- Editora Abba Press
- Editora ABU
- Editora AD Santos
- Editora Atos
- Editora Betânia
- Editora Betel Publicações
- Editora Bíblica Brasil
- Editora Central Gospel
- Editora Concórdia
- Editora Cultura Cristã
- Editora Danprewan
- Editora Descoberta
- Editora dos Clássicos
- Editora Fiel
- Editora Garimpo
- Editora Hagnos

- Editora IFC
- Editora JUERP
- Editora MK
- Editora Motivar
- Editora Mundo Cristão
- Editora Luz e Vida

A *Bíblia das Descobertas* divide as prateleiras com outros materiais bíblicos para crianças. Em sua maioria, esses materiais não são Bíblias integrais, mas sim porções bíblicas: trechos selecionados e escritos em linguagem acessível para crianças em livros ilustrados. Existem também Bíblias integrais produzidas visando o público infantil: são publicações de uma tradução recomendada para crianças, como é o caso da NTLH, acompanhadas de uma capa com temas infantis. Em alguns casos é possível identificar algumas páginas ilustradas ou auxílios no fim da Bíblia (como o glossário da SBB para a NTLH), que não chegam a configurar um comentário temático.

Já com relação a outras BTS, embora exista uma grande quantidade de publicações disponíveis no mercado, foram encontrados, até o fechamento dessa pesquisa, apenas dois títulos de BTs para crianças: além da própria *Bíblia das Descobertas*, existem apenas as publicações *Bíblia Pentecostal para Meninos* e *Bíblia Pentecostal para Meninas*. Publicadas pela editora Casa Publicadora das Assembleias de Deus em 2012, essas BTs trazem comentário bíblico em artigos e quadros, de acordo com a interpretação bíblica particular da vertente pentecostal. Essas únicas concorrentes da *Bíblia das Descobertas*, entretanto, além de serem segmentadas por gênero, são também segmentadas também por denominação. Dessa forma, atendem apenas leitores adeptos de doutrinas pentecostais.

A grande profusão de BTs no Brasil começa para públicos alvo a partir da adolescência: para leitores a partir dos doze anos, existe uma grande quantidade de BTs, em temas variados. Para crianças, entretanto, a *Bíblia das Descobertas* permanece a única BT interdenominacional, podendo ser adquirida por adeptos de diferentes vertentes evangélicas.

Percebe-se assim, com certa facilidade, o espaço que essa tradução foi planejada a ocupar como BT infantil interdenominacional; mais que isso, percebe-se que ela ainda ocupa esse espaço, quase uma década depois de sua primeira publicação.

6 Considerações finais

Toda essa pesquisa foi dedicada à análise de uma BT traduzida. Cabe agora, nessas considerações finais, retomar o que foi dito e concluído e também traçar possíveis perspectivas para estudos futuros que possam tomar essa dissertação como referência.

As traduções não ocorrem no vazio. A afirmação de Toury (2001) encontra paralelo na religião. É a cultura dá origem às traduções, assim como dá origem às práticas religiosas. A religião também não surge do vazio (Gabler; Wheeler, 2006). Diversas pesquisas já têm sido dedicadas ao fenômeno da cultura evangélica, à tradução da Bíblia e ao mercado editorial evangélico. Entretanto, verifica-se uma carência de estudos individuais, descritivos dos diferentes fenômenos em texto escritos que ocorrem dentro da religião evangélica. A importância da existência de mais estudos assim não pode ser ignorada.

Embora a palavra "Bíblia" esteja no título desse trabalho, a Bíblia, por si mesma, não impõe a religião; a religião é extraída dela através das práticas culturais, e essas práticas são reveladas também em meio escrito, através do que e de como uma cultura traduz e escreve. Esses discursos são uma comprovação de que o vazio, o vácuo em torno desses discursos, não existe. A pergunta de pesquisa dizia respeito ao que pode ser revelado sobre o leitorado evangélico a partir da análise de uma BT traduzida. O caminho percorrido até aqui foi traçado para analisar como uma tradução e o discurso religioso envolvido nela podem revelar sobre a cultura receptora.

Como demonstrado na análise, uma das características da cultura evangélica moderna e contemporânea é o apelo comercial da cultura *Gospel*. Nesse ínterim diversos produtos que possa atrair fieis são moldados e vendidos, a Bíblia sendo um desses produtos. Bíblias com recursos especiais dos mais variados são vendidas, BTs inclusive. Essa estratégia de resposta ao mercado, entretanto, não surgiu no sistema brasileiro. Já havia sido empregada no século anterior por editoras estadunidenses, em um processo que gerou e continua a gerar Bíblias diferenciadas, sejam elas BTs, Bíblias de estudo ou Bíblias ilustradas. Essa Bíblias com recursos especiais vêm, com a necessidade do sistema brasileiro de competir na venda de Bíblias a partir da década de 1970, ocupar um espaço específico entre os leitores evangélicos do português brasileiro. A BT analisada aqui, a *Bíblia das Descobertas*, continua a ocupar o espaço que lhe foi designado: permanece a única BT infantil, interdenominacional. Ainda, foi perceptível a defesa de determinadas doutrinas protestantes, mantidas através dos conceitos apresentados na BT. Doutrinas como a veracidade absoluta da Bíblia, a aplicabilidade contemporânea do ensinamentos e crenças relativas à da

natureza de Deus e de outros valores espirituais, parecem ser, como a entrada da tradução no sistema brasileiro demonstra, centrais tanto na cultura evangélica brasileira como na americana. De fato, pode-se afirmar que a tradução só pôde ser aceita devido ao fato de transmitir tais ideologias. Ao mesmo tempo, algumas características que refletiam a posição da BT original no seu sistema de origem parecem ter sido descartadas, em especial os aspectos que faziam referência ao sistema publicador: a BT original se inseria em uma coleção de outros textos; a BT traduzida não estabelece este tipo de diálogo e as marcas representativas desse diálogo (logotipos, ilustrações e determinados segmentos de texto) foram apagadas. A *Bíblia das Descobertas* ocupa no sistema brasileiro uma posição quase absoluta em suas características, com pouquíssimas outras publicações similares atuando como suas competidores no mercado.

6.1 Perspectivas para estudos futuros

A dissertação se iniciou com a apresentação de definições. Com base nos conceitos de Genette (2009), acerca dos paratextos, foi delimitado um apanhado de paratextos possíveis em BTs, componentes do comentário temático que faz dessas publicações singulares apresentações do texto bíblico. Muitas das definições para BTs e comentários temáticos foram inéditas nessa pesquisa, em grande parte devido ao pouco estudo individual desses materiais e graças também ao estado fragmentado que caracteriza a cultura evangélica e seu sistema de textos. Essa proposta de uniformização, obviamente, requer melhorias. Tais aperfeiçoamentos deverão ser inseridos nas definições apresentadas através de mais pesquisa descritivas, que acrescentem dados às afirmações e feitas e, quando necessário, demonstrem em que circunstâncias tais definições são relevantes ou não.

Talvez a provavelmente a maior contribuição dos resultados dessa pesquisa para a disciplina (ou melhor, para a interdisciplinaridade dos Estudos da Tradução), seja a proposta de uma forma específica de análise desenvolvida especialmente para BTs e comentários temáticos traduzidos em Bíblias. Essa proposta foi aplicada a um caso real, do qual foi possível extrair consideráveis conclusões baseando-se nas implicações que as modificações do comentário temático sofreu na transferência do original para a tradução. Essa proposta, entretanto, ainda é embrionária, e seu amadurecimento requer estudos futuros, novamente, e de mais descrições. Para lapidar as ideias presentes nessa forma de análise, outras BTs traduzidas devem ser analisadas em um processo que irá aprimorar o método e também fornecer mais dados acerca da tradução desses materiais.

Da mesma forma, outros questionamentos relativos às BTs traduzidas podem ser feitos dentro do âmbito dos Estudos Descritivos em Tradução. Análises comparativas

entre BTs traduzidas e BTs brasileiras posteriores podem demonstrar quais aspectos do modelo de BTs foram internalizados pelo sistema brasileiro, e quais novas formas surgiram dentro do gênero após esse processo. (Seriam as BTs brasileiras cópias exatas das BTs americanas? Que fator histórico provocou a publicação de BTs nacionais?) Descrições relativas a outros sistemas de religião são possíveis. Novos questionamentos surgem das possibilidades: existem BTs em outras religiões? Sobre quais temas, e para quais públicos? Quais as diferenças e semelhanças entre as BTs evangélicas? Quais processos históricos estão envolvidos com o começo da produção de BTs nacionais?

Novos trabalhos descritivos como esse poderão contribuir para compor um quadro maior, composto não apenas por BTs traduzidas, mas por outros textos do sistema de textos evangélicos. (Qual, exatamente, é a proporção de traduções no sistema de textos evangélicos? De que forma os estilos conhecidos através de tradução influenciam os textos nacionais que vieram depois deles?) E o que dizer dos textos transgressores, aqueles discursos que surgem não para reafirmar as estruturas de normas da religião – como foi o caso da *Hands-On Bible* e da *Bíblia das Descobertas* – mas para enfrentá-los e questioná-los?

Todas essas considerações são possíveis, e necessárias. Estudos descritivos dessa natureza podem revelar, visto que são peças menores de um quadro maior, normas culturais não explícitas, à primeira vista, dentro da cultura evangélica. No fim, pode-se afirmar que um objetivo adjacente dessa pesquisa foi ser, no caminho percorrido, uma contribuição para a evolução de estudos descritivos em textos evangélicos traduzidos, especialmente os publicados em união direta com o texto bíblico.

7 Referências Bibliográficas

ARTERBURN, Stephen. *Bíblia Desafios de Todo Homem*. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

BEVERE, John. *Debaixo de suas Asas: A promessa de proteção debaixo de sua autoridade*. Minas Gerais: Dynamus Editorial, 2002.

BÍBLIA das Descobertas: Descubra e Pratique a Palavra de Deus. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BOER, Roland; ELLIOTT, Scott S. (Org.). *Ideology, Culture, and Translation*. Atlanta: Society Of Biblical Literature, 2012. (Semeia Studies).

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Bíblias no Mercado: o poder dos consumidores e a competição entre os editores – o caso da sociedade bíblica do Brasil*. *Rever: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 12, n. 2, p.1-27, jul\dez de 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/14565>>. Acesso em: 27 maio 2016.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro:: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada*. *Revista Usp*, São Paulo, v. 1, n. 67, p.100-115, jul\nov. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13458>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p.173-191, jan. 1991. Tradução de Andréa Daher e Zenir Campos Reis.

CHESTERMAN, Andrew; WILLIAMS, Jenny. *The Map: A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002. 141 p.

CUNHA, Magali do Nascimento. *A Explosão Gospel: Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. (Teologia pra quê?).

D'HULST, Lieven. *Why and How to Write Translation Histories*. In: MILTON, John (Ed.). *Emerging Views on Translation History in Brazil*. São Paulo: Humanitas Fflich / Usp, 2001. p. 21-32.

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. *Os Tradutores na História*. São Paulo: Ática, 1998. (Coleção Múltiplas Escritas). Tradução de Sérgio Bath.

DITMORE, Michael (Ed.). *Devotional Literature*. In: KURIAN, George Thomas; III, James D. Smith (Ed.). **The Encyclopedia of Christian Literature**. Maryland:

Sacarecrow Press, 2010. Cap. 16. p. 57-60. Disponível em: <<http://bit.ly/2iFtiBC>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

ELLINGWORTH, Paul. Text and Translation: Model and Reality. In: SIMMS, Karl (Ed.). *Translating Sensitive Texts: Linguistic Aspects*. 2. ed. Atlanta: Rodopi, 2006. Cap. 16. p. 197-206.

ELIOT, Lise. *Cérebro Azul ou Rosa: O Impacto das Diferenças de Gênero na Educação*. Porto Alegre: Penso Editora, 2013. 407 p. Tradução de Maria Adriana Verissimo Veronese.

ENDO, Whaner. *A Práxis do Mercado Editorial Evangélico: Similaridades e Diferenças entre a Produção e Distribuição do Livro Evangélico e do Livro Secular no Brasil*. 2008. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação Social, Programa de Pós-graduação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo

EVEN-ZOHAR, Itamar. Factors and Dependencies in Culture: A Revised Outline for Polysystem Culture Research. *Canadian Review Of Comparative Literature*, Toronto, v. 24, n. 1, p.15-34, mar. 1997.

EVEN-ZOHAR, Itamar. POLYSYSTEM STUDIES. *Poetics Today: International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*. Durham, Carolina do Norte, Eua, v. 11, n. 1, p.1-267, nov. 1990.

EVEN-ZOHAR, Itamar. The Position of Translated Literature Within the Litterary Polysystem. In: VENUTI, Lawrence; BAKER, Mona (Ed.). *The Translation Studies Reader*. 2. ed. London: Routledge, 2004. Cap. 15. p. 192-197.

FISCHER, Steven Roger. *Historia da Leitura*. São Paulo: Unesp, 2005. 340 p. Tradução de Claudia Freire.

FRIES, Peter. Themes, Methods of Development, and Texts. In: HASAN, Ruqayia; FRIES, Peter. *On Subject and Theme: A Discourse Functional Perspective*. 2. ed. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1997. p. 317-360.

GABLER, John B.; WHEELER, Charles B.. *A Bíblia como Literatura*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2003. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Mana Stela Gonçalves

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. (Artes do Livro). Tradução de Álvaro Faleiros.

GENTZLER, Edwin. *Teorias Contemporâneas da Tradução*. 2. ed. São Paulo: Madras, 2009. Tradução de Marcos Malvezzi.

GIRALDI, Luiz Antonio. *História da Bíblia no Brasil*. Barueri-sp: Sbb, 2008.

GUTJAHR, Paul C. *An American Bible: A History of the Good Book in the United States, 1777-1880*. California: Stanford University Press, 1999. 256 p.

HANDS-ON BIBLE. California: Group Publishing. 2004

JESUS, Eriberto de. Bíblia do Pregador Pentecostal. Barueri: SBB, 2010.

KEMP, Jaime; KEMP, Judith. Bíblia da Família. Barueri: SBB, 2011.

LEWGOY, Bernardo. O livro religioso no Brasil recente: Uma reflexão sobre estratégias editoriais de espíritas e evangélicos. Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, v. 6, n. 6, p.51-69, out. 2004. LOTZ, Dorothy. Bíblia da Mulher. Barueri: SBB, 2007.

LOPES, Cristiano Camilo. O sagrado na literatura infantil e juvenil em processo de formação: da ordem humanista/religiosa das origens na colonização para o novo homem em processo no nosso tempo. 2012. 107 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LOTZ, Anne Graham. Prefácio. In: PATTERSON, Dorothy Kelley (Ed.). Bíblia da Mulher. 2. ed. Barueri: SBB, 2004. p. VII.

MALAFAIA, Silas. Os caminhos de Deus e as Contradições da Vida. São Paulo: Central Gospel, 2013.

MANNING, Brennan. Bíblia Transformação Pessoal. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

MARTENS, Elmer. Commentary Changes in Format and Focus. In: FINLAY, Timothy D.; YARCHIN, William. The Genre of Biblical Commentary: Essays in Honor of John E. Hartley on the Occasion of His 75th Birthday. California: Wipf And Stock Publishers, 2015. Cap. 3. p. 54-80.

MATOS, Alderi de Souza. Breve História do Protestantismo no Brasil. Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA, Goiás, v. 3, n. 1, p.27-53, jan. 2011.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUEZ FILHO, Prócoro. Introdução ao protestantismo no Brasil. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Protestantismo no Brasil: Um caso de religião e cultura. Revista USP, São Paulo, v. 12, n. 74, p.160-173, jun\ago 2007.

_____. O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008. 372 p.

MENDONÇA, Joêzer de Souza. O GOSPEL É POP: MÚSICA E RELIGIÃO NA CULTURA PÓS-MODERNA. 2009. 194 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Música, Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho", São Paulo, 2009.

MILLER, Stephen M.; HUBER, Robert V.. A Bíblia e sua História: o Surgimento e

o Impacto da Bíblia. 2. ed. Barueri: Sbb, 2010. Tradução de Magda D. Z. Huf e Fernando H. Huf.

MONNERAT, Rosane Mauro. A publicidade pelo avesso: propaganda e publicidade, ideologias e mitos e a expressão da idéia: o processo de criação da palavra publicitária. Niterói: Editora EdUff, 2003.

MOORE, Robert Laurence. Selling God: American Religion in the Marketplace of Culture. New York: Oxford University Press, 1995. 317 p.

NIELSEN, Annie Alvarenga Hyldgaard. A face oculta de Pagu: Um caso de pseudotradução No Brasil do século XX. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pós-graduação em Letras do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Cap. 3.

NUNES, Jakeline Pereira. Em Busca do Mais Valioso e Precioso Tesouro, Historiografia da Tradução da Bíblia de João Ferreira de Almeida. 2016. 220 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução Postrad, Departamento de Linguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

OMARTIAN, Stormie. Bíblia da Mulher que Ora. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

OSBORNE, Rick. Bíblia da galera radical. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

PAGANO, Adriana Silvina. As Pesquisas Historiográficas em Tradução. In: PAGANO, Adriana Silvina (Org.). Metodologias de Pesquisa em Tradução. Belo Horizonte: FALÉ-UFMG, 2001. Cap. 5. p. 117-146.

PAIVA, Angela Randolpho. Católico, protestante, cidadão: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos. São Paulo: Scielo - Centro Edelstein, 2010.

PALTRIDGE, Brian. Discourse Analysis: An Introduction. 2. ed. London: Bloomsbury Publishing, 2012. 296 p.

PATTERSON, Dorothy Kelley (Ed.). Bíblia da Mulher. 2. ed. Barueri: SBB, 2004.

PYM, Anthony; SHLESINGER, Miriam; SIMEONI, Daniel (Org.). Beyond Descriptive Translation Studies: Investigations in homage to Gideon Toury. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2008. 417 p.

RENDERS, Helmut. Pequenos Grupos na Tradução Metodista: Observações, análises e teses. Caminhando, São Paulo, v. 2, n. 7, p.68-95, dez. 2002.

RISTERUCCI-ROUDNICKY, D. Introduction à l'analyse des oeuvres traduites. Paris: Armand Colin, collection "Cursus", 2008.

- RUE, Nancy. Bíblia da Garota de Fé. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.
- SILVA, Nilo Tavares. Do Confronto Ao Diálogo: o estilo batista de ser e a questão ecumênica no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- SIMMS, Karl et al (Org.). Translating Sensitive Texts: Linguistic Aspects. 2. ed. Amsterdã: Rodopi, 2006.
- SOUZA, Renata Junqueira; GIROTTO, Cyntia. Estratégia de Leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: SOUZA, Renata Junqueira (Ed.). Ler e compreender: estratégias de leitura. Campinas: Mercado de Letras, 2010. Cap. 2. p. 45-114.
- STUMP, Eleonore. Mulheres e Crianças na Narrativa Bíblica. In: PATTERSON, Dorothy Kelley. Bíblia da Mulher. 2. ed. Barueri: Sbb, 2004. p. XIX.
- TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. Religiões em movimento: o censo de 2010. Petropolis: Vozes, 2013.
- TORRES, Marie-Hélène Catherine. Traduzir o Brasil Literário: Paratexto e discurso de acompanhamento. Santa Catarina: Copiart, 2011. Tradução de Marlova Aseff e Eleonora Castelli.
- TOURY, Gideon. Descriptive Translation Studies and Beyond. 3. ed. Shangai: Shanghai Foreign Language Education Press, 2001. 323 p. 314 p.
- YARCHIN, William. Introduction to the Volume. In: FINLAY, Timothy D.; YARCHIN, William (Ed.). The Genre of Biblical Commentary: Essays in Honor of John E. Hartley on the Occasion of His 75th Birthday. California: Wipf And Stock Publishers, 2015. p. 1-28.
- WATTS, James W.. Writing Commentary as Ritual and Discovery. In: FINLAY, Timothy D.; YARCHIN, William (Ed.). The Genre of Biblical Commentary: Essays in Honor of John E. Hartley on the Occasion of His 75th Birthday. Oregon: Wipf And Stock Publishers, 2015. Cap. 2. p. 40-53.

Apêndices

APÊNDICE A – Quarenta livros que fizeram a cabeça dos evangélicos brasileiros nos últimos quarenta anos

Ricardo Quadros Gouvêa

Disponível em: <http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/315/quarenta-livros-que-fizeram-a-cabeca-dos-evangelicos-brasileiros-nos-ultimos-quarenta-anos> (Acesso em 14/02/2017)

Toda lista é pessoal, e esta não é uma exceção, mas busquei seguir aqui critérios objetivos: livros que foram campeões de vendagem, citados e debatidos, que influenciaram e continuam influenciando os evangélicos brasileiros, livros muito lidos com alto índice de rejeição, e também os que hoje estão operando uma mudança paradigmática na cultura evangélica contemporânea. Escolhi no máximo um livro por autor e procurei incluir alguma diversidade cultural e de gênero literário, bem como denominacional e teológica, sem que isso nos tirasse do projeto original: listar os quarenta livros que, nos últimos quarenta anos, fizeram a cabeça do povo evangélico brasileiro. Ordenei a lista por ordem de importância: dos livros mais influentes aos menos influentes dentre os quarenta selecionados, independentemente da data. Divirta-se concordando ou discordando, corrigindo meus equívocos e fazendo sua própria lista.

1. “Mananciais no Deserto” – Lettie Cowman [Betânia]

Não há outro livro mais amado pelos evangélicos brasileiros. Este campeão de vendagem é um livro de leituras devocionais diárias que conquistou nosso país. O livro é, de fato, bom, mas desconfio que a tradução deu uma mãozinha.

2. “Uma Igreja com Propósitos” – Rick Warren [Vida]

O maior “best-seller” evangélico de todos os tempos é uma catástrofe literária. É ainda difícil calcular o dano que esta obra equivocada causou e ainda irá causar, com sua filosofia de ministério inteiramente vendida ao “Zeitgeist”, propondo a homogeneização das igrejas e um pragmatismo de dar medo.

3. “A Quarta Dimensão” – David Paul Yonggi Cho [Vida]

Este livro fez mais pelo movimento pentecostal no Brasil do que qualquer televangelista. O testemunho bem escrito do pastor coreano que vive cercado de milagres causou “frisson” até mesmo nos grupos mais conservadores. Seu modo de ver a vida com Deus e o ministério marcaram as últimas décadas.

4. “A Agonia do Grande Planeta Terra” – Hall Lindsay [Mundo Cristão]

Calcado no pré-milenismo dispensacionalista de Scofield, este “best-seller” apocalíptico empolgou os profetas do fim do mundo no Brasil, com sua interpretação literalista imprudente e seu patriotismo norte-americano acrítico. Lindsay foi o arauto de três décadas das mais absurdas especulações escatológicas em nossas igrejas.

5. “O Ato Conjugal” – Tim e Beverly La Haye [Betânia]

Sexo é um assunto importante, e o povo ansiava por uma orientação em face da revolução sexual dos anos 60. Daí o sucesso de um livro bem escrito como este, didático e conservador, ao gosto da moral evangélica, mas sem ser inteiramente obtuso. Mesmo assim, muitos o chamaram de pornográfico. Nada mais injusto.

6. “Este Mundo Tenebroso” – Frank Peretti [Vida]

A ficção convence mais rápido. Revoluções acontecem inspiradas por romances, e não por tratados filosóficos. Peretti, com seu horror cristão, nos ensinou o significado da batalha espiritual nos anos 80, reencantou o submundo evangélico, inspirou pregadores e, o que não é nada ruim, motivou muitos adolescentes a ler obras de ficção bem melhores.

7. “A Morte da Razão” – Francis Schaeffer [ABU]

A intelectualidade evangélica adotou este livro como alicerce nos anos 70, para enfrentar o existencialismo, o movimento “hippie”, o marxismo e a contracultura em geral. O livro convencia que o cristianismo não era incompatível com o estudo e a reflexão. É uma pena que Schaeffer estivesse tão equivocado em suas idéias centrais.

8. “Celebração da Disciplina” – Richard J. Foster [Vida]

Este clássico da espiritualidade cristã, escrito por um quacre, fez um tremendo sucesso no Brasil a partir dos anos 80. É excelente, mas será que todos que o compraram de fato o leram? Gostaria de perceber uma maior influência das idéias de Foster em nosso povo, mais oração, silêncio, calma, estudo, empenho, enfim, disciplina espiritual.

9. “De Dentro para Fora” – Larry Crabb [Betânia]

Os livros devocionais evangélicos de viés psicológico ou de auto-ajuda são os títulos que mais vendem. Dentre eles, alguns se destacam não só por serem campeões de vendagem, mas porque são os melhores do gênero. Crabb é o melhor autor do gênero e este é seu melhor livro, que impactou o nosso povo nos anos 90.

10. “Louvor que Liberta” – Merlin R. Carothers [Betânia]

Este pequeno e poderoso manifesto em forma de testemunho revolucionou, nos anos 70, o louvor e a adoração no Brasil. O bom capelão ensinou a todos nós a espiritualidade da adoração, o poder do louvor, impulsionando as guerras litúrgicas que marcariam a vida de nossas comunidades a partir de então.

11. “Vivendo sem Máscaras” – Charles Swindoll [Betânia]

Outro “best-seller” devocional dos anos 90, de viés psicológico e de auto-ajuda, com o vigor característico das obras de Swindoll, escritas a partir de suas pregações. Muitos se sentiram não apenas edificados, mas tocados e transformados.

12. “A Cruz e o Punhal” – David Wilkerson [Betânia]

Outro opúsculo dos anos 70 que, na forma de um testemunho pessoal, inspirou os jovens evangélicos a uma fé mais comprometida. Curiosamente, não levou as igrejas a um investimento em missões urbanas, idéia que permeia todo o livro. Talvez o Brasil evangélico dos anos 70 não estivesse pronto para missões urbanas.

13. “Crer é Também Pensar” – John Stott [ABU]

Stott é um ícone no Brasil, um nome respeitado pela sua erudição e sua notável produção literária, apesar de estar invariavelmente sob suspeita de heresia pelos mais neuróticos. O fato é que a qualidade de seus livros varia. Seu excelente “Ouça o Espírito, Ouça o Mundo” merece mais atenção. Já o opúsculo selecionado, tão conhecido desde os anos 70, não tem muito a dizer além do título.

14. “O Senhor do Impossível” – Lloyd John Ogilvie [Vida]

Outro devocional que emplacou no Brasil nos anos 80, não sem méritos. É o maior sucesso do autor, ainda que inferior a “Quando Deus Pensou em Você”, que o antecedeu. O livro estimula a fé e nos faz mais esperançosos, apesar da teologia rasa.

15. “A Família do Cristão” – Larry Christenson [Betânia]

Antes de Dobson e tantos outros, Christenson já era “best-seller” nos anos 70. Pioneiro entre os que se pretendem auxiliares da vida familiar cristã, ele foi estudado nos lares por grupos e células, em escolas dominicais etc. Sua eficácia é comprovada.

16. “O Jesus que Eu Nunca Conheci” – Philip Yancey [Vida]

Os anos 90 assistiram ao aparecimento de um dos mais argutos e estimulantes autores evangélicos de todos os tempos: o audaz Yancey, que começou a apontar para o paradigma emergente em livros como “Alma Sobrevivente”, “Descobrimo Deus nos Lugares mais Inesperados”, “Maravilhosa Graça”, “Rumores de Outro Mundo”,

“Decepcionado com Deus” e tantos outros livros excelentes. E o mais conhecido e lido parece ser mesmo “O Jesus que Eu Nunca Conheci”.

17. “O Discípulo” – Juan Carlos Ortiz [Betânia]

Poucos livros foram tão impactantes nos anos 70 quanto esta obra que, excepcionalmente, não vinha do mundo anglo-saxão, mas da Argentina. Por isso mesmo, Ortiz tinha uma outra linguagem, um discurso que convencia os jovens brasileiros da seriedade e do valor de se tornar mais do que um mero freqüentador de igrejas, um genuíno discípulo de Cristo.

18. “Bom Dia, Espírito Santo” – Benny Hinn [Bompastor]

O neopentecostalismo brasileiro é, em grande parte, de inspiração norte-americana. Talvez o nome mais importante nesse processo seja o do “showman” evangélico Benny Hinn, que desde os anos 90 assombra os norte-americanos pela televisão com seus feitos espetaculares. Mesmo quem não o leu conhece sua influência no Brasil.

19. “O Refúgio Secreto” – Corrie Ten Boom [Betânia]

O testemunho desta nobre senhora holandesa encantou também o Brasil, onde seu livro foi um grande sucesso nos anos 70. Suas aventuras durante a Segunda Guerra Mundial, sob o pano de fundo de sua educação em um lar cristão, são comoventes e inspiradoras.

20. “A Autoridade do Crente” – Kenneth Hagin [Infinita]

Hagin foi um divisor de águas no mundo evangélico, pois desde sua influência os crentes “tomam posse”, “determinam”, “amarram” e “exigem”. Uma nova forma de falar se fez presente, o que gerou muitas novas piadas também.

21. “Entendes o que Lês?” – Fee e Stuart [Vida Nova]

Que bom que um livro sério como este foi tão lido e estudado no Brasil. Trata-se de um compêndio de hermenêutica bíblica sem complicações, em linguagem acessível, adotado por quase todos os seminários e estudado até mesmo nas EBD's e pequenos grupos. Este livro fez muito pela educação bíblica dos evangélicos brasileiros.

22. “Culpa e Graça” – Paul Tournier [ABU]

Não há, com raras exceções, psicólogo cristão que não considere este livro um fundamento e um marco do pensamento cristão. Mas ele não se limita a isso, tendo tido considerável influência na teologia evangélica brasileira nos anos 90, preparando nosso povo para o paradigma emergente do século 21.

23. “Novos Líderes para Uma Nova Realidade” – Caio Fábio D’Araújo Filho [Vinde]
Este opúsculo foi, se não o mais lido, certamente o mais importante dos numerosos livrinhos do pastor Caio Fábio, fenômeno de popularidade no Brasil nos anos 80 e 90, pastor midiático, influente, contundente, imitado, adorado e odiado. Caio nos ensinou a ver as coisas de outro jeito, e seu legado não vai desaparecer.

24. “Vida Cristã Normal” (ou “Equilibrada”, na reedição) – Watchman Nee [Editora dos Clássicos]

O controverso evangelista e autor chinês Nee teve muita influência nos anos 70 e 80, com sua visão mística do que significa ser um cristão evangélico conservador. Este livro foi seu maior sucesso, um comentário de Romanos, ainda que seu livro mais objetivo e claro seja “A Liberação do Espírito”.

25. “É Proibido” – Ricardo Gondim [Mundo Cristão]

Gondim é um dos melhores e mais polêmicos autores evangélicos contemporâneos. Seus livros, como *Eu Creio, Mas Tenho Dúvidas*, *O que os Evangélicos (Não) Falam*, *Orgulho de Ser Evangélico*, são sempre interessantes. Nenhum, porém, foi tão influente e marcante como “É Proibido”, um verdadeiro libelo anti-legalista.

26. “Conselheiro Capaz” – Jay Adams [Fiel]

Adams era uma pessoa muito simpática. Sua escola de aconselhamento cristão é muito antipática. Diferentemente de Crabb, por exemplo, problemas emocionais têm origem fisiológica ou pecaminosa. Por isso, é preciso confrontar as pessoas e insistir na mudança do seu comportamento. Foi um sucesso nos anos 80. Haja behaviorismo!

27. “Quebrando Paradigmas” – Ed René Kivitz [Abba Press]

Este livro foi decisivo para que os evangélicos brasileiros começassem a enxergar a outra margem do rio, a margem pós-evangélica do paradigma emergente. Kivitz é um autor surpreendente e notável, de mente dinâmica e arejada, que propõe importantes rupturas e renovações, como em seu outro livro “Outra Espiritualidade”.

28. “O Amor Tem Que Ser Firme” – James Dobson [Mundo Cristão]

O conhecido “Dr. Dobson” é pensador e autor de grandes qualidades e grandes defeitos. Seus livros, como “Educando Crianças Geniosas”, ajudam famílias e promovem uma espécie de teologia aplicada que merece atenção. Há, porém, muito que não se deveria levar a sério, já que vai contra o que há de mais consagrado na psicologia moderna.

29. “Supercrentes” – Paulo Romeiro [Mundo Cristão]

O autor de “A Crise Evangélica” tem talento e tem algo a dizer. Seus textos, especialmente o famosos “Supercrentes”, têm apontado para os exageros e enganos de muitas posturas comuns no meio evangélico contemporâneo.

30. “Cristianismo e Política” – Robinson Cavalcanti [Ultimato]

Trata-se de um clássico. Este livro está nas origens de toda reflexão política evangélica. Robinson é importante por outras questões, como seus livros sobre sexualidade (“Uma Bênção Chamada Sexo”, “Sexualidade e Libertação”), mas sua contribuição permanente é o estímulo que deu à reflexão política evangélica.

31. “O Evangelho Maltrapilho” – Brennan Manning [Mundo Cristão]

Não há outro autor mais importante no meio evangélico nos últimos dez anos do que Brennan Manning. Seus livros devocionais, como “O Impostor que Vive em Mim”, “A Assinatura de Jesus”, “O Obstinado Amor de Deus”, estão transformando radicalmente a maneira como os evangélicos entendem a vida cristã. Eu fico muito grato.

32. “O Pastor Desnecessário” – Eugene Peterson [Mundo Cristão]

Peterson é muito estimado no meio evangélico brasileiro e um dos autores mais bem avaliados dos últimos tempos. Responsável por projetos como “The Message” (excelente paráfrase bíblica), tem nos galardoado com obras como “Corra com os Cavalos”, “A Oração que Deus Ouve”, “A Vocação Espiritual do Pastor”, “Transpondo Muralhas”, entre outros. Selecionei o que talvez seja o mais importante.

33. “Poder Através da Oração” – E. M. Bounds [Batista Regular]

Nos anos 70, quando não havia ainda bons livros sobre oração, como o de Richard Foster ou o de Eugene Peterson, os livros de Bounds sobre oração circulavam de mão em mão, trazendo avivamento às igrejas. Hoje Bounds está quase esquecido. Quase.

34. “Cristo é o Senhor” – Dionísio Pape [ABU]

No fim dos anos 60 e começo dos anos 70, o nome de Pape se destacava pela espiritualidade, profundidade e sucesso ministerial. Seu opúsculo “Cristo é o Senhor” levou muitos à consagração e ao ministério.

35. “O Caminho do Coração” – Ricardo Barbosa [Encontro]

Barbosa (junto com Osmar Ludovico, James Houston e outros) é responsável pelo retorno ao interesse pela mística cristã em nosso país. Seus livros nos ensinam uma outra atitude não somente em relação à vida, mas também em relação à teologia. Uma atitude contemplativa.

36. “O Novo Testamento Interpretado” – R. N. Champlin [Hagnos]

Não privilegiei obras teológicas e comentários bíblicos nesta lista porque tais livros, em geral, não vendem bem e sua influência é pequena. Uma exceção precisava ser feita em relação ao favorito das bibliotecas. O empenho exaustivo de Champlin precisava ser lembrado, pois ainda vende bem e é o comentário primordial dos evangélicos.

37. “Icabode” – Rubem Martins Amorese [Ultimato]

Este livro pode não ter sido tão lido quanto é citado, mas definiu um novo tipo de reflexão cristã no Brasil, que propõe diálogo com a cultura em outro nível que não o da evangelização, e sim o da discussão de valores e princípios que podem levar nossa sociedade para um patamar melhor ou pior. É uma boa influência.

38. “A Bíblia e o Futuro” – Anthony Hoekema [Cultura Cristã]

Este estudo do Apocalipse cresceu em importância no Brasil em uma época em que quase não havia obra que fizesse uma defesa do amilenismo, apesar dos pouco conhecidos esforços de Harald Schally. O livro provocou conversões em massa a partir dos anos 80, e a escatologia nunca mais foi a mesma no Brasil.

39. “Cristianismo Puro e Simples” – C. S. Lewis [Martins Fontes]

Também conhecido como “Mero Cristianismo”, a busca de Lewis pelo denominador comum da fé cristã impacta brasileiros desde os anos 70. Seleciono o livro simbolicamente, já que Lewis não poderia ficar de fora, seja por causa de “Os Quatro Amores”, “Milagres”, “Cartas do Inferno” ou “As Crônicas de Nárnica”.

40. “A Mensagem Secreta de Jesus” – Brian D. McLaren [Thomas Nelson]

Em 2007 o leitor evangélico brasileiro foi surpreendido por este livro do mesmo autor de “Uma Ortodoxia Generosa”. Fiquei admirado ao ver como todos passaram a conhecer e a comentar a obra de McLaren, que representa melhor do que ninguém o paradigma teológico evangélico emergente. Não dá pra não ler.

• Ricardo Quadros Gouvêa é ministro presbiteriano e professor de teologia e de filosofia.

Novembro-Dezembro 2008

Visualizações: 302355

40 comentário(s)